



## PONTES

Mariana Calaça Baptista

Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, orientada pela Professora Doutora Luísa Arroz e apresentada à Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha



## Agradecimentos

Em primeiro lugar e porque nada se faz sem um enquadramento, gostaria de agradecer aos Professores da Escola Superior de Artes e Design pela sua mestria em despertar os seus alunos para este tema das Artes que aqui na cidade de Caldas da Rainha, ganha um novo sentido no meu percurso profissional.

À minha querida Avó Henriqueta que faleceu no decorrer deste Mestrado. Muito obrigada por tudo por esta vida fora. Foste e serás sempre muito especial.

Aos meus pais que sempre me apoiaram na retaguarda e ao meu irmão que vibrou com os resultados das minhas provas de forma entusiasta, quero deixar aqui um especial agradecimento na forma como sempre estiveram presentes e me motivaram nos momentos de mais trabalho.

E por fim a todas pessoas que me acompanharam neste processo, sendo tolerantes o possível de forma a que eu tenha podido conciliar o meu estudo com a minha atividade profissional.

A todos os amigos e mais próximos que me acompanharam nesta jornada e que com o seu carinho me inculcaram esta paixão pela Gestão Cultural.

À minha família. Obrigada por tudo.

A todos os que esperam a concretização deste Mestrado e aguardam a minha participação em novos projetos profissionais.

Estás tan libre como una paloma  
Que risca el cielo en un nuevo día  
Por eso cantalo ahora mismo...  
Ya...o mañana no será tarde  
Todas las maravillas de tus ansiedades  
Toda la beleza de las verdades  
Y danza com las mariposas de las mañanas  
Tocando tu cara com una só colorida alla  
Encuanto vives con pasión esta nueva alegria  
Dibujando una sonrisa en la cara de quien passa  
En la misma calle de tu vida.

Madrid 2003

A João Martins Pereira, obrigada pela foto da capa.

## Índice

Introdução .....	
Parte I: Importância do turismo de cultura como motor de transformação nas cidades históricas.	
Capítulo I: O Conceito de <i>Ponte Cultural</i> .....	
Capítulo II: Património, Turismo e Cultura no desenvolvimento das comunidades.....	
Parte II: Evolução das marcas culturais no território de Óbidos e Caldas da Rainha.	
Capítulo I: Estudo do software e hardware cultural em Óbidos e Caldas da Rainha.	
1.1. A ligação histórica e urbana de Óbidos e Caldas da Rainha.	
1.2. Análise urbana e territorial de Óbidos e Caldas da Rainha.	
1.3. Estrutura sociodemográfica de Óbidos e de Caldas da Rainha.	
1.4. Pontes e muros políticos e territoriais. O que nos une e o que nos separa.	
1.5. O potencial turístico e cultural de Óbidos e de Caldas da Rainha.....	
1.6. O potencial artístico de Óbidos e de Caldas da Rainha	
1.7. Marcas culturais nos dois territórios.....	
Parte III: Projeto “Pontes” .....	
Capítulo I: O Projeto de ligação cultural e linguística (origem).....	
1.1. Projeto.....	
1.2. Descrição do projeto.....	
1.3. Posicionamento.....	
1.1. Missão.....	
1.2. Visão.....	
1.3. Valores.....	
1.4. Objetivos.....	
1.5. Atividades.....	
1.6. Análise SWOT.....	
1.7. Análise PEST.....	
1.8. Casos de Estudo.....	
1.9. Impacto Turístico e cultural.....	
Conclusão.....	

## ANEXOS

Inventário de património arquitetónico.

Lista de unidades turísticas locais de referência.

Recortes de imprensa de eventos mais relevante.

Cronologia

Bibliografia .....

Webgrafia.....

## Índice de imagens

Imagem 1. Enquadramento de <i>place specific</i> .....	pág. 10
Imagem 2.- Site do Turismo de Portugal.....	pág. 11
Imagem 3. Quadro de análise das redes culturais em estudo.....	pág. 16
Imagem 4.- Mapa Região Oeste com áreas de influência.....	pág. 20
Imagem 5.- Site de Carcassonne.....	pág. 21
Imagem 6.- Site de Carcassonne . Agenda de Eventos.....	pág.21
Imagem 7.- Site de Toledo.....	pág.22
Imagem 8.- Site de York.....	pág.22
Imagem 9.- Site de York. Oferta de experiências.....	pág. 23
Imagem 10. Imagem do site do Posto de Turismo de Óbidos.....	pág. 24
Imagem 9. Imagem do site do Posto de Turismo das Caldas da Rainha .....	pág. 25
Imagem 10. Imagem da APP City Guide.....	pág. 26
Imagem 11. Mapa de edifícios inventariados das Caldas da Rainha.....	pág. 27
Imagem 12.- Mapa de edifícios inventariados em Óbidos.....	pág. 27
Imagem 15.- Capa do Sumário Executivo do Projeto Uma Metrópole para o Atlântico da Fundação Calouste Gulbenkian.....	pág.32
Imagem 16. Fotografia da NASA da Península Ibérica à noite.....	pág. 34
Imagem 17.- Ortofotomapa das Caldas da Rainha.....	pág.35
Imagem 18.- Ortofotomapa de Óbidos.....	pág.35
Imagem 19.- Análise urbana. Mapa de MCB.....	pág.36
Imagem 20.- Análise das linhas de força do território. Mapa de MCB.....	pág.36
Imagem 21.- Local Action Plan (2011).....	pág.37
Imagem 22.- Análise urbana. Mapa de Acessibilidades. Mapa de MCB.....	pág.37
Imagem 23.- Análise urbana e espaços verdes. Mapa de MCB.....	pág.38

Imagem 24.- Análise urbana e impacto turístico. Mapa de MCB..... pág.38

Imagem 25.- Site Quadrilátero..... pág.61

## Índice de Quadros

Quadro 1.- Diagrama de tipologias de Marketing Territorial.....	pág. 20
Quadro 2.- Óbidos Local Action Plan (2011).....	pág. 30
Quadro 3.- Mateus e Associados. O sector cultural e criativo em Portugal.....	pág. 33
Quadro 4.- Visitantes de museus por habitante.....	pág. 34
Quadro 5.- Relatório Centro Cultural de Congressos das Caldas da Rainha (2016)	pág. 38
Quadro 6.- Eventos nas últimas 4 décadas em Óbidos.....	pág. 39
Quadro 7.- Eventos nas ultimas 4 décadas em Caldas da Rainha.....	pág. 39
Quadro 8.- Eventos nas ultimas 4 décadas. Quadro comparativo.....	pág. 40
Quadro 9.- Descrição dos principais eventos em Caldas da Rainha e Óbidos.....	pág. 41
Quadro 10.- Entidades culturais das Caldas da Rainha e Óbidos.....	pág. 47
Quadro 11. Cronograma de ações de projeto.....	pág. 50
Quadro 12.- Entidades a envolver no projeto.....	pág. 51
Quadro 13.- Análise SWOT.....	pág. 51

## Introdução

A atual conjuntura em que vivemos e a obrigatoriedade de criar parcerias, ligações e sinergias entre instituições e atores da comunidade, criou a necessidade de neste enquadramento, estudar Óbidos e Caldas da Rainha, cujo passado comum e a mesma génese histórica, criam as possibilidades de a médio prazo se pensar de forma macro num território que, quando devidamente articulado, pode potenciar os projetos culturais que aqui forem desenvolvidos. São estas oportunidades, que a cultura, quando devidamente associada à estratégia dos autarcas, permite que as populações passem a entender o País como parte de um todo, sendo o princípio fundamental, para potenciar o que é a razão da União Europeia e do Mundo.

O software e hardware do território aqui dissecados, permitem-nos conhecer as potencialidades regionais, e o estudo estatístico aqui apresentado, sobre os atores e o investimento nas áreas culturais e criativa na Região, onde estes dois municípios se encontram, além dos projetos mais estruturantes que a memória nos deixou num legado de décadas de iniciativas de programação cultural nos dois municípios, em paralelo na maioria dos momentos.

Pensar no futuro deste território de forma macro é uma oportunidade benéfica para a população, conforme se poderá avaliar.

A análise das redes do ponto de vista teórico, permite que na Parte II desta dissertação se elabore um projeto de narrativa histórica, que tem por base a “palavra”, que é o nosso património comum nacional, e que permite que a nossa cultura seja entendida como o maior legado do “ser Português”. Nessa proposta, a grande ponte- a língua de Camões- é o ponto de partida para uma abordagem territorial que permite que através da sinalética se entendam lugares comuns do nosso património e da nossa Região.



## **Parte I: Importância do turismo de cultura como motor de transformação nas cidades históricas.**

O tema irá ser desenvolvido do ponto de vista do enquadramento teórico do turismo cultural. As redes dos Municípios em estudo, Óbidos e Caldas da Rainha e o seu posicionamento face aos nichos que foram desenvolvidos nas últimas décadas, formalizam resultados que derivam no reconhecimento da UNESCO, em Óbidos, ou na sede da Associação das Vilas e Cidades com Cerâmica em Caldas da Rainha.

### **Capítulo I: O Conceito de *Ponte Cultural***

O conceito de Ponte Cultural, e o que pode aqui ser exemplificado por vários projetos já existentes no País, por exemplo o caso de estudo da Artemrede, que analisamos neste capítulo com a criação das redes culturais, nacionais e internacionais. Estas redes proporcionam aos países que dela fazem parte, a possibilidade de aceder a um grupo onde além dos direitos fundamentais da educação, saúde, ciência e comunicação, a cultura intercede na possibilidade de criar uma maior tolerância, talento e possibilidades de educação a uma camada mais vasta da população mundial.

### **Capítulo II: Património, Turismo e Cultura no desenvolvimento das comunidades.....**

Através do Marketing territorial, faz-se neste capítulo uma abordagem ao potencial da Região, nomeadamente Óbidos e Caldas da Rainha, abordando as suas características e a forma como influenciam os resultados desta análise seja na sua relação entre o património construído e o espaço urbano e rural da envolvente, seja pelo estudo estatístico dos dados fornecidos pelo INE no estudo das comunidades.

### **Parte II: Evolução das marcas culturais no território de Óbidos e Caldas da Rainha.**

Análise dos projetos desenvolvidos pelos dois Municípios ao longo das décadas, principalmente depois dos anos 70 com uma respetiva análise urbana das linhas de força do território. A História. O espaço. A Comunidade.

### **Capítulo I: Estudo do software e hardware cultural em Óbidos e Caldas da Rainha.**

Abordagem sistemática das várias componentes deste estudo na forma como as instituições (software) ou as infraestruturas (hardware) organizam o território em análise do ponto de vista dos projetos culturais e artísticos nas comunidades culturais de Óbidos e Caldas da Rainha com a respetiva recolha estatística que permite ter dados concretos sobre o potencial das duas comunidades e em que projetos são complementares.

### **Parte III: Projeto “Pontes”**

Descrição do projeto pelo qual este projeto defende uma agregação da linguagem através das memórias históricas do território, que quando unificadas, agregam uma narrativa que corresponde à matriz secular destes dois concelhos. O que se pretendeu analisar foi a estrutura que de forma contemporânea pode comunicar o potencial histórico.

### **Conclusões**

## Sumário Executivo

The present thesis analyzes the Municipalities of Óbidos and Caldas da Rainha in their tourist, cultural and artistic complementarity in order to structure the work base of a project called "Pontes", name inspired by the original "Pontis" by Michael Pinsky in Halsend, Together, it prepares the analysis for the proposal in the Region of a narrative based on the common history of Óbidos with the city of Caldas da Rainha, from which it originates and whose approximation by the word, allows us to understand the same historical matrix that when uniting the two Municipalities creates a bridge that facilitates their urban, artistic and cultural understanding. The thesis analyzes the territory and the project proposes a concrete action that uses as base the study of the associations and human patrimony (software) and the infrastructures and their patrimonial value (hardware).

Palavras chave: Marketing territorial, programação cultural, rede, partilha.

### **Parte I: Importância do turismo de cultura como motor de transformação nas cidades históricas.**

Teremos de recuar à década de 90 para entender localmente quais as ações desenvolvidas no território em análise, para que se reflita sobre a evolução dos projetos culturais na Região. Eram os gloriosos anos de ouro em que existiu a possibilidade financeira de proporcionar às populações locais projetos estruturantes como o SIMPETRA em Caldas da Rainha, ou o Junho das Artes em Óbidos. Essas opções programáticas são o resultado de um esforço dos municípios em se diferenciarem no panorama cultural Português por uma oferta de muita qualidade, e que já então atraiu artistas de todo o mundo para expor na região. Foi apenas com a crise de 2008 que a situação mudou de paradigma nos dois municípios, seja pela implementação de projetos de cariz mais temático e comercial ou pelo abandono das iniciativas.

Recuperada a economia e com o boom do turismo que teve início em 2012, regressamos ao turismo de massas e à procura de eventos culturais que o suportem. Nesse enquadramento surgiu uma nova tendência que é advogada de um turismo sustentável e ecológico que será o pretendido para estas duas comunidades. Conforme os autores (Ferreira, Seabra e Paiva) "O turismo sustentável deixou de ser um nicho de mercado e começa a ampliar o seu raio de ação. A rede de *slow cities /cittaslow* é o exemplo claro desse processo, presente em 27 países, expondo a forma como a ideologia *slow* tem vindo a prosperar, transportando os ideais de sustentabilidade também para contextos urbanos. Percebe-se então, que o conceito *slow* é relevante para a valorização turística das cidades, com colossais competências para um desenvolvimento sustentável em termos económicos, ambientais e de igualdade social" em *Slow cities |Cittaslow: Os espaços urbanos do movimento slow* (Ferreira, Seabra e Paiva, Revista Turismo e desenvolvimento, 2014). Neste enquadramento as cidades de baixa densidade como Caldas da Rainha e Óbidos são foco de atrações desequilibradas de turistas/público para os seus territórios, seja no caso de Óbidos com demasiados visitantes e poucos turistas ou no caso de Caldas da Rainha que agora se prepara para um novo paradigma com a recuperação dos Pavilhões do Parque para a ocupação deste património para um hotel de 5 estrelas, o Montebello Bordalo.

Será importante fazermos uma introdução à definição dos diferentes públicos: -Visitantes são todos e quaisquer pessoas que passam por um território por menos de 24 horas e no qual não pernoitam, passando apenas de forma esporádica e passageira por um local.- Turistas são todas e quaisquer pessoas que permaneçam por mais de 24 horas e que apreendem alguma da cultura de um local, sempre que o ócio lhes é permitido por satisfação da sua vida laboral, e no qual investem o seu tempo e disponibilidade financeira na estadia nesse local, trocando a sua residência por um outro destino.

Será também importante salientar que a diversidade formal do espaço de produção e consumo turístico está em mudança, sendo que segundo o autor (Vera, 2011), “La creciente diversidad y pluralismo de la cultura contemporánea están provocando que los centros turísticos convencionales no sean necesariamente los únicos lugares de producción de simbología significativa em temas de recreación y turismo. Esta constatación há sido interpretada, además, desde el punto de vista del análisis de la construcción del imaginário social. Así, por ejemplo, determinadas perspectivas epistemológicas, como el posmodernismo, han planteado que, entendiendo que tres de sus características claves son a) el rechazo de los individuos a ser tratados como parte de una masa indiferenciada; b) la disolución de límites entre las diferentes formas de cultura- de elite y popular- y contenidos culturales- arte, música, pintura y tecnología-, y c) la participación activa em las experiencias de consumo cultural, la progresiva diversificación y pluralización del espacio turístico debe interpretarse em el marco de um processo general de cambio cultural”. Esta associação viabiliza que territórios que não tinham apetência turística se tornem foco de atração denominada como pós-turísticas. O capital cultural associado a um destino turístico é assim o reflexo de uma atmosfera local que se torna num foco de atração e princípios geralmente supérfluos tornam-se como maioritariamente importante quando se decide um plano de visita. Neste sentido o destino turístico não é apenas um espaço real e objectivo, mas sim um espaço de representação cultural. O que fica por responder será efectivamente que tipo de turismo tem uma cidade histórica e como se relaciona com os outros tipos de turismo e certamente outras cidades? A resposta a esta pergunta estará na criação de um turismo *place specific* que significará que a própria atração é o *genius loci* ele mesmo, e é certamente o que interessa para este raciocínio.

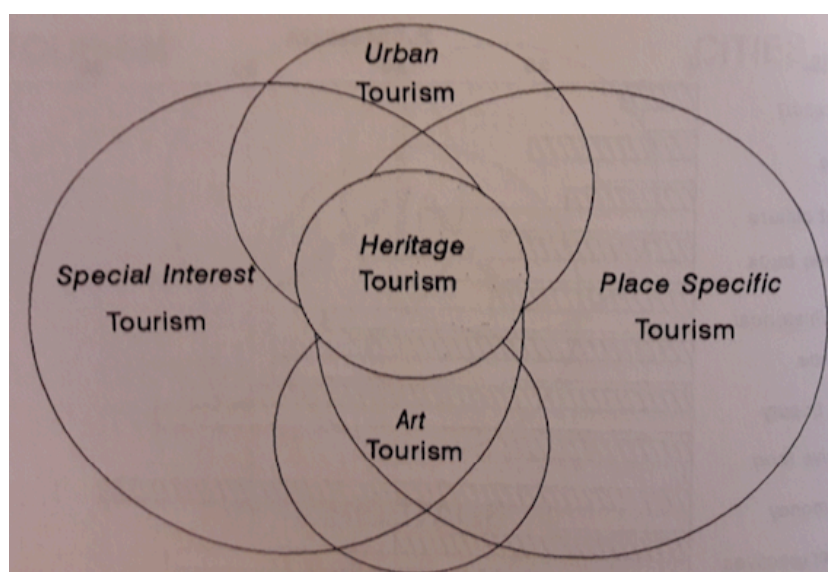
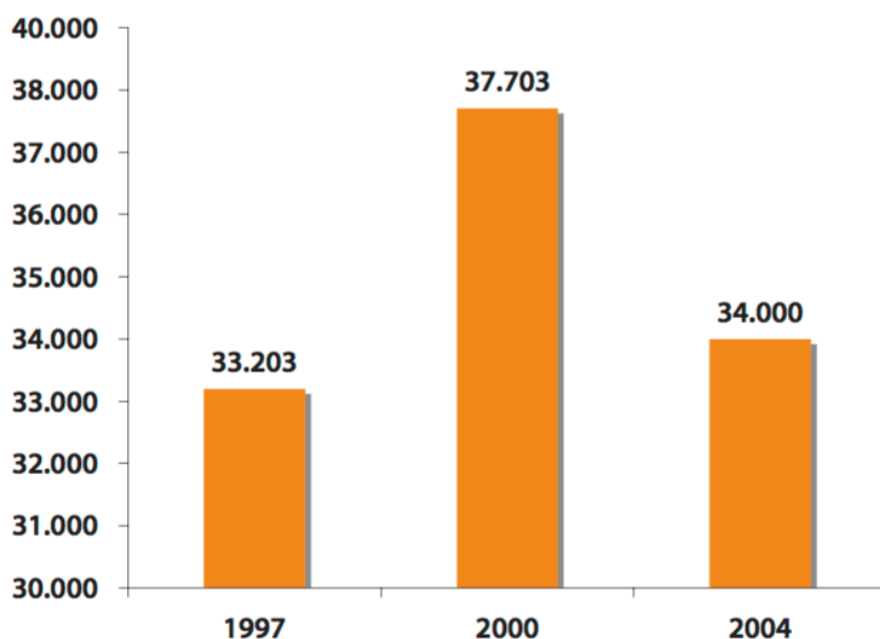


Imagem 1. Enquadramento de *place specific*.

Conforme o site da Proturismo, houve um decréscimo depois de 2000 que atingiu níveis bastante inferiores em 2004 e que se estendeu até 2012, altura em que se recuperou da grande crise de 2008 em Portugal e que foi consequência da bolha do imobiliário a nível internacional. Com a conjuntura favorável para Portugal, numa tendência política internacional instável após a primavera árabe do Norte de África, o mercado turístico em Portugal, atinge aos dias de hoje valores nunca antes vividos, sendo um enorme suporte nas economias da cidade de Lisboa e em todas aquelas que são reconhecidamente destinos turísticos como Óbidos. Caldas da Rainha como cidade de baixa densidade e que sustenta o seu volume turístico no Hospital Termal e na cerâmica, poderá recuperar alguns turistas que permaneçam mais de 3 a 5 dias na cidade.

### **Evolução do volume de viagens de *city breaks*. Período 1997 – 2004 (milhares)**



**Fonte:** Estimativas THR com base em dados do European Travel Monitor, IPK

#### **Imagem 2.- Site do Turismo de Portugal.**

Associar a cultura dos territórios permite não só a profissionalização da área com retorno para os seus agentes culturais locais, como também aumentar a oferta de experiências de valor que possam comunicar as narrativas de cada localidade, como um fator de *place specific*.

A nível global o fator transformativo da cultura nas comunidades tem vindo a modificar a “identidade” das cidades, evoluindo para marcas que estão mais associadas a projetos internacionais como a UNESCO ou outras de referência a que se possa recorrer no sentido de construir uma imagem cada vez mais global como a Associação Portuguesa das cidades e vilas cerâmicas.

## Capítulo I: O Conceito de *Ponte Cultural*

Não existindo uma definição oficial de ponte cultural pela academia, há muitos exemplos de Municípios ou Países que tenham estabelecido pontes culturais formais ou informais, seja pela história dos descobrimentos e a difusão da lusofonia, ou por parcerias que se tenham estabelecido entre cidades ou nações por todo o mundo. Interessam-nos para este tema que iremos desenvolver mais adiante, todas aquelas que são gémeas em alguma tipologia ou disciplina das artes. Esse conceito que está por detrás da ligação entre pessoas de geografias diferentes cria um conceito informal de ligação entre povos, que tem ao longo dos tempos criado ligações em todo o mundo. Nesta dissertação ganham um foco mais local na afirmação de um território que se apresenta com um conjunto de características distintas.

O uso da língua Portuguesa ou outras por todo o mundo, é abordado como a principal consequência dessa ponte cultural, e cria um clima híbrido de subtração e adição cultural consecutivo, que é visto por alguns autores como um fator de atração e convivialidade, nas áreas de negócio, mas que no entanto, desvanece o legado cultural próprio de cada povo, evoluindo cada vez mais para uma globalização que subtrai características próprias que a nós nos interessam como refere o autor Miric e Gaipov no livro *Building cultural brigdes in Education* (2013). A esse processo de globalização, existe um outro de hibridação, em que o pós-moderno vai buscar influências passadas para a contemporaneidade de tal forma que tradições e culturas antigas são reintroduzidas no quotidiano de forma a renascer num legado cultural sem tempo, como o caso das barbearias vintage com tecnologia actual. É referido também através do uso da internet que aproxima culturas até a um entendimento, em que ambos se influenciam e misturam, perdendo-se a origem do estilo ou cultura própria “Most multilingual situations are associated with a high degree of code-switching and code-mixing, encouraged by the rapid expansion of the internet. There will be a degree of hybridity as one culture influences and is influenced by another. To take an example of this hybridity from pottery-making, a modern potter from England, Felicity Aylieff, has been collaborating with Chinese potters to produce traditionally-shaped Chinese vases but decorated with modern designs. The traditional shape of the Chinese vase interacts with modern Western designs to create a hybrid work of art, bringing two cultures together in striking and original ways.” (Miric e Gaipov.2013, pág. 5).

Esta grande rede da www (internet), trouxe ao mundo a proximidade que advém da revolução tecnológica, e que cria influências e estilos que a nós nos interessa mencionar neste trabalho como a grande ponte cultural que se reflete em várias disciplinas.

O processo sociológico da hibridação, reúne conceitos e influências globais, e poderá ser lido e entendido de forma diversa introduzindo na cultura e nas artes, formas miscigenadas e aculturais que não têm referências geográficas. No entanto são influenciadas por símbolos e estéticas modernas que influenciam um mundo pós-moderno em transformação. Essa transformação é avaliada aos dias de hoje pela introdução de técnicas e estilos que se interpretam de nível global na estética e nas técnicas que têm vindo a miscigenar seja a arquitetura com Tadao Ando e a influência do minimalismo na arquitetura contemporânea, ou a técnica cerâmica do Raku na cerâmica ocidental.

A hibridação cultural, conceito que se introduziu a partir dos anos 80 na América Latina, é referida como um processo que vivemos aos dias de hoje numa sociedade pós-moderna e que reintroduz vivências do modernismo do século XX no nosso quotidiano, provocando um saudosismo de marcas e estéticas passadas que refletem uma diferença de hábitos no acesso à cultura entre a população.

Neste contexto sociológico de hibridação em que se analisam fatores internos culturais e externos como a globalização, entendemos que estamos perante um processo em que as pontes culturais são feitas de dentro para fora e de fora para dentro, ou seja, dentro da comunidade entre pares e de outras culturas externas para a cultura dita “nossa”.

A separação cultural das grandes cidades mundiais dos pequenos burgos rurais é de certa forma a enorme diferença que importa para este documento e que introduz a reflexão que iremos desenvolver adiante. Seja por focarmos o estudo num território de baixa densidade, ou pela influência que a cultura das grandes cidades pode exercer no entendimento de uma rede de cidades, que se estende de Setúbal a Vigo, conforme Florida identifica no litoral da península Ibérica, esta dispersão urbana é lida como um grande contínuo de zonas urbanizadas que se influenciam entre si.

Essa introdução de conceitos da hibridação e da globalização, presente desde a música à gastronomia, poderá bem ser a melhor definição de ponte cultural que se manifesta desde há séculos por todo o mundo, mas cujo conceito ainda não foi propriamente definido pela academia. As pontes introduzidas entre países desde o início da humanidade e com maior influência depois do século XV, altura em que os descobrimentos influenciaram determinantemente a cultura da humanidade, reflete-se aos dias de hoje com particular incidência na história e no discurso de toda a população do mundo, no entanto, analisando o caso específico das nossas comunidades portuguesas, em Caldas da Rainha e Óbidos, fechando o espectro do filtro à escala local, e refletindo sobre os eventos culturais e históricos que as definem, sem nunca deixar de pensar na origem do conceito desta dissertação, a ponte cultural.

Já a nível local, a uma micro-escala tentaremos entender quais as forças do território e de que forma esses símbolos e história comuns podem construir uma narrativa, de forma a compreender factos históricos como a origem no tempo da formação de um mesmo território que advém de uma intenção política e estrutural de colonização e criação de infraestruturas no Reino de Dona Leonor e Dom João II.

A proximidade que vivemos aos dias de hoje seja geográfica ou digital, é um processo disruptivo que cria um legado universal cada vez mais unificado e em que as culturas locais se desvanecem num processo natural, sendo periodicamente reintroduzidos novos conceitos na cultura pós-moderna que vivemos aos dias de hoje, buscando um fator de diferenciação e de procura de identidade local.

A própria palavra identidade poderá ser erroneamente entendida visto que a própria expressão identidade cultural, aos dias de hoje mudou face à revolução digital e que supostamente enclausura um conjunto de intenções e comportamentos que estão em mudança. No passado, as identidades eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém, com a globalização, isso mudou, fazendo com que as

peças interajam mais entre si e com o mundo ao seu redor. Uma pessoa que nasce num lugar, absorve todas as características deste entretanto, se ela for submetida a uma cultura diferente por muito tempo, ela adquirirá características do novo local onde está agregada.

## Redes em Portugal

O documento apresentado no VIII congresso Português de Sociologia, na área temática: Arte, Cultura e Comunicação [ST], por (Gama, 2010, pág. 3) é uma reflexão apresentada dos vários projetos de redes culturais em Portugal, conforme se pode ler, “ A aplicação das características do trabalho em rede ao contexto cultural pode ter consequências da maior importância, de tal forma que a constituição de redes de equipamentos e serviços culturais fundamentais, que abrangem progressivamente todo o território nacional, é considerada como uma estratégia principal da política cultural. No entanto, em Portugal usa-se muitas vezes o termo rede mais por moda ou efeito de marketing do que por compreensão das reais potencialidades do conceito. Na presente comunicação, realizada na sequência da investigação de doutoramento "Políticas culturais: Um olhar transversal pela janela-ecrã de Serralves", apresenta-se um conjunto de exemplos práticos da contribuição da administração pública para a criação de redes culturais: a 6 iniciativas criadas por iniciativa da administração central, juntam-se 3 que têm como protagonistas a administração local. Apesar de não ser efetuada uma análise exaustiva de cada uma das 9 redes, ou iniciativas que se autodenominam de redes, a realidade é que se considera que as imagens convocadas são suficientemente ilustrativas do estado das redes do Estado. Com esta comunicação procura sublinhar-se que, 40 anos volvidos sob a revolução dos cravos, ainda não se observa a existência de uma cultura consistente de redes culturais, tanto mais que a implementação de redes culturais tem sido, efetivamente, um estaleiro permanentemente em obras com dificuldades de adaptação à evolução das sociedades contemporâneas.”

Esta circunstância do momento que vivemos, por um lado a necessidade de criar parcerias e um afastamento das influências globais, reflete-se numa procura de símbolos que favoreçam o fortalecimento das relações interculturais e proporciona uma procura por influências externas que validem alguns projetos.

Conforme o autor refere (Gama, 2010, pág. 3), foram vários os projetos até aos dias de hoje, tendo-se dado início com a Rede Portuguesa de Bibliotecas, a Rede Portuguesa de Arquivos ou mais tarde com o Ministro Manuel Maria Carrilho em 1999, a Rede Nacional de Recintos Culturais/Rede de Teatros Históricos, foram projetos que aos dias de hoje tentaram reestruturar públicos na área da leitura e a dos espetáculos teatrais. Nesse sentido e não obstante este esforço inicial de organizar as diferentes instituições, mais promissor foi o projeto da Rede Portuguesa de Museus e que permitiu “promover de forma sistemática a circulação de informação respeitante às práticas museológicas e estimular canais de comunicação entre museus” (Gama, 2010, pág. 5). Já em 2004 com a aprovação da Lei de Arte Cinematográfica e do Audiovisual, foram dados mais alguns passos para a implementação deste projeto promovendo a colaboração entre as autarquias e os demais atores da disciplina com o objetivo de fomentar a difusão da arte cinematográfica.

Um ponto fundamental desta organização em rede foi a necessidade de criar estruturas baseadas na web www, que desta forma proporcionam o acesso à informação que foi

digitalizada no caso da rede de arquivos e da organização e comunicação de um espólio disponível na rede de museus a nível nacional.

Mais tarde a “Comum-Rede Cultural promovida e dinamizada pela Associação Cultural e Recreativa de Tondela e pelo Cine Clube de Viseu, permitiu que numa primeira fase sete municípios da Região Centro: Aguiar da Beira, Mangualde, Oliveira de Frades, Santa Comba Dão, Sever do Vouga, Tondela e Vouzela foi o primeiro projeto regional de uma rede de difusão e coesão cultural”, (*Gama, 2010, pág. 9*), tendo-se seguido a Artemrede que permitiu que outros municípios da Região de Lisboa e Vale do Tejo comesçassem a ser estruturados numa rede de igual missão.

Segundo o autor, o estado das Redes em Portugal carece ainda de maior articulação entre as instituições e uma maior noção de partilha e cooperação intermunicipal, não obstante os resultados positivos que foram conseguidos desde 1999.

A COMUM- Rede Cultural foi uma parceria cultural que funcionou no período entre Maio de 2004 e Abril de 2006, promovida pela Associação Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT) e pelo Cine Clube de Viseu (CCV) e integrando como parceiros sete municípios da Região Centro. Conforme (*Cristovão et al, 2007*) no seu documento sobre as conclusões da Rede cultural COMUM a iniciativa teve um efeito positivo sobre (a) o reforço da identidade e história coletiva da região, (b) a formação cultural individual, (c) a sociabilidade e (d) a formação de novos públicos, dentro de uma óptica de transferência de benefícios intergeracionais e de um aproveitamento de infra-estruturas culturais locais.

Esta foi uma iniciativa que teve como base as normas da UE que tem como base o fomento de ações culturais e educativas que proporcionem o crescimento económico na competitividade, no emprego, na inovação em linha pelo assumido pela (OCDE, 2005) “By disseminating benchmarks conducive to synergy among players and projects implementation; By creating an environment that is attractive for residents as well for visitors and tourists; By providing leverage for the creation of products that combine aesthetic dimension and utilitarian functionality”.

Conforme (*Cristovão, 2007*) e no caso da COMUM- Rede Cultural, durante o período de quase 2 anos foi implementado este projeto num território cuja proximidade geográfica permite uma leitura com uma identidade próxima. Essa aproximação permitiu que o público da região despertasse para a cultura de forma a participarem em mais iniciativas culturais, e criou na região a possibilidade de organizar infra-estruturas existentes de forma a agregar os espetáculos que ali decorreram.



Projeto	Disciplina	Período/habitantes	Valores a destacar	Câmaras Municipais
Projeto COMUM Rede Cultural	Música Dança Literatura 30% actividades educativas 23% Teatro 22% música 11% Cinema 14% exposições, dança e Conferências	2004/2006      106.548 habitantes	(a) o reforço da identidade e história coletiva da região, (b) a formação cultural individual, (c) a sociabilidade e (d) a formação de novos públicos dentro de uma óptica de transferência de benefícios inter-geracionais (e) e de um aproveitamento de infra-estruturas culturais locais	Tondela Viseu Aguilar de Beira Mangualde Oliveira de Frades Santa Comba Dão Sever do Vouga Vouzela
ARTEMREDE juntos mais fortes	Artes Cênicas Cinema Coproduções Crianças e jovens Dança Festa da Marioneta Música Projeto Educativo Teatro	Em funcionamento      1360 mil habitantes	A ARTEMREDE é um projeto de cooperação cultural com 12 anos de atividade ininterrupta, atualmente constituído por 15 municípios, agregando e fazendo interagir cidades com diferentes escalas. Trabalha a especificidade dos territórios através do apoio à criação artística, à programação cultural em rede, à qualificação e formação e às estratégias de mediação cultural.  Desde 2005 colaboraram com a Artemrede quase 300 companhias e artistas, foram realizadas cerca de 1500 apresentações, de 300 espetáculos e mais de 450 atividades educativas. 180 mil espectadores assistiram ou participaram nas atividades desenvolvidas pela Artemrede. Em 2017 opera com um orçamento de 763 mil euros, correspondendo 305 mil ao investimento direto dos seus Associados por via das quotas e o restante à capacidade da rede de angariar outras receitas. O retorno do investimento municipal é, assim, de 250%, ou seja, por cada euro investido cada Associado recebe, em média, 2,5 € em serviços.	Abrantes Alcobaça Alcanena Almada Lisboa Barreiro Montijo Moita Oeiras Pombal Palmeira Santarém Sesimbra Tomar Sobral de Monte Agraço
Associação Portuguesa das Cidades e Vilas Cerâmicas (AptCC)	Cerâmica	450 mil habitantes	(a) A defesa, a valorização e a divulgação do património cultural e histórico cerâmico, (b) o intercâmbio de experiências entre os associados, nomeadamente a nível da conservação do património, (c) o estabelecimento de parcerias entre cidades e vilas com vínculos tradicionais à cerâmica, seja do tipo produtivo, cultural ou de qualquer outro âmbito. (d) Promoção da criação artística e a difusão da cerâmica tradicional e contemporânea, (e) o incentivo de relações de cooperação e intercâmbios entre os municípios associados a nível nacional ou na rede europeia.	Alcobaça Aveiro Barcelos Ílhavo Óbidos Redondo Reguengos de Monsaraz Tondela Torres Vedras Viana do Castelo Vila Nova de Poiares
Obidos Unesco Literary city	Literatura	26 mil-ões	To be approved as a City of Literature, cities need to meet a number of criteria.[3] In essence, these are: Quality, quantity and diversity of publishing in the city Quality and quantity of educational programmes focusing on domestic or foreign literature at primary, secondary and tertiary levels Literature, drama and/or poetry playing an important role in the city Hosting literary events and festivals which promote domestic and foreign literature; Existence of libraries, bookstores and public or private cultural centres which preserve, promote and disseminate domestic and foreign literature Involvement by the publishing sector in translating literary works from diverse national languages and foreign literature Active involvement of traditional and new media in promoting literature and strengthening the market for literary products.	Edinburgh, Scotland (2004) Melbourne, Victoria, Australia (2008) Iowa City, Iowa, United States (2008) Dublin, Ireland (2010) Reykjavik, Iceland (2011) <sup>(6)</sup> Norwich, England (2012) Kraków, Poland (2013) Heidelberg, Germany (2014) Dunedin, New Zealand (2014) <sup>(3)</sup> Granada, Spain (2014) Prague, Czech Republic (2014) Baghdad, Iraq (2015) Barcelona, Spain (2015) Ljubljana, Slovenia (2015) Lviv, Ukraine (2015) Montevideo, Uruguay (2015) Nottingham, England (2015) Óbidos, Portugal (2015) Tartu, Estonia (2015) Ulyanovsk, Russia (2015) Buscheon, South Korea (2017) <sup>(6)</sup>

Imagem 3. Quadro de análise das redes culturais em estudo.

Em resumo as redes nacionais ou internacionais criam sinergias que em conjunto potenciam os territórios de forma a angariar públicos e estruturar os projetos pela partilha de objetivos numa procura de identidade global.

O caso da Rede Comum que foi criada e que está aos dias de hoje em funcionamento, estrutura e complementa os serviços culturais da maioria dos municípios que a ela pertenceram, numa partilha de programação que faz um tour pelos municípios associados. Ainda que este projeto não tenha resistido ao tempo, e não estando em funcionamento aos dias de hoje, foi importante e potenciador de outras iniciativas.

Nas Caldas da Rainha sede da Associação Portuguesa de cidades e vilas cerâmicas pretende-se não só a divulgação da cerâmica nas suas comunidades, como também a partilha de técnicas na área da conservação e da produção de cerâmica, com o enfoque de dar a conhecer este património e proporcionar a sua continuidade e desenvolvimento ao longo do tempo.

Em relação ao projeto ARTEMREDE, criado em 2016 identificou-se uma vantagem que permite que pequenos municípios como Abrantes, Alcobaça e Alcanena a poder

apresentar nas suas salas o nível de qualidade da produção e programação cultural das grandes cidades como Oeiras, Almada ou Lisboa.

**“O documento final da tomada de posição concentra-se em dois eixos fundamentais de ação: a criação de mecanismos de financiamento à programação cultural descentralizada e à cooperação cultural em rede e a criação de canais específicos de apoio à cultura no âmbito do Portugal 2020”.**

Para o primeiro eixo de ação vão ser propostos vários mecanismos de promoção do **“apoio à programação e cooperação cultural em rede**, nomeadamente para projetos que já são objeto de financiamento público e que assim podem ganhar uma maior longevidade, ampliando também dessa forma o acesso à criação artística contemporânea. Será ainda proposta a existência de um **apoio direto aos equipamentos culturais** que servem populações com maiores dificuldades de acesso e participação cultural, numa perspetiva de correção das assimetrias regionais.”(ARTEMREDE)

Sem dúvida que as redes internacionais são mais profícuas, e geram mais público do que as redes nacionais, no entanto a estruturação dos projetos locais em curso no caso das Caldas da Rainha candidata a cidade Criativa da UNESCO, poderá no futuro agregar este potencial num projeto diferenciador e que coloca Caldas da Rainha numa partilha com a rede de cidades da UNESCO a nível global.

### **Óbidos e Caldas da Rainha. Redes internacionais**

Os projetos desenvolvidos em paralelo pelos dois Municípios de Óbidos e Caldas da Rainha, demonstram que existem temas comuns que dada a génese do território de águas e barro, poderão de forma partilhada ser avaliados na sua possível partilha, sendo que os temas recorrentes das artes plásticas se expressam nos dois Municípios ao longo dos últimos 40 anos de forma recorrente. Essa análise que é feita neste documento no último capítulo, revela que existe uma “identidade” que tem evoluído ao longo das décadas, mas cujo foco é a associação do património cultural material e imaterial à organização de eventos que valorizam e afirmam essa tendência. A temática dos eventos que valorizam as artes plásticas divergiu para outras complementares que se reafirmaram uma tendência que expressa não só a presença da cerâmica de forma recorrente em ambos os municípios, como desde 2014 o Fólio, dedicado à literatura, em consequência do projeto desenvolvido pelo Município de Óbidos e da Livraria Ler Devagar de José Pinho, que tornou Óbidos, cidade criativa da Literatura da UNESCO. Nessa mudança de paradigma e cujo trabalho da rede de livrarias, validou o reconhecimento da vila de Óbidos como Vila Criativa, existe uma mudança de temática que aposta todo um trabalho de equipa que Óbidos tem vindo a desenvolver com cidades gémeas por todo o mundo, mas cujo exemplo de Paraty, com o FLIP é sintomático desta sinergia. O projeto desenvolvido em rede com cidades da Lusofonia como este caso, é verdadeiramente enriquecedor e cria as pontes cujos cidadãos acabam por identificar quando se deslocam ao país vizinho, numa associação de interesses e de objetivos partilhados do outro lado do oceano.

“No caso das Caldas da Rainha, encontramos na cidade a sede da Associação Portuguesa de Cidades e Vilas Cerâmicas. Presentemente este Agrupamento - uma estrutura com peso

institucional no seio da União Europeia, já agrega associações de cidades cerâmicas de Itália, Espanha, França, Roménia e Alemanha, contando com mais de uma centena de cidades cerâmicas no continente europeu.

O principal objetivo da futura associação portuguesa, como das suas congéneres, será a defesa, a valorização e a divulgação do património cultural e histórico cerâmico, bem como o intercâmbio de experiências entre os associados, nomeadamente a nível da conservação do património, o estabelecimento de parcerias entre cidades e vilas com vínculos tradicionais à cerâmica, seja do tipo produtivo, cultural ou de qualquer outro âmbito.

Tem ainda por objetivo a promoção da criação artística e a difusão da cerâmica tradicional e contemporânea, bem como o incentivo de relações de cooperação e intercâmbios entre os municípios associados a nível nacional ou na rede europeia.”

Nos dois temas mais fortes seja o caso da Literatura em Óbidos e a Cerâmica nas Caldas da Rainha, ambos os Municípios já estão a trabalhar a rede de forma estruturada e a nível internacional, sendo que a proximidade geográfica e a partilha de temáticas que lhes são complementares, suscitam uma oportunidade de relação intermunicipal mais enriquecedora e complementar.

Esta necessidade das autarquias se posicionarem internacionalmente no seu reconhecimento interpares, de fora para dentro, cria uma oportunidade de alicerçar uma rede intermunicipal que reconheça a região pelo seu potencial material e imaterial, na sequência de uma geografia e histórias partilhadas com mais de 500 anos e que seja próxima na identidade e nos temas culturais.

### **Enquadramento territorial**

As redes permitem um maior posicionamento e uma maior representatividade em todos os canais, sejam institucionais, digitais, de fluxo turístico, sendo que Caldas da Rainha e Óbidos em partilha significam uma população  $\frac{1}{4}$  superior do que se estiverem separadas, e o seu posicionamento geográfico representa o centro da Região Turística do Oeste. Na dificuldade de entender a geografia do território no terreno, Caldas da Rainha e Óbidos em conjunto estão a meio caminho entre Lisboa e Leiria e agregam o território que se situa entre as Serras de Montejuento e Candeeiros e o Atlântico. O enquadramento pitoresco da Vila de Óbidos se associado à matriz identitária de Caldas de Óbidos, representa historicamente, o legado da Rainha D. Leonor que se afirma de forma marcante pela obra que nos deixou na cidade das Caldas da Rainha, potenciando o território de forma acrescida e diferenciadora na periferia da grande Lisboa. Situados a meia distância entre a capital do País e a capital de distrito, no eixo da A15, a Oeste de Santarém, e no enclave entre Montejuento e a península de Peniche, assim como a sul da várzea entre a Nazaré e a Serra de Aires e Candeeiros, mais propriamente o pomar de Lisboa ou a várzea de Cister.

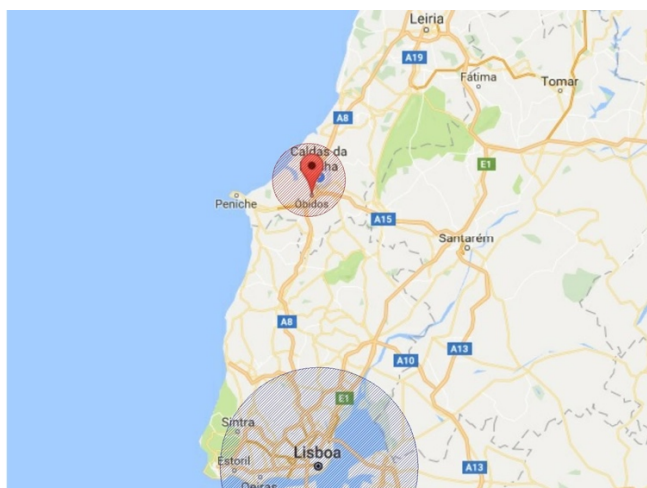


Imagem 4. Mapa Região Oeste com áreas de influência.

Exemplos na www de “redes” de tipologia semelhante.

Casos de interesse a nível internacional relevantes, são as redes turísticas e culturais de vilas como Carcassone, Toledo e York que comunicam os seus territórios com a organização de eventos e de uma agenda que acrescenta valor ao já existente património representativo que as torna atrativas. Para combater o baixo índice de permanência na vila de Óbidos, intramuros de 1,4 noites nas pensões, 2,2 nos Hoteis por turista e um semelhante 1,9 nas Pensões e de 2,0 nos Hoteis nas Caldas da Rainha, (segundo estatísticas do INE de 2016), a necessidade de organizar uma agenda de actividades culturais em paralelo com uma estratégia de promoção turística baseada na experiência dos sentidos, ver, ouvir, saborear, sentir, é a forma mais estudada de comunicar e estruturar uma agenda de programação, que associada à promoção patrimonial, consiga combater a sazonalidade que por falta de estruturação de conteúdos em antecipação suficiente de serem comunicados, não conseguindo cativar os turistas a ficar pouco mais do que uma noite na região. Uma estratégia de promoção turística concertada, poderá certamente agregar toda uma população que ao redor da zona mais central da geografia do Oeste, poderá criar um atrativo mais estruturado na sua oferta.

Alguns casos de estudo relevantes como as Vilas históricas de Carcassone, Toledo ou York, são significativos para este estudo, pois além de comunicarem com um ano de antecedência a sua programação, factor que é determinante na permanência de turistas nesses territórios, são um exemplo de como a programação territorial pode de forma concertada com a região envolvente, alicerçar toda uma economia em redor da oferta de programação cultural que está directamente ligada ao “cenário” da sua arquitectura.



Imagem 5. Site do posto de turismo de Carcassonne.

<http://www.tourism-carcassonne.co.uk/>

A agenda cultural do site da Vila de Carcassonne, comunica: festivais, conferências, workshops, concertos, a sua história, parques urbanos ou jardins históricos, percursos, rotas temáticas e todos os eventos que se demarquem pela sua ligação à raiz histórica da cidade.

<span>Day</span> <span>Week</span> <span>Month</span>						
<span>&lt;</span> <b>JANUARY 2018</b> <span>&gt;</span>						
Mon 1 (6)	Tue 2 (6)	Wed 3 (6)	Thu 4 (6)	Fri 5 (6)	Sat 6 (6)	Sun 7 (5)
Stage de Cirque - Cabaret ...	Stage de Cirque - Cabaret ...	Stage de Cirque - Cabaret ...	Stage de Cirque - Cabaret ...	Stage de Cirque - Cabaret ...	Magie de Noel	Magie de Noel
Magie de Noel	Magie de Noel	Magie de Noel	Magie de Noel	Magie de Noel	L'ombre Du Guerrier	L'ombre Du Guerrier
L'ombre Du Guerrier	L'ombre Du Guerrier	L'ombre Du Guerrier	L'ombre Du Guerrier	L'ombre Du Guerrier	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...
8 (3)	9 (3)	10 (3)	11 (3)	12 (3)	13 (3)	14 (4)
Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Les Souliers Mouilles ...
Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Exposition : *regards ...
Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Jacques Gamelin : Le ...
15 (3)	16 (3)	17 (3)	18 (4)	19 (3)	20 (4)	21 (2)
Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Judis de L'auditorium ...	Exposition : *regards ...	A Droite, A Gauche	Exposition : *regards ...
Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Jacques Gamelin : Le ...	Exposition : *regards ...	Jacques Gamelin : Le ...	Exposition : *regards ...	Stages de Cuisine Tout ...
Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Jacques Gamelin : Le ...	Stages de Cuisine Tout ...	Jacques Gamelin : Le ...	
22 (2)	23 (3)	24 (2)	25 (2)	26 (2)	27 (1)	28 (2)
Exposition : *regards ...	Les Quatre Saisons	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Exposition : *regards ...	Stages de Cuisine Tout ...	de La Comedie Musicale ...
Stages de Cuisine Tout ...	Exposition : *regards ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...
	Stages de Cuisine Tout ...					
29 (1)	30 (1)	31 (1)	1 (1)	2 (2)	3 (1)	4 (1)
Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...	Mariage et Chatiment	Stages de Cuisine Tout ...	Stages de Cuisine Tout ...
				Stages de Cuisine Tout ...		

Imagem 6. Site do posto de turismo de Carcassonne. Agenda de eventos

A programação cultural e artística baseia-se na reinterpretação de artistas consagrados das artes plásticas ou performativas em narrativas contemporâneas de nomes como Rembrandt ou Salvador Dali como exemplo de atrativo.

The screenshot shows the website for Toledo Turismo. At the top, there is a navigation menu with 'AYUNTAMIENTO DE TOLEDO' and links for 'LA CIUDAD', 'LOS CIUDADANOS', 'EL AYUNTAMIENTO', and 'SERVICIOS MUNICIPALES'. The main banner features the text 'Corpus Christi Toledo 2017' and 'Vive el Corpus Christi Toledano. Del 12 al 18 de Junio'. Below the banner, there are two event listings: 'PROGRAMA DE FORMACIÓN EN LOS SERVICIOS BIBLIOTECARIOS' on June 7th at 12:00 at the Biblioteca de Castilla la Mancha, and 'Taller de Cocina para niños' at the MINICHEE TOLEDO. To the right, there is a calendar for June 2017 with a 'Descargar CSV' button. Below the calendar, there is an 'EXPOSICIONES' section featuring 'Instalación: Safepassage' from May 5th to June 25th.

Imagem 7. Site do posto de turismo de Toledo.

<http://www.toledo-turismo.com/en>

Em Toledo de igual forma a agenda cultural diversificada, enriquece a oferta turística da já interessante Vila, que pelo seu património apresenta um enorme atrativo turístico religioso. Nesse sentido, as manifestações religiosas associadas, são complementadas por eventos académicos ou científicos também associados à Real Universidade de Toledo, e todos os eventos que se diferenciem pela sua qualidade, são aqui divulgados de forma a constituir um atrativo turístico de enorme valor cultural.

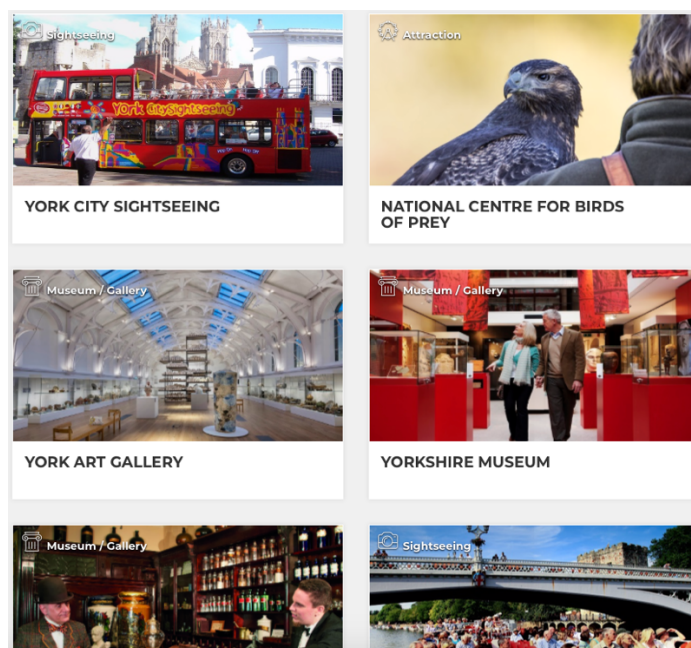
Neste enquadramento a tipologia do território é associada ao marketing territorial e determina uma tipologia de identidade chave, sempre concertada com uma programação cultural complementar que equilibra a oferta para um público mais vasto.

O caso do seguinte estudo de York, é ainda mais significativo pois comunica no seu website todo o país. No Reino Unido há muito que existe uma rede de partilha de informação no qual se comunicam projetos históricos de referência como por exemplo as rotas dos caminhos de ferro Ingleses por todo o país.

The screenshot shows the Visit York website. The main heading is 'Download Free Maps of York'. Below this, there are three map download options: 'York City Centre', 'York City Area', and 'Surrounding Area'. Each option includes a small map thumbnail and a 'Download Map >' button. To the right, there is a 'Search Accommodation' form with fields for 'Date', 'Night(s)', and 'All' (dropdown), and a 'Search' button. Below the form, there is a 'York Maps & Guides' section with a 'Buy York Maps & Guides from our eShop' link. At the bottom, there is a 'Google Map of York' section with a map of Museum Street and a 'hootsuite' logo.

Imagem 8. Site do posto de turismo de York.

<http://www.visitork.org>



### Imagem 9. Oferta de experiências em York

Todos os edifícios e os eventos têm uma fotografia associada e um descritivo com a inclusão da respetiva tipologia de oferta que organiza não só a oferta como explica detalhadamente o que o turista poderá experienciar.

Todas as atividades nacionais são divulgadas em rede, de forma a comunicar não só a cidade, como também, os transportes ferroviários da região com percursos históricos e a organização de grandes eventos de índole Nacional, cuja narrativa conta a história do Reino Unido através de eventos culturais ou de animação, cuja identidade histórica lhes está fortemente associada.

É importante de salientar que todos os postos de turismo aqui referenciados, enviam através de subscrição por email, newsletters e possibilitam por download direto nos sites, a agenda cultural em PDF para o período que o turista pretende consultar, de forma a que, à partida, e ainda no momento de pesquisa de locais a visitar na sua viagem, possa na origem, sentir-se cativado a permanecer no território por mais do que 1 ou 2 noites.

### Exemplos de divulgação cultural e turística online de Óbidos e Caldas da Rainha

Baseado na observação do fluxo de autocarros e na estatística recente dos 2 milhões de turistas que visitam Óbidos todos os anos, os turistas apenas permanecem 2 a 3 horas num percurso organizado que atrai autocarros com cerca de 38 turistas cada, que são guiados em tours que saindo de Lisboa, se deslocam por um dia à Região Oeste e visitam Óbidos, Nazaré, Alcobaça, Batalha e Fátima. Nesses tours o turista apenas consome a famosa ginja de Óbidos em copo de chocolate e poderão ou não comprar alguma lembrança na Rua Direita, até porque os Restaurantes da Vila não estão preparados para grupos. Dos restantes 20% que se deslocam em carro próprio apenas uma pequena percentagem permanece mais de 2 dias, num valor residual de cerca de 8 a 12%, perfazendo um índice de permanência médio na hotelaria e alojamento local de cerca de 2 noites/quarto. Aos dias de hoje no concelho de Óbidos existem cerca de 500 alojamentos locais.

Em Óbidos no ano de 2011 a propósito do Local Action Plan em (Município, Local Action Plan, 2011) que fez para a candidatura à rede da URBACT analisa que “uma das marcas

indelévels do que é Óbidos presentemente, e a sua agenda de eventos culturais e lazer, que preenche todo o ano e garante mais de duas centenas de razões anuais para regressar a Óbidos. A ideia da candidatura ao programa URBACT surgiu de uma colaboração entre Óbidos e a Inteli aquando da participação desta entidade numa das primeiras conferências que realizámos sobre criatividade e território. Com mais de 200 espetáculos e concertos. por ano, com uma audiência pagante, em 2010, de cerca de 225 mil pessoas, Óbidos desenvolveu uma economia que tem nos eventos um dos seus mais importantes fatores de desenvolvimento. A agenda é gerida pela empresa municipal Óbidos Patrimonium com um orçamento anual de cerca de 3.000.000,00 € e chega a alcançar os 90 trabalhadores durante os eventos de maior dimensão. O sucesso alcançado pelos eventos dos Óbidos deve-se a uma multitude de razões: i) enquadramento especial oferecido pela Vila; ii) originalidade de alguns dos eventos; iii) constância da programação; iv) profissionalismo da estrutura que monta e promove os eventos; v) diversidade da oferta.”

Daqui se depreende que sendo Óbidos um pequeno Concelho com pouco mais de 11500 habitantes mas que recebe cerca de 2 milhões de turistas por ano, se associado em colaboração com o Município das Caldas da Rainha, poderia não só complementar a sua agenda de eventos, como também usufruir de infraestruturas que de alguma forma complementam a estratégia do Município de Óbidos na sua oferta, tendo a possibilidade de em parceria partilhar custos de promoção, e de conseguir um posicionamento mais forte com a associação da identidade histórica que os dois Municípios partilham como a sua génese local.

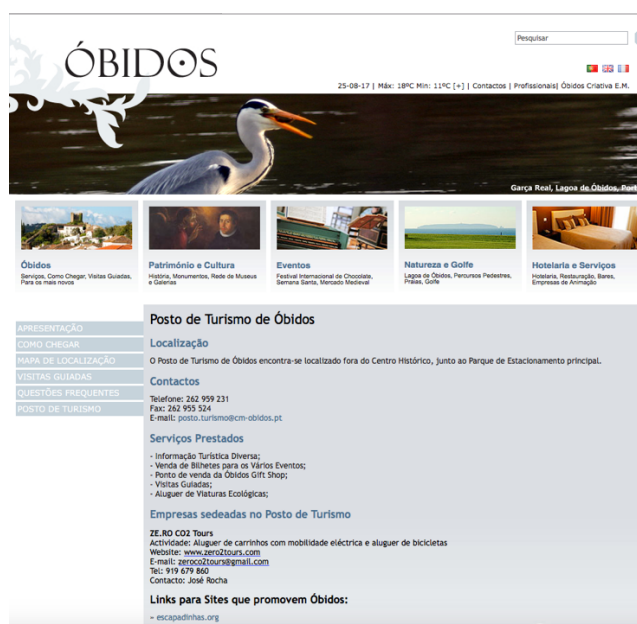
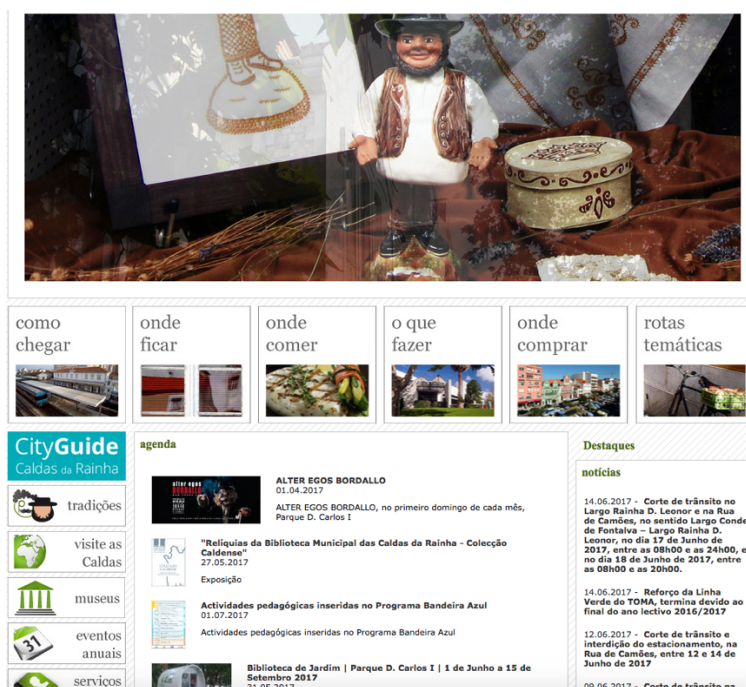


Imagem 10. Imagem do site do Posto de Turismo de Óbidos.

O património dos dois territórios é diversificado e permite o entendimento de diversos períodos da história do período moderno em Portugal. É nesse sentido que este projeto pretende demonstrar a riqueza e evolução cultural, patrimonial e turística dos dois Municípios aos dias de hoje. Nesse enquadramento será analisado no capítulo seguinte a diversidade patrimonial existente e as pontes possíveis dessa análise. Numa mancha dispersa, existem pontos chave que são de visita obrigatória e que dão a conhecer a origem das povoações e a forma como evoluíram até à contemporaneidade.

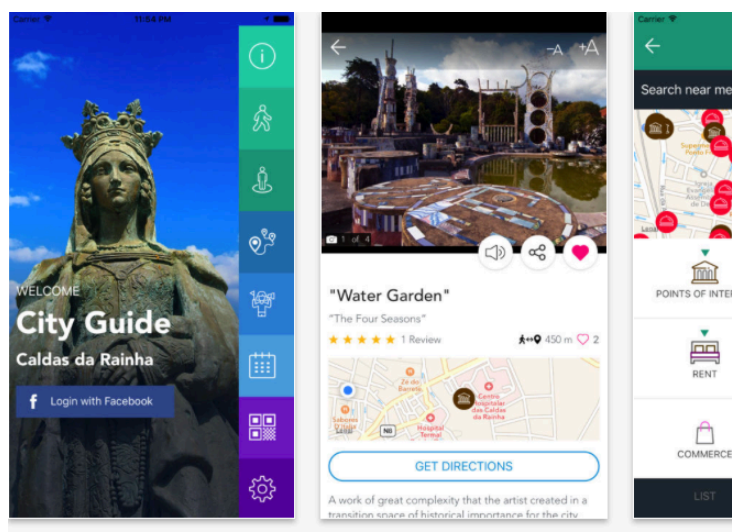


Numa alternância entre uma densidade menor em Caldas da Rainha e uma maior concentração em Óbidos, ambos os municípios carecem de sinalética e de informação como mapas digitais nos quais os turistas possam descarregar o plano da cidade.



**Imagem 11. Imagem do Posto de Turismo de Caldas da Rainha**

No site do Município de Caldas da Rainha, que se encontra em crescimento e melhoramentos, prevê-se que outras ferramentas possam aqui ser trabalhadas com o apoio da APP City Guide de Caldas da Rainha que tem vindo a ser trabalhada nesse sentido, com rotas temáticas, pontos de interesse, agenda viva e ainda ferramentas de inclusão que permitem a aprendizagem por pessoas com necessidades especiais como a língua gestual e o áudio guia.



**Imagem 12. Imagem da APP city guide**

Nos dois mapas que aqui são apresentados, consegue-se ter uma perceção da concentração do património cultural arquitetónico no território através do inventário da [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt) e que disponibiliza na web todos os edifícios inventariados a nível

nacional, podendo o seu conteúdo ser utilizado para o devido enquadramento de projetos culturais. Essa concentração ou dispersão patrimonial tem como relação a dimensão dos territórios e o diálogo com o espaço urbano, enquanto locais onde a cultura pode estar associada ao património arquitetónico, sendo o seu enquadramento, o cenário para a criação de projetos culturais.

A análise da concentração do património inventariado, permite-nos identificar a área do centro histórico onde o património se concentra. Essa mancha, é sem dúvida o local preferido quando nos referimos a projetos de matriz histórica como este, em que a origem provém da Rainha Dona Leonor, mas todo o território é pleno de motivos para que se criem pontes, mesmo sem necessidade de uma origem histórica comum, e é nesse campo que nos vamos concentrar no capítulo seguinte, seja na origem ou na génese territorial.

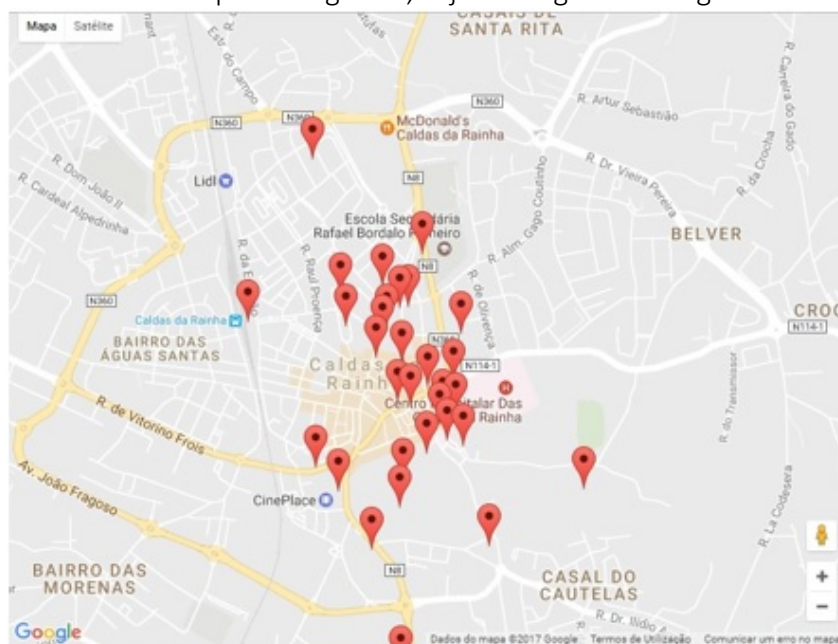


Imagem 13. Mapa de imóveis inventariados em Caldas da Rainha.

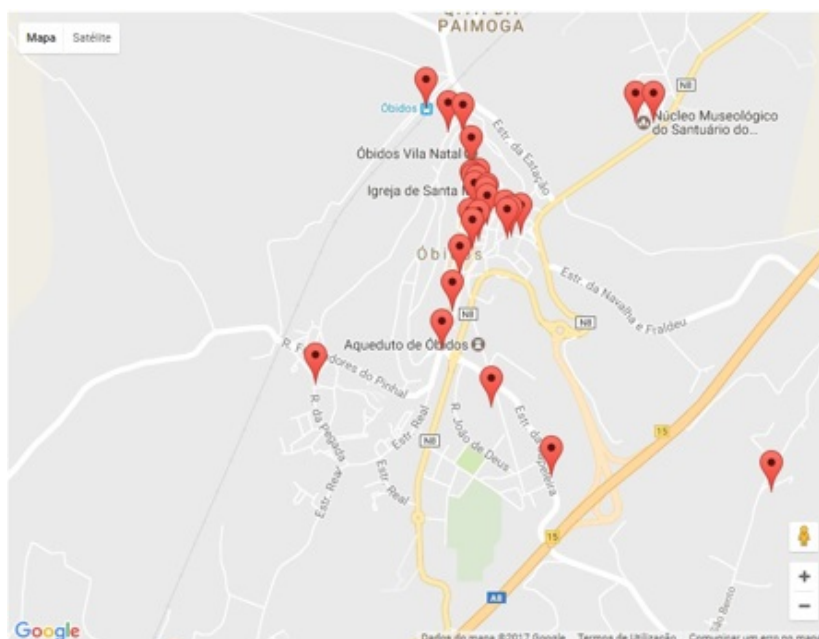
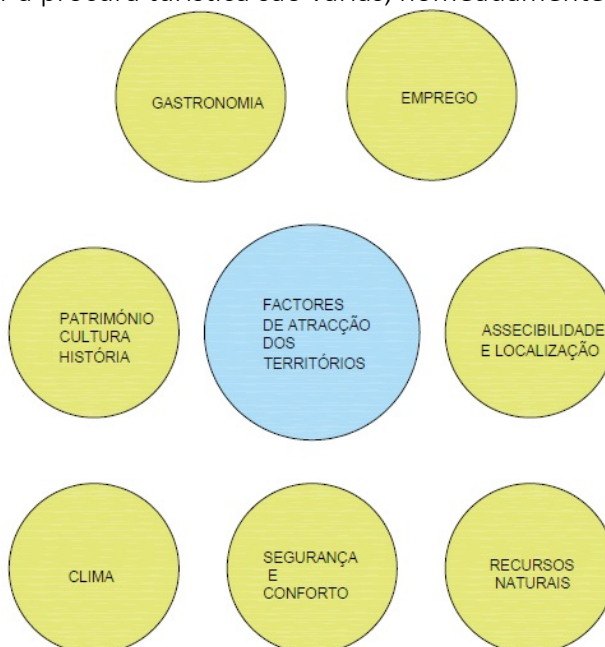


Imagem 14. Mapa de imóveis inventariados de Óbidos

## Capítulo II: Património, Turismo e Cultura no desenvolvimento das comunidades

A articulação das características endógenas do território, implica sempre a análise das partes no sentido de entender quais os sectores que deverão ser sujeitos ou que são passíveis de aprofundamento ou majoração.

Segundo vários autores, mas especificamente (Martins, Xavier, 2015, pág. 27) as ofertas que podem qualificar a procura turística são várias, nomeadamente:



### Quadro 1. Diagrama de tipologias do marketing territorial.

Estes fatores associados a uma boa gestão partilhada do território poderão aumentar a potencialidade de atração turística, sempre que exista uma estratégia entre as instituições públicas e a motivação dos privados. Se existem condicionantes que são endógenos como, o clima, os recursos naturais, todos os demais são passíveis de serem estruturados e articulados em primeiro lugar para a qualidade de vida dos habitantes e como consequência tornar-se-ão um atrativo turístico.

Muito mais existe em relação a todos os outros fatores que são fruto da organização e articulação das instituições públicas como as organizações governamentais e municipais. Se há fatores que dependem do nosso passado como o património, a cultura e a história, ou a gastronomia, existem outros que estão devidamente implicados nas estratégias presentes como a segurança, o conforto e o emprego.

Além da possibilidade da construção de uma narrativa, na atração dos territórios, estes estão dependentes da boa articulação de todos estes fatores, sendo que o Marketing territorial deverá ter em conta a gestão articulada assim como a sua devida divulgação focada nos fatores de diferenciação dos demais. Nesse sentido a afirmação de uma matriz territorial é fundamental para a construção das narrativas e o destaque das populações quando devidamente envolvidas no processo.

**Localização e acessibilidade:** Ambas comunidades se localizam a 45 minutos de Lisboa e do Aeroporto da Portela, viajando pela A8 em direção a Norte ao quilometro 80 (Óbidos) e ao quilómetro 85 (Caldas da Rainha), sendo que caso se viaje de autocarro ou de comboio não há paragens intercalares entre as duas localidades.

**Emprego:** A Vila de Óbidos, essencialmente turística, tem conseguido estruturar em redor do seu património arquitetónico, uma **indústria hoteleira e de restauração** que é a base da

empregabilidade do concelho. Derivada da sua implementação em ambiente rural, a **agricultura** tem também uma forte prevalência neste território, sendo que os esforços para posicionar Óbidos na liderança da tecnologia, é um dos fortes pontos da sua atração. O (PTO) Parque Tecnológico de Óbidos com 80% das suas áreas de trabalho já ocupadas, tem no seu tecido empresarial, maioritariamente empresas de software na área agrícola que dão apoio aos empresários da Região, além de ser Líder Regional pela presença de inúmeras empresas de software digital, robótica, design de conteúdos e indústrias criativas, posicionando-se como um **micro hub criativo nas áreas digitais** de espectro Nacional e Internacional.

Já em **Caldas da Rainha**, a presença da indústria cerâmica e dos **serviços** na área comercial, posicionam a cidade de Caldas da Rainha como o 14º melhor município de média dimensão, para trabalhar e viver no País. A cidade está a posicionar-se para que a indústria **cerâmica**, o **turismo** e o **termalismo** possam passar a ser uma realidade com maior impacto, sendo que a sua verdadeira diferenciação se encontra no Hospital Termal mais antigo do Mundo e na sua tradição na área do Craft, (Saberes fazer locais), além do Património cultural nas áreas da Pintura, Escultura e Cerâmica serem um dos mais importantes no País tendo em conta a sua dimensão. A cidade é uma centralidade na Região do Oeste, estando na passagem entre dois territórios UNESCO, Óbidos e Alcobaça, e está na liderança da inovação através da ESAD.Cr, (Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha) do Instituto Politécnico de Leiria, onde o ensino é a diferenciação.

**Recursos Naturais:** Devido à vizinhança dos dois territórios, estes partilham o património natural de excelência a Lagoa de Óbidos que é o sistema lagunar costeiro mais extenso da costa Portuguesa e possui uma área total aproximada de 6.9 km<sup>2</sup> e uma profundidade média de dois metros, com cotas que vão desde o meio metro aos cinco metros.

Estende-se para montante essencialmente por dois canais, para Oeste pelo Braço do Bom Sucesso, e para Este pelo Braço da Barrosa.

A Lagoa de Óbidos faz fronteira terrestre com o concelho das Caldas da Rainha a Norte (freguesias da Foz do Arelho e Nadadouro) e com o concelho de Óbidos a Sul (freguesias de Vau e Santa Maria). Além destes no Concelho de Caldas da Rainha, encontram-se também o Paul da Tornada, o Parque D. Carlos I e a Mata Rainha D. Leonor.

**Clima:** Igual, encontrando-se numa área de clima quente e temperado com forte influência das proximidades do Atlântico e protegidos pelas Serra de Sintra, Serra de Montejunto e Serra de Aires e Candeeiros.

**Segurança e conforto:** A zona turisticamente conhecida como Silver Coast, é privilegiada pela sua segurança, não se verificando grandes ameaças ao turista e com um índice de criminalidade baixo, sendo ainda valorizada por uma ainda existente autenticidade que pela elevada qualidade das infraestruturas viárias (A8, A15, IP6), de hotelaria e restauração, incutem ao território uma enorme mais valia.

**Património, Cultura e História:** Conforme se pode ver nos inventários em anexo, *Inventário do Património Arquitetónico em [www.monumento.pt](http://www.monumento.pt)*, os dois territórios são ricos e diversificados na sua oferta de Património Arquitetónico, sendo que a sua cultura e História, são complementares e interdependentes. O património de Óbidos, existente desde o período Romano com a fundação da **Eburobrittium**, que foi recentemente redescoberto com as obras do viaduto da Auto-Estrada IC1 e IP6, encontra-se ainda em estudo, embora a sua fundação seja atribuída a Cesar Augusto. Já na Vila, nomeadamente o intramuros, Óbidos apresenta uma diversidade de igrejas, fontanários, oratórios,

aqueduto, implementados pela presença da Casa das Rainhas durante cerca de 4 séculos, e que aqui deixaram a sua identidade no Património construído. É interessante que aos dias de hoje, a Misericórdia influencia a requalificação do património local através da requalificação do **Santuário do Senhor da Pedra**, obra de estilo Barroco e imóvel classificado, que dita a história que: “ainda que aquela pequena escultura havia ali sido colocada pela própria rainha D. Leonor, para indicar o caminho das águas curativas de Caldas, constituindo-se em objeto de veneração à época daquela soberana, mas tendo depois caído no esquecimento. Com a sua redescoberta pelo lavrador e o subsequente "milagre", a imagem voltou a ser objeto de devoção popular, tendo sido erigida uma capela de madeira para albergá-la”, mais tarde D. João V vinha a tratamentos termais, a partir de 1742 ali construiu um Santuário. <sup>1</sup>

Segundo o site da misericórdia de Óbidos, a Rainha D. Leonor, impulsionou a criação da **Misericórdia de Óbidos** em 1511, a par de outras como Guimarães, Cascais e Funchal, sendo também a fundadora da **Misericórdia de Caldas da Rainha**, que deu apoio à assistência Hospitalar Termal da cidade das Caldas da Rainha.

“E por último na gastronomia do concelho das **Caldas da Rainha** apresenta uma influência da cultura conventual, como as trouxas das Caldas, as lampreias de ovos, os bolos esses e as famosas cavacas e os beijinhos, são referências da riqueza, da singularidade e identidade cultural da cidade. Tanto as cavacas como os beijinhos das Caldas proveem de tempos longínquos, a sua confeção relaciona-se com a freguesia de S. Gregório, local onde nasceram as irmãs Rosalina e Gertrudes Carlota, duas doceiras na Corte, que foram obrigadas a deixar o seu cargo após o assassinato do rei D. Carlos. Ambas regressaram à sua terra natal e começaram a confeccionar e a vender os famosos doces, junto ao Hospital Termal, em Caldas da Rainha. Relativamente aos pratos típicos, encontramos uma procura pela pescaria da Lagoa de Óbidos, como por exemplo o Ensopado de Enguias da Lagoa, Caldeiradas, e mariscos da Lagoa de Óbidos que é partilhada pelos dois municípios” <sup>2</sup>

A gastronomia do concelho de **Óbidos** é bastante influenciada pelos ingredientes provenientes da Lagoa de Óbidos, sendo fortemente caracterizada pelo peixe e mariscos, que confeccionam pratos como a Caldeirada de Peixe e Enguias fritas. Mas não obstante, dos campos e criação de gado, caracterizam-se pratos como Ensopado de cabrito e carne na brasa. Devido ao microclima, a região de Óbidos produz bons vinhos como os vinhos das Gaeiras, assim como a ginja, um licor reconhecido internacionalmente, celebrizado como a bebida mais tradicional e típica de Óbidos. No que respeita à doçaria desta região, destacam-se as trouxas de ovos, lampreias das Gaeiras, alcaides, pegadas e pastéis de Moura. <sup>2</sup>

## **Parte II: Evolução das marcas culturais no território de Óbidos e Caldas da Rainha.**

### **Capítulo I: Estudo do software e hardware cultural em Óbidos e Caldas da Rainha**

#### **1.1.A ligação histórica e urbana de Óbidos e Caldas da Rainha.**

A criação de uma ponte cultural entre os dois territórios, é apenas a reafirmação da história que tem cerca de 500 anos de história e que estrutura duas comunidades em redor do seu património, perfazendo uma unicidade na forma como os projetos culturais se ligam a este.

---

<sup>2</sup> Site [www.oesteglobal.pt](http://www.oesteglobal.pt)

Assim, é fundamental entender a história de Óbidos e da Casa das Rainhas para conhecer a fundação da cidade de Caldas da Rainha, no legado dessa mesma instituição.

Segundo a informação histórica no site do Município das Caldas da Rainha, “Um afloramento de águas termais de excepcional qualidade determinou, na viragem do século XV para o XVI, a localização de um balneário e de uma nova povoação: caldas de Óbidos, mais tarde Caldas da Rainha. O pequeno território, que em 1511 foi demarcado e recebeu foro municipal autónomo, surgia na zona de fronteira entre o domínio dos coutos de Alcobaça e o grande concelho medieval de Óbidos.

A Reconquista, no quadro da qual se formou o Reino de Portugal, procedeu na direção inversa, de Norte para Sul, mas cedo se aproximou do mesmo eixo de articulação económico – cultural – o vale do Tejo. A constituição, com sede em Alcobaça, de um extenso senhorio atribuído no Século XII aos monges de Cister, e cuja área de influência económica se acerca de Santarém e Lisboa e penetra profundamente no Alentejo, acompanha e sublinha essa tendência”.<sup>1</sup>

A corte que se encontrava em Coimbra e que tinha de se deslocar com regularidade a Lisboa, costumava refugiar-se em Santarém ou em Óbidos conforme houvesse necessidade de resolver questões pendentes do ponto de vista económico e estratégico. “Os principais centros que se apresentam a Norte e Sul de região das Caldas, são respetivamente Alcobaça e Óbidos. Aquela vila é a cabeça de um largo domínio atribuído desde o século XII aos monges de Cister. A vila de Óbidos é sede de um vasto concelho incluído em terras da coroa.” Enquadrado entre a península de Peniche e a Várzea de Cister, Óbidos existia já como povoado de origem romana e assim evoluiu para um burgo medieval por orientação estratégica de proteção da costa do Atlântico, em virtude das embarcações de povos do Norte da Europa que por aqui navegavam e pilhavam a população. Do burgo de Óbidos, posição cimeira na topografia da costa do Oeste, foi o local ideal para desde as muralhas vigiar a costa que então chegava às muralhas do Castelo. Quando D. Leonor viajava de Coimbra para Lisboa, e passando pelas terras periféricas do burgo de Óbidos, deparou-se com um grupo de populares que se banhavam nas águas termais. “A decisão de fundar um Hospital em território sob jurisdição municipal de Óbidos (distante desta vila cerca de uma légua) e encostado ao limite meridional dos coutos de Alcobaça, coube a D. Leonor, mulher de D. João II, detentora do senhorio das terras de Óbidos desde Agosto de 1482.” <sup>1</sup>

“D. João invoca o pedido da Rainha, cuja argumentação assim se resume: «por serem (os banhos) em lugar em que os enfermos não podem achar tão *cumpridamente* os mantimentos e coisas para suas provisões, como lhe cumpria, por cuja causa muitos deixam de se vir curar aos ditos banhos”. Trata-se da certidão de nascimento do Concelho das Caldas da Rainha em 1511.

“A 21 de Março de 1511, D. Manuel confirmava o título de vila á povoação, tomando em conta o pedido de sua irmã e querendo compensá-la pelos grandes gastos e despesas feitos nos banhos das Caldas junto da vila de Óbidos, através de carta régia em que procede á demarcação do termo da vila recém-criada.” Conforme se pode ler no site do Município de Caldas da Rainha. <sup>1</sup>

---

1. [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/MUNICIPIO/INFORMACAO\\_CONCELHO/HISTORIA/Hist%C3%B3ria%20e%20geografia.pdf](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/MUNICIPIO/INFORMACAO_CONCELHO/HISTORIA/Hist%C3%B3ria%20e%20geografia.pdf)

Neste sentido compreende-se a enorme ligação histórica existente entre os dois municípios sendo que somente nesse enquadramento Caldas da Rainha viu a agregação de algumas freguesias pertencentes a Óbidos e Alcobaça um pouco antes em 1821 e com a extinção de alguns concelhos se reestrutura o território reorganizando-se assim as regiões e as zonas administrativas municipais em (Serra, 2ª edição, Património Histórico). O País foi então dividido em distritos, concelhos e freguesias em 1836. “O distrito era dirigido por um administrador-geral, o concelho por um administrador e a freguesia por um regedor. Ao lado destes funcionavam órgãos colegiais: a junta administrativa no distrito, a câmara municipal no concelho e a junta da paróquia na freguesia. Desta forma reestruturou-se o território em regiões administrativas muito semelhantes às atuais o que fez com que a partir desse momento, as regiões tenham passado a ser geridas por órgãos municipais que se aproximam muito à definição do território aos dias de hoje” conforme se pode ler em (Dias da Silva, 2013, pág. 18).

Entende-se neste contexto que a cidade de Caldas da Rainha desde há muito que é independente, tendo sido, no entanto, alargada a sua dimensão num tardio século XIX altura em que alcançou a dimensão que tem aos dias de hoje. Existe assim aqui uma ligação não meramente administrativa, mas emocional e de pertença não só a Óbidos como Alcobaça, que ainda hoje se sente no território na proximidade das pessoas e também nos serviços e hábitos culturais. Uma estrutura sociológica semelhante em tradições e partilha de património interliga estes territórios de forma quase única sendo apenas a gestão dos serviços administrativos uma necessidade de controlo das necessidades de gestão territorial, e no que se refere ao seu património, praticamente do mesmo período numa partilha de hábitos culturais, económicos e sociais.

## 1.2. Análise urbana e territorial de Óbidos e Caldas da Rainha

A centralidade de Óbidos e Caldas da Rainha, é não só a confluência de vários eixos viários como a A15 e A8 e o IP6, como também se situa num enclave entre a Península de Peniche e a Lagoa de Óbidos, no vale formado pelas Serras de Sintra, Montejunto e Aires e Candeeiros a Norte Este. Não só historicamente faz todo o sentido pensar neste território como um dos mais importantes do ponto de vista estratégico nos séculos passados, como aos dias de hoje a agregação destes dois Municípios, se pensados em conjunto, são a maior mancha de território no eixo Lisboa/Leiria e por isso mesmo a sua complementaridade de património e serviços, afirma este território em toda a zona Oeste e a nível Nacional.



**Imagem 15. Capa do Sumário Executivo do Projeto Uma Metrópole para o Atlântico. Calouste Gulbenkian.**

Inclusive no Relatório da Calouste Gulbenkian de nome “Uma Metrópole para o Atlântico” publicado em 2016, perfila-se uma análise macro do território, no qual a zona Oeste está associada à grande Lisboa designada como Pinhal Litoral e no qual fazendo parte de uma grande região Macro, posiciona o eixo Setúbal/Vigo como uma extensão da capital, na agregação de um território que se compõe de várias centralidade de nível regional, nomeadamente: “incluem doze aglomerações urbanas (Cascais, Oeiras, Sintra e Almada; Torres Vedras, Caldas da Rainha, Santarém e Setúbal; e ainda Leiria, Tomar, Évora, Sines e Santiago de Cacém). Em termos funcionais apresentam uma estrutura diversificada que associam a uma força atrativa relevante.

Em suma, o Arco Metropolitano de Lisboa é definido por uma rede urbana formada por um conjunto de centralidades com funções polarizadoras com capacidade de atração e estruturação interna e externa à macrorregião, apesar de ser uma rede urbana estruturada pela cidade de Lisboa.

O modelo de povoamento e de urbanização da macrorregião é marcado pela expansão e reorganização da Área Metropolitana de Lisboa, cujo papel estruturante extravasa os seus limites administrativos e se prolonga por 4 espaços adjacentes, polarizando funcionalmente um vasto território que se estende de Leiria a Tomar, Évora e Sines.” (Calouste Gulbenkian, Um Metrópole para o Atlântico, 2016, pag.2)

Neste enquadramento, o Pinhal litoral aqui referido ou a várzea de Cister, são uma das regiões mais ricas do País com a maior diversidade de oferta paisagística a norte de Lisboa e na qual se encontram praias, monumentos patrimoniais UNESCO, reservas naturais paisagísticas, biodiversidade de fauna e flora, na proximidade da capital, constituindo um enorme atrativo para o público nacional e internacional, onde o posicionamento e a diversidade desta região, associado a um clima cada vez mais ameno devido ao aquecimento global, que se estrutura como um ativo que não sendo um destino de sol e praia, apresenta conteúdos que aumentam o preço/noite da hotelaria e as visitas dos monumentos pela sua complementaridade que se distingue em toda a Península Ibérica. Do ponto de vista cultural esta complementaridade é analisada nos próximos parágrafos.

No entanto e analisando uma fotografia aérea da NASA da Península Ibérica, não podemos ficar indiferentes à concentração de população no litoral do Atlântico Europeu e na forma como a península ibérica concentra a maior parte da sua população entre Setúbal e Vigo. A análise desta fotografia proporciona um outro olhar sobre o território no qual a região Oeste e Caldas da Rainha e Óbidos, não são mais do que pequenos e diminutos municípios numa rede imensamente superior de toda a linha do litoral ibérico.





Imagem 16. Imagem da NASA da Península Ibérica

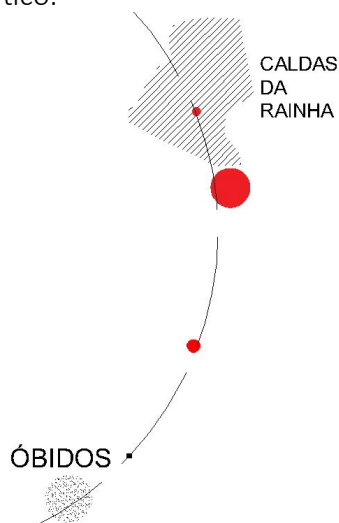
“O Oeste tem um modelo de povoamento com elevada dispersão, onde sobressaem os centros urbanos de Caldas da Rainha e Torres Vedras, e ainda Alcobaça, Peniche, Alenquer e Lourinhã. A proximidade ao litoral torna esta área fortemente atrativa, o que potencia alguma diversidade funcional. O IC2 estrutura a localização de atividades que se prolongam para norte, em direção à Batalha e ao eixo de Leiria-Marinha Grande, e para sul, num eixo de forte conetividade com a AML onde sobressai Torres Vedras.” (Gulbenkian, 2016, pág. 51).

#### **Estrutura sociodemográfica de Óbidos e de Caldas da Rainha.**

A análise necessária a entender o potencial cultura e artístico destes dois territórios, é aqui desenhada de forma a entender no terreno quais são as razões deste projeto, fazendo um levantamento que identifica os pontos chave do território e a sua distribuição, numa complementaridade e distribuição que respeita antigas infra estruturas como possivelmente a Estrada Real que hoje se supõe ser a N8, além de a A8 não constituir uma barreira mas sim um eixo que atravessa os dois territórios permitindo que hajam 5 saídas da Auto Estrada cujo troço Bombarral/ Tornada é gratuito, nomeadamente, Óbidos, Gaeiras, Caldas da Rainha Centro, Zona Industrial e Tornada.

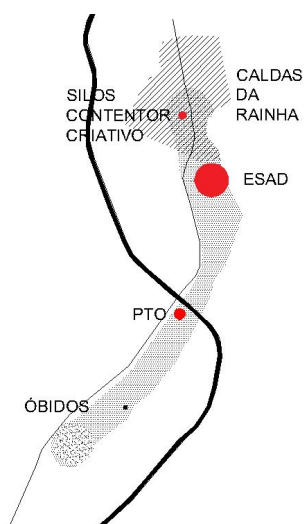


É sede de um Município com 141,55km<sup>2</sup> de área e 11.772 habitantes segundo os censos de 2011, sendo subdividido em 7 freguesias. O município é limitado a nordeste e leste pelo município de Caldas da Rainha, a sul pelo Bombarral, a sudoeste pela Lourinhã, a oeste por Peniche e a noroeste pelo Atlântico.



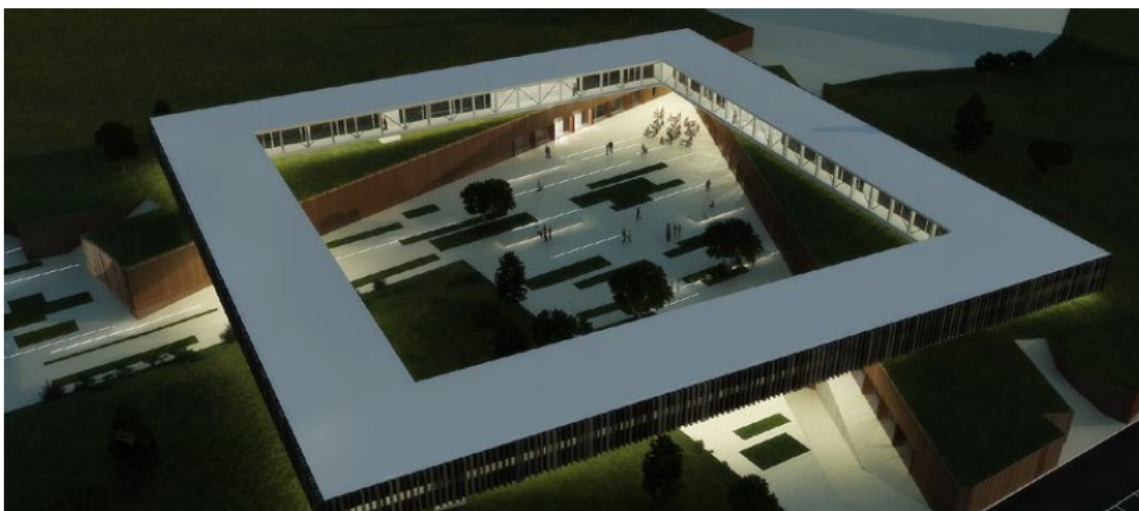
**Imagem 19. Análise urbana. Mapa de Mariana Calaça Baptista**

A análise esquemática dos pontos fundamentais da criatividade e cultura no território mais estruturantes da Região, representa em síntese um arco que liga projetos fundamentais como os Silos Contentor Criativo que estão presentes na cidade das Caldas da Rainha e que representam a captação de capital criativo na cidade, em estreita ligação com a ESAD, o Museu Malhoa e o Museu da Cerâmica, assim como o Centro de Artes na sua área de influência que marca uma área fundamental, que se nota na entrada Sul da cidade das Caldas da Rainha. Em articulação com estes três pontos estruturantes, o Parque Tecnológico de Óbidos colmata a ligação entre a ESAD e o Município de Óbidos sendo também em continuidade, importante a presença de uma das estruturas patrimoniais mais marcantes no Município de Óbidos, à entrada da Vila, o Santuário Barroco do Senhor da Pedra, seguindo-se no intramuros a Rede Municipal de Museus e o projeto educativo das Escolas de Óbidos.



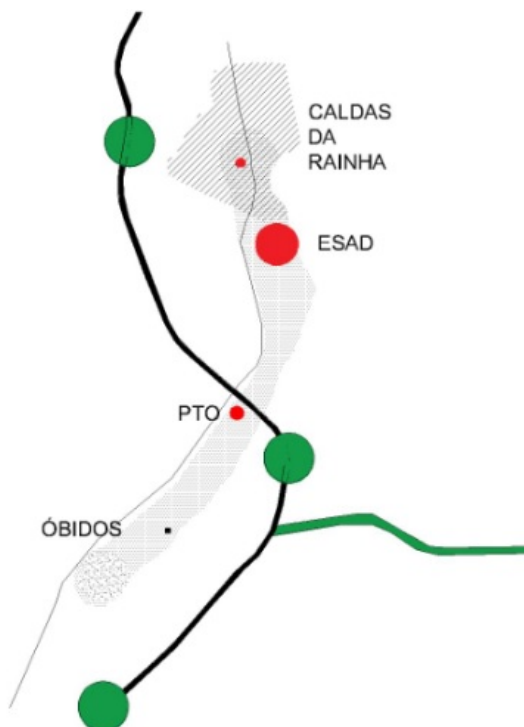
**Imagem 20. Análise urbana das linhas de força. Mapa de Mariana Calaça Baptista**

## DIGITAL MADE:



**Imagem 21. Parque Tecnológico de Óbidos em Local Action Plan (2011)**

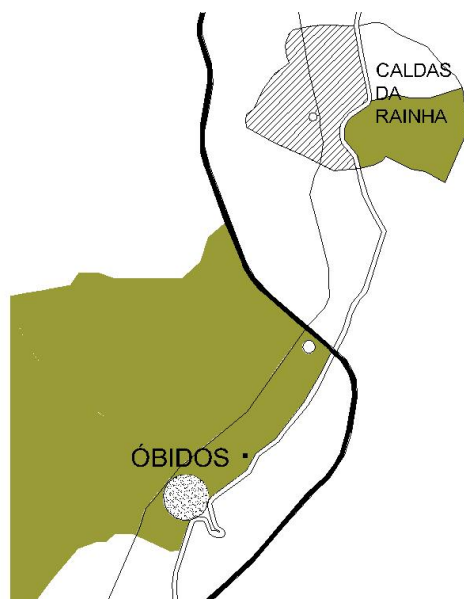
A nível da área de influência destes pontos fundamentais, consegue-se ler bem no território, um canal ou zona afeta à ligação entre os dois Municípios, através de um corredor anexo à linha do caminho de ferro, barreira estruturante na paisagem e que se estende, passando por baixo da Autoestrada A8, não interferindo em qualquer fluxo que por aqui se possa traçar. Este canal que articula de forma continua os dois territórios, é uma linha de força fundamental que poderá ser valorizada de forma mais marcante pela criação de uma maior acessibilidade que possa conduzir e encaminhar neste arco uma contemporaneidade ao que foi provavelmente a estrada real e que hoje é a N8, no seguinte mapa a negro.



**Imagem 22. Análise urbana. Mapa de acessibilidades. Mariana Calaça Baptista**

Já as vias estruturantes que delimitam as áreas urbanas, acabam por condicionar a concentração mais densa em Caldas da Rainha e mais dispersa em Óbidos, entendendo-se que a malha urbana da cidade focaliza no seu centro, um conjunto de projetos/edifícios estruturantes no território, e que em Óbidos se diluem na paisagem, sendo a sua

acessibilidade mais difícil e condicionada pela difícil mobilidade que se conhece, no acesso às infraestruturas.



**Imagem 23. Análise urbana e espaços verdes. Mapa de Mariana Calaça Baptista**

A relação do espaço urbano com as áreas protegidas ou espaços de fruição públicos (Parque D. Carlos I; Caldas da Rainha) e meio rural agrícola (Área agrícola circundante; Óbidos) faz desta análise algo complementar, entendendo-se uma área superior em Óbidos em relação ao Parque e à Mata em Caldas da Rainha. Nesse sentido os territórios são complementares, não sendo estas zonas totalmente públicas na sua extensão, mas cuja fruição e impacto paisagístico se articula de forma equilibrada.



**Imagem 24. Análise urbana. Impacto turístico na Região. Mapa de Mariana Calaça Baptista**

O que nos une e o que nos separa, está patente nesta análise, bastando avaliar a influência da Lagoa no Território para saber que o grande coração desta convergência, entre Óbidos e Caldas da Rainha, está sediado na Lagoa de Óbidos, cuja influência tem sido fator de aproximação ou afastamento entre o poder autárquico, na pecha de preservação da aberta entre o Mar e a Lagoa, além de toda a sua história comum que derivou na origem de Caldas da Rainha na proximidade de Óbidos, fruto de um acaso e da força da natureza nas proximidades de um burgo Real. Além deste cerne ser a base dos afastamentos e proximidades dos agentes locais, a influência dos fluxos turísticos no impacto da

visibilidade do território são uma ferramenta que poderá potenciar os públicos de forma complementar. A mancha em redor do centro histórico de Óbidos à escala do seu impacto turístico na Região em comparação com o mesmo indicador relativo a Caldas da Rainha, demonstra que ainda que de dimensão territorial inferior, o fluxo turístico de Óbidos é potenciado pelo seu enquadramento arquitetónico de referência. Já Caldas da Rainha, ainda que a mancha do espaço construído seja superior ao território de Óbidos, tem à escala uma mancha de fluxo turístico significativamente inferior à data deste trabalho.

### 1.3. Estrutura sociodemográfica de Óbidos e de Caldas da Rainha.

A análise de públicos em Caldas da Rainha e Óbidos irá permitir-nos entender a real dimensão das possibilidades das populações em causa, para o consumo/apetência para a cultura da Região, assim como a real oferta e estruturação do sector cultural por estes dois Municípios.

A população de Caldas da Rainha com 49550 residentes é analisada em vários sectores em complementaridade com a população de Óbidos com 11612 residentes. Este público, que é apenas uma amostra do impacto cultural de eventos na região, é um catalisador de potenciais comunicadores e frequentadores de eventos culturais locais, sabendo, no entanto que o potencial turístico local e internacional é o verdadeiro foco derivado da génese do território.

	2001	2007	2008	2011
<b>Homens</b>	5398	5560	5572	48,69%
<b>Mulheres</b>	5477	5772	5805	51,31%
<b>Total</b>	10875	11332	11377	11689

Quadro 2. Óbidos Local Action Plan (2011).

Nesse sentido analisamos neste documento algumas estatísticas de maior relevância para o tema, como por exemplo, o acesso à rede digital, o número de Museus nos Municípios, as despesas efetuadas em bens culturais e consumo de artesanato, a despesa dos Municípios em Artes Visuais e o número de estudantes universitários.

#### 1. Acesso à rede digital

Partindo do pressuposto que aos dias de hoje, o acesso à internet é o principal meio de comunicação de bens e produtos culturais, analisa-se que o número de pessoas a nível Nacional que têm acesso a plataformas digitais seja de 77,5% para uma população entre os 16 e os 74 anos de idade na Ação de ler ou fazer download de notícias online, jornais ou revistas de notícias o que a nível Nacional é um índice que permite que a divulgação online de atividades culturais e de recreio seja bastante elevada, sendo que em 2013 apenas se registaram 84396 indivíduos com utilização residencial e 12 979 indivíduos com utilização não residencial num total de 97375 indivíduos na zona Oeste numa população de 362540 indivíduos ou seja pouco mais de 26%. A importância deste indicador mostra-nos quão baixa é a percentagem de população na zona Oeste que recorre às plataformas digitais, sendo assim um desafio ainda maior a comunicação da cultura, tendo que ser articulada

com os meios tradicionais da imprensa escrita e do passa palavra. A dificuldade de conseguir públicos pelos meios já hoje tradicionais, terá de ser complementada com os métodos mais tradicionais tais como a imprensa em papel ou a televisão, ou noutro sentido conseguir captar patrocínios que possam pela diferenciação e qualidade dos eventos, pagar a divulgação nos media cujo valor será sempre aproximadamente 30% do custo do projeto.

## 2. Densidade populacional

Já relativamente à densidade populacional e ao número de habitantes por Km<sup>2</sup>, segundo o INE, nas Caldas da Rainha existem 201,4 habitantes por Km<sup>2</sup> em contraposição com 82,1 habitantes por Km<sup>2</sup> em Óbidos para uma média de 112,5 Habitantes por Km<sup>2</sup> em Portugal Continental.

Esta dispersão poderá ser analisada positivamente nas Caldas da Rainha pela aglomeração populacional do centro urbano que não necessita de meios de mobilidade tão dispersos como no território de Óbidos, numa média de 62,3% de veículos motorizados de passageiros utilizados a nível Nacional para deslocações. A potencial parceria com os meios de transporte públicos para a deslocação de pessoas entre os dois municípios é uma mais valia que poderá articular e viabilizar esta ponte, visto que a dispersão do público local pelo território é bastante elevada. A alternativa de recorrer a parceiros como a Rodoeste ou a CP poderá favorecer esta ligação entre Óbidos e Caldas da Rainha. Já o público internacional por se deslocar maioritariamente de veículo próprio, terá a sua participação mais facilitada, no entanto a comunicação dos eventos deverá sempre constar de mapas ou coordenadas GPS com a localização de pontos de estacionamento assim como facilitar o estacionamento em locais com vigilância devidamente identificados. O conforto e a segurança são um fator fundamental neste indicador.

## 3. Despesas dos Municípios em Artes do Espetáculo

Conforme o quadro em seguida analisado, os indicadores de despesa dos Municípios em artes do espetáculo são sempre superiores em Óbidos em relação a Caldas da Rainha, tendo em conta que Óbidos tem uma população de cerca de ¼ do Município de Caldas da Rainha. O retorno desse investimento tem sido também alvo de muitos estudos efetuados nos Municípios respetivos com grande mais valia para Óbidos, ainda que o valor do investimento tenha crescido significativamente em Caldas da Rainha.

As despesas em artes do espetáculo dos municípios em Caldas da Rainha e Óbidos, são respetivamente 223.584 e 328.039 em 2015, 201.956 e 435.047 em 2014 e 175.643 e 494.618 em 2013. Estes números demonstram que o valor de investimento em artes do espetáculo tem vindo a decrescer significativamente em Óbidos e tem vindo a crescer cerca de 20 mil euros anos no Município de Caldas da Rainha. Esse facto é já notório no terreno e sentem-se os impactos da discrepância de investimento em Óbidos e a maior atratividade de Caldas da Rainha no domínio das artes do espetáculo. O investimento dos últimos 4 anos na cidade de Caldas da Rainha, tem vindo a posicionar o Município numa nova dinâmica, sendo fruto dessa estratégia, o Oeste Lusitano, a Feira dos Frutos ou o World Press Cartoon no decorrer de 2017, visto que Caldas da Rainha tem uma enorme ligação com o mais representativo caricaturista do século XIX, Bordalo Pinheiro. Em relação a Óbidos os vários eventos complementares como o Festival Latitudes a uma escala menor ou o Fólio, já na sua preparação de terceira edição, fazem deste território um caso de

estudo na gestão cultural com recursos escassos e com necessidade de reinventar constantemente a sua estrutura.

#### 4. Despesa dos Municípios em Artes Visuais

Já no que diz respeito às artes visuais, o Município de Caldas da Rainha apresenta um valor bastante superior de 8341€, visto Óbidos não ter dados disponíveis para avaliar se houve ou não despesa em artes visuais durante o ano de 2015.

Nesse sentido e porque sem dados concretos não é possível fazer uma análise, este indicador não poderá ser estudado por omissão do Município de Óbidos.

#### 5. Despesa dos Municípios em atividades culturais e criativas

Em comparação, a despesa em atividades culturais e criativas teve um valor muito superior para Caldas da Rainha no decorrer de 2015, acompanhando de forma mais coerente o índice de população respetivo no valor de 1.324.667€, sendo bastante superior ao de Óbidos com 648.487€, e nesse sentido, derivado de um índice de população superior, a par da presença da Escola Superior de Artes e Design, talvez se entenda um valor tão elevado dada a presença dessa instituição. O ratio per capita é comparativamente semelhante visto Óbidos ter uma população de quase 1/3 dos habitantes de Caldas da Rainha, ainda assim o esforço é significativo para ambos os Municípios sendo que tem progressivamente vindo a aumentar com o tempo.

**Estes números demonstram que existe uma verdadeira apetência nestes dois territórios para a organização de eventos culturais ou de animação cultural, destacando-se em toda a região do Oeste neste domínio, e com um posicionamento de centralidade cultural na região. A par destes números temos o município de Alcobaça com alguma dinâmica, no entanto estes Municípios estão na liderança cultural da Região com influência e alguma representatividade em Peniche e Nazaré em atividades relacionadas com o mar no domínio turístico. Sendo assim, Óbidos e Caldas da Rainha lideram os eventos culturais de toda a região do Oeste.**

#### 6. Despesa dos Municípios em Património Cultural.

Já a despesa em Património Cultural, surpreendentemente é muito superior em Caldas da Rainha com o valor de 274192€ do que em Óbidos com 60027€, visto que a definição de Património Cultural inclui também o Património Arquitetónico e nesse sentido, Óbidos tem um número muito superior de edifícios considerados Património Arquitetónico, Arqueológico ou móvel em necessidade de recuperação dada a data de origem da Vila de Óbidos com mais 7 séculos de existência. Os tremores de terra do século XVI e XVIII foram também castigadores na Vila de Óbidos e foram necessárias obras de fundo para a requalificação do Património, tendo a Ex- DGEMN feito a campanha de reestruturação integral da muralha da Vila nos anos 40 do século XX e no caso de Caldas da Rainha não há registo de grandes danos do tremor de terra na cidade, tem do em conta o período de renovação das obras do Hospital Termal por D. João V em 1750 e posteriormente de D. José em 1757 com a inauguração do novo hospital no dia 15 de Maio, dia da cidade de Caldas da Rainha. O facto destas grandes renovações serem estruturais, leva-nos a pensar que o estado de conservação do cerne do Património seja mais delicado em Óbidos do que na cidade de Caldas cuja dispersão do edificado e dimensão do mesmo implica maior



investimento. Caldas da Rainha tem também um valor de investimento superior em património Cultural.

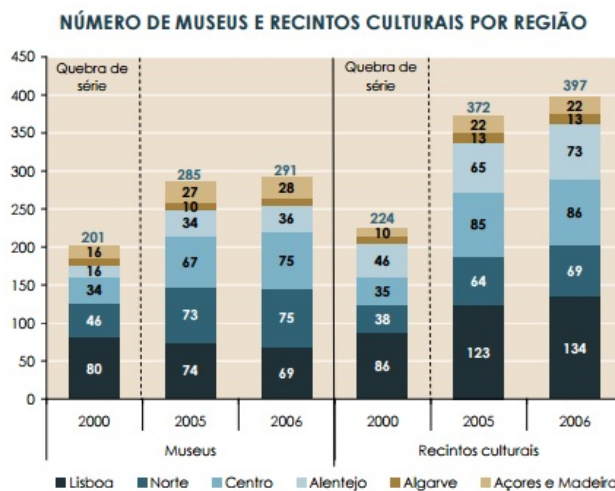
Nesse sentido os números aqui apresentados apresentam valores que estão a par do número de habitação e da área geográfica edificada, sendo Caldas da Rainha muito superior em mancha urbana.

Tendo em conta que o número de edifícios em Caldas da Rainha é de 5662 segundo o INE de 2011, podemos afirmar que pela mancha edificada é notório que as despesas em Património Cultural demonstrem um valor de 274192€, o que poderá significar que grande parte do investimento poderá ter sido aplicado em Património imaterial. O facto de só em 2016 se preparar a candidatura de Caldas da Rainha a cidade criativa da UNESCO, significa que os dados referentes a 2015 não contemplam o milhão de euros que durante 5 anos de 2016 a 2021 se aplicará neste projeto.

Tendo em conta estes números, só se entende que o fluxo turístico seja inferior em Caldas da Rainha do que em Óbidos devido ao fator Patrimonial e à aplicação de investimento público em eventos de atração turística diferenciadora em Óbidos com um investimento de 60027€.

### 7. Visitantes de Museus nos Municípios

Dados estatísticos da DGPC indicam que houve um acréscimo de visitas em 2015 em todos os Monumentos, Museus e Palácios, no entanto este estudo a nível local indica um valor muito superior em Caldas da Rainha do que em Óbidos, o que é algo que suscita algum interesse:



Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio, 2000, 2005 e 2006.

### Quadro 3. Mateus e Associados, Augusto. O sector cultural e criativo em Portugal. 2010.

Relativamente ao gráfico apresentado, o número de Museus e recintos culturais por região a nível Nacional, comparativamente com os números municipais têm vindo a crescer no País, muito embora, esse facto não seja verificado nos Municípios de Caldas da Rainha e de Óbidos, tendo sido inaugurado mais um Museu da obra de Leopoldo de Almeida (ver abaixo), nas Caldas da Rainha no dia 15 de Maio de 2017, perfazendo 10 museus.

**Localização geográfica (NUTS - 2013)**

**Visitantes de museus por habitante (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual**

		Período de referência dos dados			
		2015		2014	
		N.º		N.º	
Caldas da Rainha	16B1006	1,1		1	
Óbidos	16B1012	0,9			...

**Quadro 4. Visitantes de museus por habitante (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2013); Anual - INE, Inquérito aos Museus**

Neste quadro podemos verificar o número de Museus por habitante, sendo que como a população de Caldas da Rainha é 4 vezes superior do que a de Óbidos, esse número é significativamente superior em Caldas da Rainha, acompanhando o número de habitantes igualmente superior.

A taxa média anual de visitantes, segundo estatísticas da DGPC teve um acréscimo de 6,8% de 2010 para 2015 no número de visitantes, acompanhando de forma não muito expressiva o acréscimo exponencial de turistas em Portugal desde o ano 2014.

Há quatro anos que o número de turistas em Portugal tem vindo a aumentar, com 2014 a ser o que registou o maior aumento homólogo (12%). Mas este primeiro semestre é o mais forte no que respeita ao número total de turistas, mais de 8,5 milhões, o que ainda assim representa um crescimento de 10,2% face ao primeiro semestre do ano passado.

O INE disponibiliza dados desde 2006, não se verificando nenhum valor que se aproxime destes 8,5 milhões de turistas. Nos últimos 10 anos, só houve dois anos de quebra, 2009 e 2012.

A contribuir para estas evoluções estiveram os turistas estrangeiros e nacionais, com os estrangeiros a registarem um aumento de 10,5% em junho e os portugueses um acréscimo de 7,3%, adianta o INE.

Com números fantásticos por mês a bater todos os recordes dos últimos anos, verifica-se de igual forma um acréscimo nos visitantes dos Museus locais, acompanhando a tendência Nacional.

Esta oportunidade de reestruturar a oferta local num momento de grande procura, e quando se discute a administração dos Museus pelos Municípios, poderá ser uma oportunidade para à partida estruturar um novo posicionamento regional nesse tema.

#### 8. Número de camas por Município

O número total de 1274 unidades de alojamento em Caldas da Rainha face ao número de 1454 unidades em Óbidos, indica o potencial de alojamento existente nos dois Municípios, embora a qualidade e diferenciação das unidades de Óbidos associada à marca existente do concelho, se reflita numa maior ocupação ao longo das épocas.

Esse fator é notório quando falamos de presença de turistas nos dois concelhos e avaliamos a taxa de ocupação hoteleira, sendo sempre muito superior em Óbidos do que nas Caldas da Rainha.

A Taxa líquida de ocupação cama (%) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2013) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual em Caldas da Rainha é de 33,1% em comparação com uma superior em Óbidos de 49%. Nesse sentido entendemos que o verdadeiro público de qualquer evento cultural a realizar nestes dois Municípios é de facto o público não local que poderá potenciar e sustentar um evento cultural diferenciador a realizar na Região.

Na [www.Booking.com](http://www.Booking.com), o maior site de divulgação de alojamentos turísticos a nível mundial, estão registados 27 alojamentos no concelho de Caldas da Rainha e 54 alojamentos no concelho de Óbidos. (ver anexos)

**As mais valias de pensar eventos que extravasem a oferta hoteleira, é que em partilha se os pequenos eventos já não esgotam a oferta hoteleira, poder-se-á pensar em partilhar projetos e custos entre dois territórios, quando no momento já se verifica a procura de alojamento no território congénere deste estudo para pernoitar quando não existe alojamento no local do evento a realizar. Caso disso são eventos como o Fólho, o Festival Medieval, a Feira dos Frutos ou as feiras da Expoeste que reúnem milhares de pessoas que pernoitam normalmente apenas na noite do evento na cidade. Facto disso é a Exposição de Animais que decorre na Expoeste que atrai centenas de pessoas que necessitam de alojamento com capacidade e condições para alojar animais de estimação e que os obriga a alargar a área da oferta hoteleira.**

#### 9. Número de edifícios inventariados pela DGPC.

O número de edifícios inventariados em Óbidos é de 45 edifícios que se diferenciam pela sua qualidade, tipologia e uso, sendo que os 36 de Caldas da Rainha no núcleo urbano não são da antiguidade, época e tipologia que se possa considerar tão atrativa para a cidade e para o fluxo turístico. Neste sentido, entendemos que Óbidos acaba naturalmente por ser um maior atrativo para os públicos que a visitam do que a cidade de Caldas da Rainha, que ainda assim, tendo sido fundada por ação Régia da Casa das Rainhas, não obstante a sua ligação interdependente, é uma cidade com menos 311 anos e menor intervenção urbana na sua génese.

#### 10. Número de Alunos Universitários

A presença de cerca de 1200 a 1400 estudantes por ano na ESAD são também um enorme contributo para o público de Óbidos e Caldas da Rainha. (ver anexos)

#### 11. Atividades artísticas ou relacionadas Censos 2011

Relativamente ao estudo das atividades criativas e outras tais relacionadas com o projeto, foram analisados os CENSOS 2011 relativamente a Caldas da Rainha e Óbidos no sentido de perceber quais as atividades desenvolvidas nas áreas criativas e turísticas nos dois Municípios. Nesse sentido, encontram-se significativamente mais registos em Caldas da Rainha do que em Óbidos, havendo por isso manifestamente mais cidadãos residentes ativos nesta comunidade. Por outro lado, a atividade turística é maioritariamente mais ativa no Município de Óbidos, o que leva a entender que face à densidade populacional de Caldas da Rainha, 4 vezes superior, essa atividade está muito mais desenvolvida nesse Município.

A nível das atividades de artesanato locais, o calçado com 18 atores em Caldas da Rainha em comparação com 0, no Concelho de Óbidos. O vidro com 5 atores em Caldas da Rainha e 1 em Óbidos. Já a Cutelaria tem um expressivo número de 12 atores em Caldas da Rainha em comparação com nenhum em Óbidos. Esta diferença deve-se essencialmente à presença de uma forte tradição de Cutelaria na freguesia de Santa Catarina perto da Benedita. A Joalharia com 1 ator em cada município e uma expressiva diferença de atores da Hotelaria com 130 em Caldas da Rainha em comparação a 34 em Óbidos segundo os censos de 2011. À data atual e com a liberalização do alojamento local os números inverteram-se. Acompanhando os números de Hotelaria,

a nível da Restauração 289 em Caldas da Rainha contra 24 em Óbidos. Existe 1 Gravador em Caldas da Rainha e nenhum em Óbidos, 3 Rádios em Caldas da Rainha contra nenhuma em Óbidos. 37 arquitetos em Caldas da Rainha contra 1 a residir em Óbidos. 10 Atores na área do Design em caldas da Rainha contra 6 em Óbidos, sendo aqui notável a influência da ESAD. A nível da fotografia existem 2 em cada Município e o teatro com forte diferença em Caldas da Rainha de 18 atores contra 5 em Óbidos, devido certamente à presença do Teatro da Rainha. Foram registadas 5 bibliotecas em Caldas da Rainha em comparação com a biblioteca Municipal de Óbidos. Já Óbidos tem uma rede de livrarias com mais de 10 espaços dedicados ao livro no seu Município, incluindo um Hotel com cerca de 60 mil exemplares que podem ser consultados pelos seus clientes.

**Estes números ajudam-nos a entender grandes diferenças na leitura de atores locais nas respetivas áreas culturais e com essa análise entendemos a devida expressividade do sector cultural em cada um dos municípios.**

**Este poderá ser um dos maiores contributos através dos habitantes com algum domínio de técnicas e saber fazer na área da criatividade, que de alguma forma possam participar em projetos de índole criativa nos dois Municípios. Além das infraestruturas que Caldas da Rainha possui, a sua população está muito ligada às indústrias criativas desde há muito, sendo a sua população altamente qualificada nos domínios artísticos face à maioria da população da região.**

A respetiva diferença entre Óbidos e Caldas da Rainha reside não só na sua génese que lhes confere um carácter de complementaridade, mas também pelo crescimento do Turismo que é considerado por vários autores, como o foco de público mais representativo para a sustentabilidade das atividades criativas e culturais. Este facto é validado em Óbidos pelo elevado número de edifícios Patrimoniais que em redor de uma muralha medieval do séc. XIV, mas cuja fundação vem do século X, é notória na procura turística e na possibilidade de criar em redor deste enquadramento diversos eventos culturais que ao longo das últimas 3 décadas têm afirmado Óbidos como um local de diversão e atividade cultural ou de recreio. Ao nível de Caldas da Rainha e com o encerramento do Hospital Termal, essa realidade está num período de recriação ou reestruturação, com o intuito de até 2020 recuperar o funcionamento do Hospital Termal e a construção de um Hotel nos Pavilhões do Parque D. Carlos I, espera-se que essa realidade possa renascer neste território. A atividade cultural e criativa sempre esteve presente no território de Caldas da Rainha e foram muitos os artistas que alavancados pela comunidade de turistas de termas, levaram nomes relevantes da cerâmica local como Manuel Mafra ou Bordalo Pinheiro por esse mundo fora já no decorrer do século XIX.

Reflexões sobre o sector cultural e criativo a nível Nacional

“A afirmação de uma nova mobilidade global de bens, serviços, informação, capitais e pessoas, drasticamente favorecida pela forte redução do preço relativo do transporte internacional, com destaque para o transporte aéreo, que permitiu que o “cluster” alargado das atividades polarizadas pelo turismo se convertesse, na transição para o século XXI, numa das mais relevantes “indústrias” na globalização e, seguramente, naquela que apresenta à escala mundial, os impactos mais significativos no emprego e no território e, muito especialmente, na dinamização dos públicos para o núcleo-duro do sector cultural (património, artes, museus).” (Mateus e Associados. Relatório Final, 2010)

A análise da Augusto Mateus e Associados ainda que focando a sua análise a nível Nacional, revela que “Em 2006, ano em que a análise foi efetuada, a taxa média de crescimento anual do sector foi de 0,7% entre os anos de 2000 a 2006 mantendo uma taxa de apenas 2,6% do emprego Nacional em quase todo o período”.

Ao nível de pessoal ao serviço nos recintos de espetáculos na Região Centro, o número foi crescente nos anos de 2011 a 2015 acompanhando o crescimento Nacional num aumento de mais de 15% de 2013 para 2015.

No entanto a expressividade do sector na região Oeste em 2006 nas atividades culturais nucleares é de apenas 3,1%, sendo que as Indústrias culturais são somente 2,90% das atividades económicas significando apenas 3,8% da economia local.

A nível dos visitantes de museus por localização, visitantes de grupos escolares e visitantes estrangeiros, em Caldas da Rainha, houve um acréscimo dos dois primeiros grupos em todos os anos, tendo-se verificado apenas um decréscimo do último grupo de forma bastante significativa de 7491 para 3892. No entanto esse valor oscila bastante pois já em 2013 se tinham verificado apenas 5128 visitantes estrangeiros com um acréscimo para 7491 em 2014 e uma descida abrupta em 2015 para 3892 visitantes. Os fluxos turísticos inesperados poderão ter afetado esta estatística de forma imprevista, contudo em Óbidos esse registo ainda oscila mais de 2012 com um valor de 9800 decrescendo em 2013 para 3759 e um último registo em 2015 com 6045 visitantes que de cerca forma mostram uma recuperação. Estas variações podem-se explicar de diversas formas, ou pela programação do momento, ou pela promoção, ausência ou reforço, ou apenas pelo acréscimo ou decréscimo de turistas estrangeiros no território à data de referência.

Em Óbidos estes valores oscilam, de igual forma na análise do grupo de visitantes escolares na Vila em que não existe uma continuidade, mas sim uma alternância uns anos de mais do que outros. Esse facto está diretamente relacionado com a comunicação que o serviço educativo Municipal, faz do seu território às escolas a nível Nacional. Eventos como a Vila Natal em Óbidos ou o Festival do Chocolate já atraíram mais escolas e aos dias de hoje existem eventos mais atrativos que podem estar a desviar esta tipologia de público.

No entanto a nível de Caldas da Rainha desde que existe um registo contínuo de 2013 a 2015, registou-se um crescimento progressivo sustentado por um reforço nas políticas dos Museus da Cerâmica e Museu José Malhoa de tutela Nacional, que poderão hipoteticamente estar a trabalhar a sua oferta no serviço educativo com um crescente enfoque no público escolar, tendo-se verificado um acréscimo de cerca de 52000 para 54000 e por último 58500 em 2015.

Já a nível do número de espetáculos no Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha, verifica-se um número que oscila bastante ao longo de 7 anos que está diretamente relacionado com a sustentabilidade do projeto e com o pulsar da economia local e nacional sendo que nos últimos 4 anos a média são os 150 espetáculos ou eventos por ano.

## NÚMERO DE ESPECTADORES POR CATEGORIA (2008-2015)

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Totais
Teatro	7 592	5 425	6 646	5 753	4 310	3 603	1 414	3 688	38 431
Dança	643	3 115	3 898	2 174	1 919	3 649	1 770	2 529	19 697
Música	8 297	11 337	9 792	5 254	7 102	10 117	9 286	10 589	71 774
Cinema	2 145	1 730	1 792	1 936	163	215	1 384	727	10 092
S. Educativo	3 960	2 712	3 257	3 389	1 901	540	198	156	16 113
Eventos (al)	8 205	18 423	10 178	5 116	6 288	9 070	9 395	7 950	74 625
Exposições	25 880	17 570	12 300	11 500	640	4 250	27 029	23 021	122 190
Outros	1 500	12 430	4 500	5 580	6 720	640	1 002	2 470	34 842
<b>Totais</b>	<b>58 222</b>	<b>72 742</b>	<b>52 363</b>	<b>40 702</b>	<b>29 043</b>	<b>32 084</b>	<b>51 478</b>	<b>51 130</b>	<b>387 764</b>

### Quadro 5. Relatório Centro Cultural e de Congressos, 2016

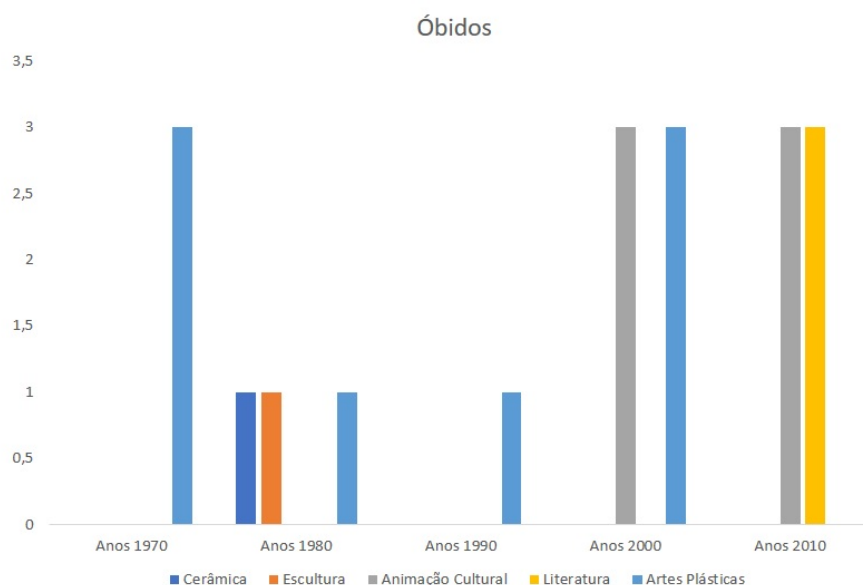
#### 1.4. Pontes e muros políticos e territoriais. O que nos une e o que nos separa.

Ao nível da possibilidade de uma ponte cultural entre os dois municípios e por este ano vivermos um momento de charneira e de esboço de novos projetos, a realidade não poderia ser mais favorável. Quando a OESTECIM está cada vez mais a gerir dinâmicas intermunicipais entre os 12 Municípios, Caldas da Rainha e Óbidos vivem a possibilidade de começar a estruturar projetos conjuntos nesse enquadramento. A SIPO, o Festival Internacional do Chocolate, A Feira dos Frutos ou o Oeste Lusitano, são apenas algumas das iniciativas cuja promoção entre os diferentes públicos é já aos dias de hoje uma realidade.

Nesse enquadramento os resultados da promoção da SIPO (Semana Internacional de Piano de Óbidos) que em 2017 se alargou aos territórios de Caldas da Rainha e Santarém, os valores da bilhética, fruto de uma promoção em rede, duplicaram de 2016 para 2017, com o valor final de 8300,00€, garantindo assim mais um ano de SIPO na comemoração da XXII Edição. Nesse sentido fica também assegurada a programação partilhada para 2018 e quem sabe abrir o evento a públicos de Alcobça. O sucesso da bilheteira em 2017 deve-se a uma promoção intensiva na hotelaria da região, com enfoque em públicos Premium que procuram atividades culturais durante a sua estadia em Portugal, com um público maioritariamente estrangeiro, mas também com público nacional da região que ficou a conhecer o evento. A grande dificuldade sentiu-se no terreno, não só na localização dos outdoors como também na generosidade dos locais em divulgar atividades culturais que não pertencem ao seu concelho. A iniciativa de divulgar nas vitrines dos espaços comerciais de Caldas da Rainha, um evento que originariamente é em Óbidos teve alguma resistência, pelo que a comunicação no próximo evento terá de ser direcionada aos públicos locais de forma mais estratégica.

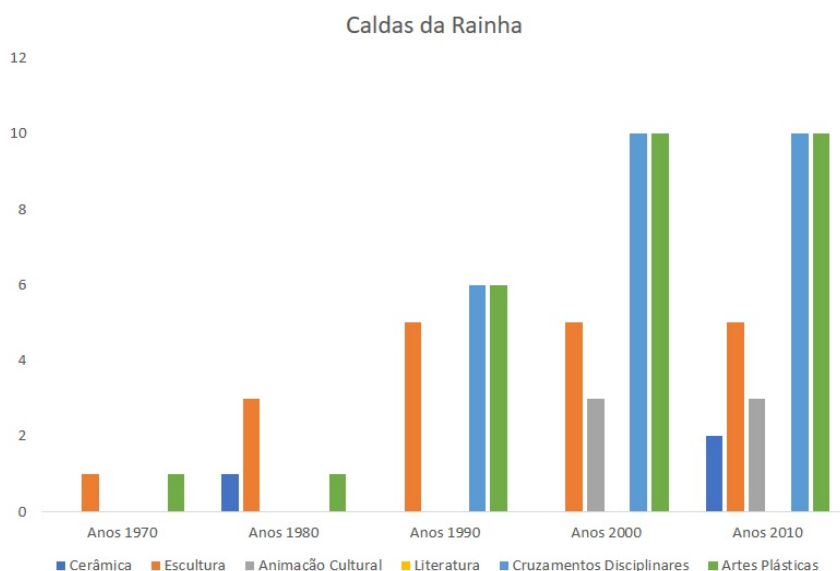
Face a este estudo entende-se que a união de esforços para a promoção da cultura nos dois Municípios poderá favorecer de forma muito positiva a estruturação de um

calendário de eventos e a respetiva promoção conjunta, pela complementaridade de Património e de ações que se poderão desenvolver no território na área cultural e criativa, tais como os projetos já lançados em parceria como a inauguração do Festival do Chocolate e da Semana Internacional de Piano de Óbidos no Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.



#### Quadro 6. Eventos nas últimas 4 décadas em Óbidos

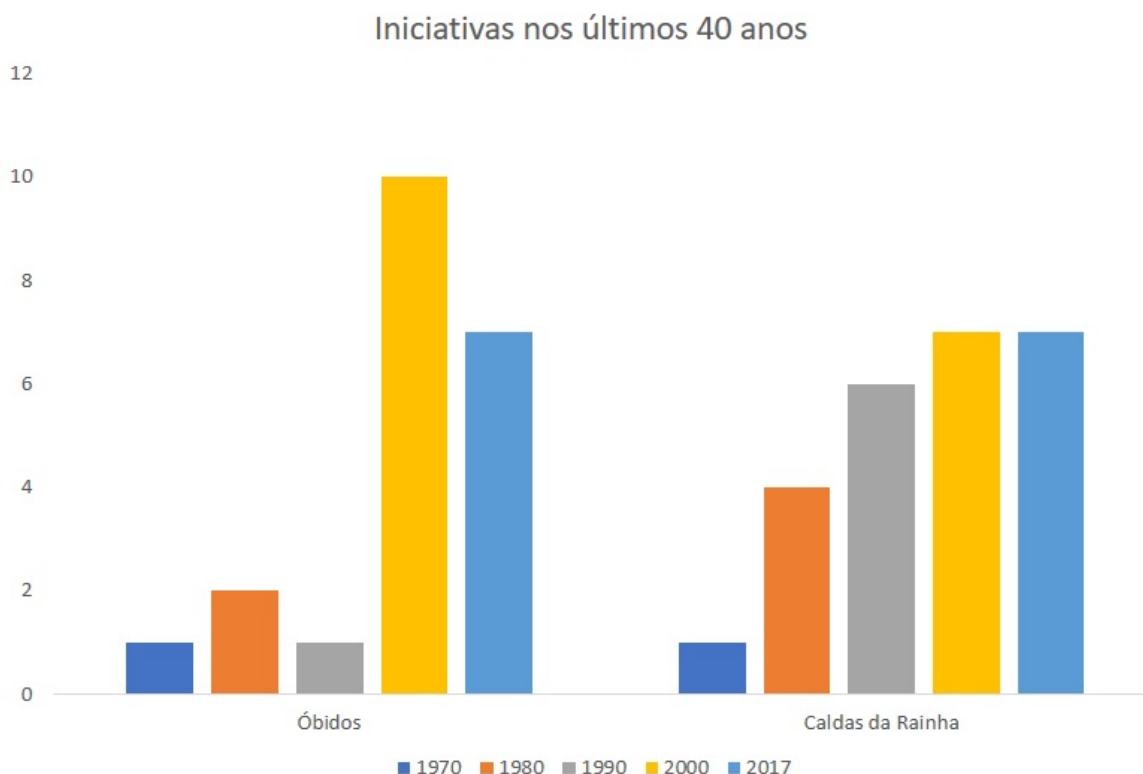
Aos dias de hoje existe em Óbidos uma rede de Museus onde se inclui a Galeria Nova Ogiva (Galeria Ogiva de 1970), organizou as Bienais nos anos 80 e 90, o Museu Abílio, e a rede de livrarias pertencente à Vila Literária da UNESCO (Literatura), de onde se destacam eventos como o FÓLIO. Desde há muito que Óbidos organiza o Festival do Chocolate, Vila Natal e o Mercado Medieval (Animação cultural) em complementaridade com a regular oferta por si só importante de toda a história da Vila.



#### Quadro 7. Eventos nas últimas 4 décadas em Caldas da Rainha.

Nas Caldas da Rainha podemos contar com o Centro de Artes (Simpetra desde 1986), o Museu José Malhoa, o Museu da Cerâmica, o CCC (desde 2008), os Silos Contentor Criativo (desde 2010), a Eletricidade Estética, o Museu Bernardo, a CERES, o Grémio

Caldense, o Caldas Late Night (desde 1996), que de forma mais institucional ou mais underground organizam eventos na cidade, tais como a Molda 2016/2020, o Simppetra, o Festival Lusitano (desde 2010), a Feira dos Frutos (Anos 90 com remake em 2016), numa mistura de eventos culturais e de animação cultural aos dias de hoje, que muito enriquecem a cidade.



#### **Quadro 8. Eventos nas últimas 4 décadas. Comparativo**

Entende-se que na ultima cor azul de 2010 a 2017, nas ultimas barra do gráfico, os dois concelhos se equiparam-se um ao outro em dinâmica e organização de eventos, seja pelo facto de existir no caso de Óbidos uma agenda constante de animação cultural com os festivais temáticos, coroados com o Fólio, ou no caso de Caldas da Rainha, o Simppetra, a Bienal Molda e todos os eventos independentes de cruzamento disciplinar organizados por associações independentes além do Festival Lusitano, Festa dos Frutos, Caldas Anima, Caldas Late Night, Eventos dos CCC, entre outros.

#### **1.5.O potencial turístico de Óbidos e de Caldas da Rainha**

Óbidos com 45 imóveis inventariados, entre eles o aqueduto e as muralhas do Castelo, as várias fontes de fornecimento de água através do século XVII e XVIII, todas as capelas e edifícios que foram sendo construídos num passado mais remoto e que estruturam uma oferta patrimonial arquitetónica com maior antiguidade do que a cidade de Caldas da Rainha e num espaço urbano contido entre as muralhas do Castelo. Nesse sentido, Óbidos é uma experiência contida dentro das muralhas e cujo enquadramento rural proporciona a quem o visita, um quadro medieval idílico e que aos dias de hoje se encontra em bom estado de conservação. As ruelas e travessas do intramuros que nos conduzem pelo interior do Castelo, são ainda originais do século XVI e proporcionam uma identidade única que estrutura toda uma paisagem. Os seus 27 Hotéis e mais de 500 alojamentos locais no Concelho de Óbidos, são demonstração do enorme atractivo que a Vila é, e o foco agregador de turistas de todo o mundo que procuram em Óbidos



uma memória e uma história com autenticidade. A Casa das Rainhas e a Misericórdia de Óbidos são instituições que muito edificaram em Óbidos, e que ainda aos dias de hoje, no caso da Misericórdia de Lisboa, está a reestruturar o Santuário do Senhor da Pedra em continuidade com a sua construção no século XVIII.

O potencial turístico e cultural de Caldas da Rainha com 36 imóveis inventariados nas freguesias de Santo Onofre, Coto e São Gregório, que constituem o centro histórico da cidade, constituem-se essencialmente como imóveis dos séculos XV, XVI, XIX e XX cuja função está intimamente ligada à presença da Rainha D. Leonor e das cortes na Vila de Caldas da Rainha. O Hospital Termal dos séculos XV, XVIII e XIX assim como o desenho paisagístico do Parque D. Carlos I e da Mata da Rainha Dona Leonor perfazem um conjunto arborizado urbano de excelência e que dota a cidade de um Património singular. Em paralelo com a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, Monumento Nacional, existe uma série de Ermidas ou Capelas, imóveis de Interesse Público pela cidade do século XVIII e que estão associadas ao culto durante as estâncias termais na Vila de Caldas da Rainha, assim como todos os chafarizes que à época foram construídos no século XVIII para dotar a Vila de água. Os restantes imóveis do século XIX e XX associados a uma Vila Termal, são essencialmente apoios hoteleiros, escolas, a estação de comboios, estação de autocarros, hotéis, entre outros que demonstram o fulgor e pujança da cidade no decorrer do século XX. Para estruturar esta oferta turística e cultural, existem 15 hotéis em Caldas da Rainha que desde o século XIX proporcionam uma oferta hoteleira para albergar os turistas que aqui pretendem veranejar ou frequentar as termas da cidade.

## 1.6. Marcas culturais nos dois territórios.

DATAS	CALDAS DA RAINHA	ÓBIDOS
1970		Galeria Ogiva
1971		Galeria Ogiva
1972		Galeria Ogiva
1973		Galeria Ogiva
1977	Encontros Internacionais de Arte	
1986	Início SIMPPETRA	
1987	I Simposio de Escultura e Desenho	Bienal Cerâmica
1988		
1989	II Simposio de Escultura e Desenho	Bienal Escultura
1990	III Simposio de Escultura e Desenho	
1991	IV Simposio de Escultura e Desenho	Bienal Pintura
1992	V Simposio de Escultura e Desenho	
1993		
1994		
1995		
1996	VI Simposio de Escultura e Desenho	
1997	VII Simposio de Escultura e Desenho	
2000	VIII Simposio de Escultura e Desenho	
2002	IX Simposio de Escultura e Desenho	Festivais temáticos
2003		Festivais temáticos
2004	X Simposio de Escultura e Desenho	Festivais temáticos
2006	XI Simposio de Escultura e Desenho	Festivais temáticos
2008	XII Simposio de Escultura e Desenho/Mercado da Fruta	Junho das Artes/Festivais temáticos
2009		Junho das Artes/Festivais temáticos
2010	XIII Simposio de Escultura e Desenho	Junho das Artes/Festivais temáticos
2011		Festivais temáticos
2012	XIV Simposio de Escultura e Desenho	Festivais temáticos
2013		Festivais temáticos
2014	XV Simposio de Escultura e Desenho	Festivais temáticos
2015		Fólio
2016	MOLDA Bienal de cerâmica	Fólio

Quadro 9. Descrição dos principais eventos em Óbidos e Caldas da Rainha

Analisando as marcas culturais desde 1970 em Óbidos, quando se inaugurou a Galeria Ogiva, que esteve em funcionamento até 1974, e mais tarde com os Encontros Internacionais de Arte em Caldas da Rainha em 1977, surgiu um “movimento” de fazer acontecer eventos associados à matriz cultural do território.

A Galeria Ogiva surgiu em Óbidos como o culminar de um processo que se iniciou em 1965 com uma nova tendência cultural Ocidental. Muitos dos artistas que aqui expunham o seu trabalho já eram amigos habituais ou colegas de Faculdade das Belas Artes de José Aurélio. Trata-se de um projeto de amigos, que culminou numa das galerias mais provocadoras e inovadoras no País, fora da centralidade de Lisboa ou do Porto. Um projeto de amigos que sem ambições comerciais se reuniam para aqui expor o seu trabalho. Muitos dos artistas que colaboraram com este projeto foram referências artísticas no século XX, sendo a sua contribuição devidamente registada na entrevista em anexo.

Poder-se-á especular sobre os movimentos pós 25 de Abril que aqui tiveram lugar no sentido de esta comunidade estar sequiosa de novas correntes artísticas e aqui terem dado início a uma nova atitude face à cultura. Estas ações perduraram com maior consistência nas Caldas da Rainha até aos dias de hoje e no caso de Óbidos, com um interregno de 10 anos entre 1992 a 2002, tendo ressurgido depois com maior consistência com o Presidente da Câmara Dr. Telmo Faria, o que culminou no Selo da UNESCO com Óbidos Vila Literária em 2015.

As aproximações na programação são constantes entre 1987 e 1991 e mais tarde entre 2008 e 2017, sendo Caldas da Rainha mais consistente na Escultura e cerâmica e Óbidos mais diversificada nas áreas da animação cultural, artes plásticas e Literatura.

Esta complementaridade é interessante e a programação enriquece-se mutuamente com objetivos distintos, sendo que Óbidos mais associado a eventos de animação cultural como os Festivais é complementar às Bienais da cidade de Caldas da Rainha, em que em alguns momentos ambos os Municípios no passado organizaram eventos culturais próximos. Aos dias de hoje, a Bienal Molda e a candidatura de Caldas da Rainha a cidade criativa na tipologia de Crafts and Folk Arts acaba por ser uma enorme atrativo turístico que em paralelo com o já diferenciador Fólio em Óbidos, que surgiu da recente nomeação para Vila Literária da UNESCO, aproxima estes dois territórios da excelência.

### **1.7. O potencial artístico de Óbidos e de Caldas da Rainha**

**Óbidos:** A presença de artistas como Josefa de Óbidos em Óbidos no século XVII e a construção dos vários edifícios encomendados pelas Rainhas de Portugal que receberam Óbidos como dote de casamento de todas as Rainhas até 1834, favoreceu a vinda de vários arquitetos e artistas na construção e decoração das igrejas e espaços da corte em todo o Castelo. Ainda que maioritariamente obras arquitetónicas, Óbidos tem um espólio artístico que se sente no espaço urbano e que muito a diferencia. Já no século XX, um movimento de recuperação da identidade artística desta Vila, viu com o projeto de José Aurélio e com as bienais artísticas que aqui se organizaram, um novo posicionamento que tornou a Vila novamente palco de criação e programação no contexto artístico nacional e internacional com a abertura da Galeria Ogiva que veio acicatar o panorama artístico do Estado Novo, tendo início em 1965 e que trouxe no momento de então o que são os artistas aos dias de hoje mais conceituados do século XX e XXI a Óbidos. Foi nesse contexto que com o apoio da crítica e dos marchands, a Galeria Ogiva sobreviveu durante 3 anos e que criou um legado para o território e que foi uma reação ao então sistema político vigente e que proporcionou uma reflexão sobre o panorama artístico Nacional de então.

Com 3 edições, as Bienais de Óbidos (1987, 1989, 1991) uma de cerâmica, outra de escultura e a última de pintura, trouxeram ao panorama artístico nacional um ressurgir da dinâmica antes vivida na Ogiva e que recuperou o seu posicionamento a nível Internacional, na regeneração do espaço urbano público, tendo sido um foco de atração que posicionou o território numa nova contemporaneidade com a presença de vários artistas internacionais e nacionais que aqui expuseram no espaço público durante este período de tempo

O Junho das Artes pela mão do Presidente da Câmara Telmo Faria, foi nessa continuidade, recuperar o panorama artístico da Vila para o Século XXI e foi através deste evento que durante 3 Anos (2008, 2009, 2010), que se recuperou a presença de Óbidos no panorama artístico Internacional, tendo nesse enquadramento ressurgido a vontade e o projeto de tornar Óbidos uma Vila de Artes. O público que trouxe consigo após essa programação, foi reestruturado para criar a organização de vários Festivais temáticos que desde 2002 e têm evoluído em diferentes temas desde o Medieval, Natal e Chocolate, culminando aos dias de hoje com o projeto da Vila Literária da Unesco em 2015, numa ação de programação para combater a sazonalidade turística. A Casa Museu Abílio Matos, residência do artista e da sua mulher Maria José Salavisa foi de igual forma um projeto que fixou mais um espólio para a Vila de Óbidos e que aos dias de hoje apresenta um importante património de cenografia e pintura. Existe ainda uma rede de museus e Galerias do concelho de Óbidos que inclui o Museu Municipal, o Museu Paroquial, a Galeria Nova Ogiva e a Galeria da Casa do Pelourinho.

**Caldas da Rainha** desde o século XV que marcou o panorama artístico com a construção da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo nos quais participaram “Mateus Fernandes ou Mateus Fernandes e Boitaca (conjecturais); MESTRES CARPINTEIROS: Pedro Anes (retábulo do cruzeiro), Francisco Gomes (reconstrução da cobertura); MESTRE PINTOR E DOURADOR: António José Rocha (restauro dos altares laterais); MESTRES PEDREIROS: Pero Afonso e Álvaro Godinho (abóbadas), Fernando de Carvalho, Manoel Serafim e Francisco da Silva (restauro da abóbada), Gaspar Alves (ligação da Igreja com a Contadoria); MESTRE ORGANEIRO: Paul Le Gros (restauro do órgão); PINTORES: Domingos Lopes (restauro do tríptico), Roque de Figueiredo (escudo real) e Mestre da Lourinhã (tríptico do arco triunfal, atr.); ESCULTORES: Duarte Mendes (grupo escultórico da Anunciação), Pedro e Filipe Henriques (pia baptismal, atr.), António e João Ribeiro (novo retábulo).” *www.monumentos.pt*. De entre estes artesãos ou artistas foi igualmente convidado Gil Vicente para a encenação do Auto de São Martinho para a inauguração do monumento, no qual a corte esteve presente. Nos séculos subsequentes, as maiores manifestações artísticas estão na cerâmica desde Maria dos Cacos a Manuel Mafra e Bordalo Pinheiro, que com a sua expressão próprias e design de época, marcaram o panorama artístico aos dias de hoje reconhecido internacionalmente. Segundo João B. Serra, no século XVIII, o centro de produção cerâmico caldense era apontado como um dos mais importantes do país, a par de Lisboa, Porto/Gaia, Coimbra, Estremoz. Produzia-se além de olaria corrente e utilitária nas modalidades de louça vermelha e louça vidrada, faiança e o que foi sendo designado por “louça de artifício”, por outras palavras, louça decorativa.

A produção cerâmica de influência Europeia trouxe a Caldas da Rainha através da fábrica de Faianças, um estilo naturalista e clássico inspirado pelo movimento “Arts and Crafts” que se inspirou no modelo Francês da Fábrica Nacional de Sévres. O estilo “Neo-Palissy” que se difundiu a partir de França para o Reino Unido, Itália e outros

países europeus marcou o estilo cerâmico de Caldas da Rainha proporcionando uma linha de produção Nacional que se diferenciou dos demais através da Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro.

Já no Século XX, e após vários anos de presença artística na cidade, com manifestações mais livres ou mais clássicas como as de José Malhoa ou Francisco Franco, a aposta voltou-se para a Escultura e o Desenho já no ano de 1985 que afirmou o nome da cidade no panorama internacional na área da Escultura com as Bienais do Simppetra. Aos dias de hoje numa complementaridade de Artes Plásticas, escultura e Cerâmica, Caldas da Rainha destaca-se no País pela notoriedade do Centro de Artes, local onde se encontra uma das mais completas coleções de escultura no País com 4 espólios, Barata Feyo, António Duarte, Leopoldo de Almeida e João Fragoso, destacando-se este espólio a nível internacional. Com a presença do Centro de Artes e da ESAD, além da programação da Bienal MOLDA, a programação atual do Município de Caldas da Rainha é de uma enorme riqueza e variedade da oferta cultural. Foi em 1989 com a formação académica da Escola Superior de Belas Artes do Instituto Politécnico de Leiria, que a afirmação das artes plásticas na sua globalidade, surgiu na cidade com a influência em vários sectores que se manifestam aos dias de hoje no País e a nível Internacional. Existem ainda os restantes museus da cidade, Casa Museu São Rafael, Museu da Cerâmica, Museu do Ciclismo, Museu do Hospital e das Caldas e o Museu José Malhoa.

## **Conclusões**

A vantagem de fazer uma análise comum entre os dois territórios congéneres é a de que existem sempre aspetos de união e separação num estudo comparativo, contudo pela proximidade geográfica, histórica e cultural, neste caso Caldas da Rainha e Óbidos têm semelhanças que facilitam a sua leitura como dois territórios vizinhos que com um único centro geográfico, a Lagoa de Óbidos, existem tendências naturais para uma aproximação cultural que poderá ser benéfica para ambas as partes, seja na matriz histórica e cultural que os aproxima ainda que a gestão administrativa do território seja necessariamente independente por razões de identificação cultural com séculos de existência. Do ponto de vista cultural, poderá concluir-se que os dois territórios vizinhos e complementares, têm vantagens na sua gestão cultural partilhada, podendo apoiar-se e programar de forma conjunta ou partilhada para a majoração dos públicos e para um projeto de concertação de orçamento que permite uma maior oferta de eventos culturais. A complementaridade dos dois territórios cuja aproximação poderá facilitar a angariação de fundos, facilitará a leitura do território a uma escala Macro cujo centro geográfico da Região Turística do Oeste no coração da Região e a 80 quilómetros da capital, se posiciona de forma muito atrativa para o turismo e para o público cultural.

A estruturação de uma interligação entre os municípios através da palavra, suscita o interesse pelo património, turismo e cultura locais, e permite uma maior diversidade de temas que aos dias de hoje já são naturalmente complementares, na ativação da economia local numa perspetiva de combate à sazonalidade e à saturação do mercado dos eventos de animação cultural atuais.

As diferenças de programação artística entre os dois municípios, ainda que com alguns pontos de encontro, são na sua essência muito diferentes, conforme se pode entender no levantamento dos últimos 40 anos. Ainda que com abordagens temáticas distintas

e enquadramentos urbanos diferenciados, a partilha deste território proporciona à região uma enorme força na ampliação do âmbito geográfico, e na força da sua matriz histórica, potenciando dois municípios como uma grande região com mais de 397 km<sup>2</sup>, podendo-se afirmar na cultura, como um cluster de criatividade onde essa mesma cultura é apenas um dos sectores económicos mais representativos em toda a Região Oeste, e na periferia de Lisboa no eixo de Lisboa/Porto, o circuito turístico mais representativo na procura turística de quem nos visita do estrangeiro.

Dar a conhecer o património dos anos de 1400 a 1600, com recurso a um projeto de baixo custo, é não só uma forma de ancorar as populações que nele residem à sua matriz histórica, como também suscitar o interesse pela programação que poderá nascer desta rede, associando todos os atores culturais locais num mesmo projeto.

### **Parte III: Projeto “Pontis”**

## **Capítulo I: O Projeto de ligação cultural e linguística (origem)**

### **1.1. Sumário .....**

Michael Pinsky in his Pontis project, in *Cauquelin, Anne, Sítio, lugar e mundo, 2007 in Curadoria do Local*, structures a thought that leverages the project like this: "The mildest form of this sacralization of the place is the patrimonial, commemorative form which seeks to save the places by unifying them. It is the recognition of the place - although as a specific place - but for the benefit of the State; And finally of the trade and industry, and of the political parties that produce the renewals, it happens that there are mediations, compromises, attempts to find a possible way to safeguard "classified" places, nevertheless producing change and increasing Profits. "This vision of territory and heritage is a consequence of the need to analyze layers of a historical overlap of several centuries of existence. Whether in Walsend, with the testimony of Hadrian's Wall, or in Caldas de Óbidos, the use of the word within the past, resurrects a patrimonial legacy that allows to revive a historical epoch transposed to contemporaneity. It is in this sense that a cultural bridge through the word allows us to recover a memory that was structuring in the 1400's, an initiative that places us in a revived past, with memories of places and sites, which still today are structuring for the Matrix of the territory. The communication here is fundamental and for this it will be necessary to create a lettering that can communicate the word properly differentiated.

Palavras chave: Ponte, Narrativa, Palavra, História, Cultura, Património; Nano-turismo.

### **1.1. Projeto**

Enquadramento.

O projeto pretende estudar através da palavra, a identificação material e imaterial de alguns locais entre os territórios de Caldas da Rainha e Óbidos, tais como “Ponte”, “Casa”, “Estrada”, “Castelo”, “Fonte”, “Termas”, “Rua”, “Tribunal”, “Igreja”, “Caminho”, “Imagem”, “Praça”, “Largo”, “Rainha”, “Rei”, “Real”, “Lagoa”, “Água”,

“Mar”, “Vila”, “Nossa Senhora”, “Povo”, de forma a identificar Caldas de Óbidos e Óbidos de forma a que a ligação histórica que esteve na origem, seja identificação de uma origem comum cujo território partilhado até 1485 divergiu em 2 Municípios, Caldas da Rainha e Óbidos.

A palavra, que nos apoia na interpretação de uma mesma identidade vivida em 1400's, sobre a formação da génese de Caldas da Rainha enquanto Termas da Corte de D. Leonor e o povo do Portugal de então, é neste sentido o grande vínculo que nos poderá dar a conhecer a razão da sua criação e por conseguinte a História que está na sua formação.

## 1.2. Descrição do projeto

Trata-se de um projeto de sinalética que pretende identificar locais estruturantes dos dois Municípios, Óbidos e Caldas da Rainha, em que através do uso da palavra, se traduzem alguns locais chave no território, possibilitando aos residentes e turistas, questionarem-se sobre a origem da palavra na sinalética. Dessa forma, na cidade de Caldas da Rainha e na Vila de Óbidos, podem ser estruturados tours, merchandising, conferências, visitas guiadas que interpretam esses mesmos locais, pela ligação histórica dos dois territórios, no intuito de dar a conhecer o Património originário de 1400 até 1600. Nesse percurso, o residente ou o turista, irão ter a oportunidade de reviver as memórias e os locais de um outro tempo que foi estruturante para os dias de hoje.

## 1.3. Posicionamento

Ideal para escolas, turistas e locais, o “Pontes”, cria não só uma maior proximidade entre a comunidade de Caldas da Rainha e Óbidos, e consolida as relações entre os Executivos e a sua comunidade no entendimento de um local comum e único, que poderá ser potenciado através da sua história.

As escolas poderão ser um dos principais públicos deste projeto, na criação de uma visão macro do território e de forma a que seja possível o entendimento de um território que seja interpretado pelas suas raízes daquilo que é Portugal e a sua história desde o século XII. Nesse sentido, a palavra e o património arquitetónico e imaterial são a grande e única continuidade que nos vincula ao passado.

## 1.4. Missão: Valorizar o património e identidade de cada Município pertencente ao projeto, no intuito de salientar, o valor único que cada território constitui, numa busca por uma linguagem comum que una e consolide uma marca identitária Regional através de uma “quase” Arte Urbana.

A partilha dos benefícios e dos custos do projeto, são no entender desta sinergia, a enorme mais valia para o projeto de uma programação e promoção regionais conjuntas, que permitam que Municípios complementares se expressem por um valor que é Portugal e a Europa Ocidental Atlântica.

O Oeste, situa-se no enclave entre a área Metropolitana de Lisboa a sul, a Costa da Prata a Norte e o Ribatejo a Este, estando localizado na continuidade do eixo Lisboa /

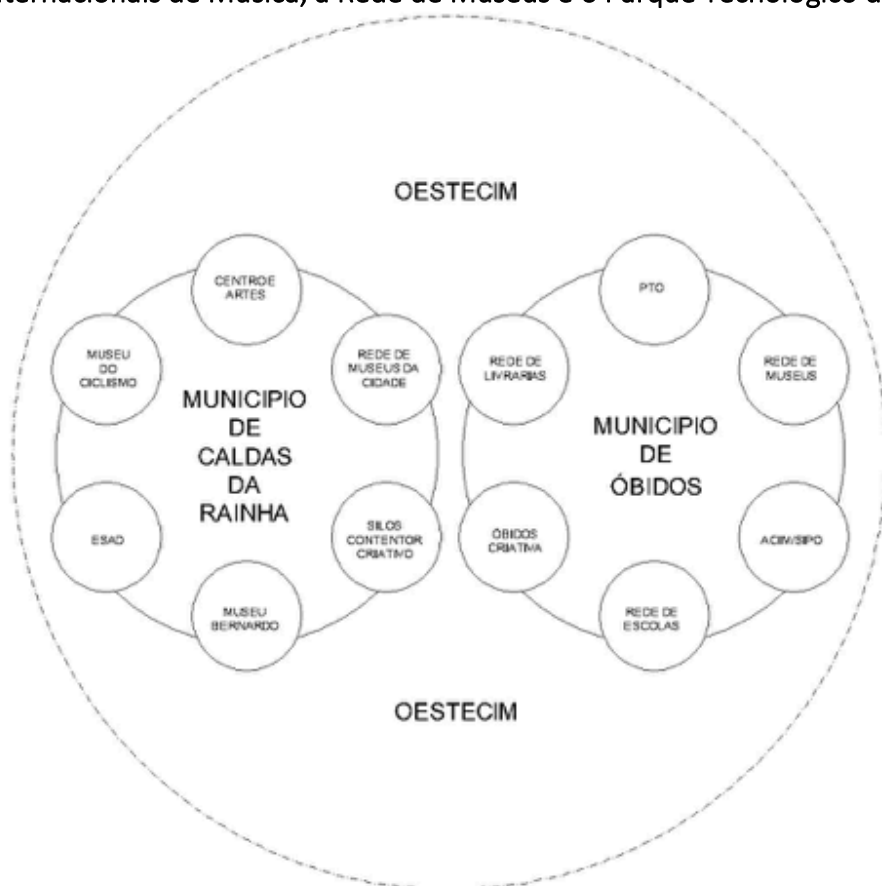
Porto e atravessando o País por uma paisagem diversa, onde os fluxos turísticos são ancorados em pontos estratégicos como Óbidos, Peniche, Nazaré e Fátima, cujo centro geográfico é Caldas da Rainha, tendo na sua evolução, um período de desenvolvimento com uma história comum partilhada entre os congéneres.

**1.5. Visão:** Articular conteúdos e promover o território, através das suas marcas culturais, num objetivo partilhado que visa a agregação de entidades e instituições do sector cultural e artístico, de forma a poder mediar projetos cuja rede permitirá uma maior representatividade, com foco na sua sustentabilidade.

Promover as entidades culturais da região e a sua estreita ligação entre a criação de públicos e o turismo derivado de um forte valor patrimonial local. O projeto “Pontis” pretende ensinar um novo idioma, cuja *palavra* fala a génese histórica dos Municípios pertencentes a esta rede.

Na próxima figura à esquerda encontramos as instituições do Município de Caldas da Rainha, a Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, a Casa Museu Bernardo, os Silos Contentor Criativo, os Museus Malhoa e Cerâmica de Caldas da Rainha, e o grupo Eletricidade Estética.

À direita, o Município de Óbidos, a Óbidos Criativa, a Associação de Cursos Internacionais de Música, a Rede de Museus e o Parque Tecnológico de Óbidos.



Quadro 10. Entidades culturais de Caldas da Rainha e Óbidos.

**1.6. Valores:** A história da formação de Caldas de Óbidos, posterior Caldas da Rainha, cuja origem se deve à passagem da Rainha D. Leonor pelo território que é hoje a cidade

de Caldas da Rainha, permite-nos afirmar que existe um traço comum que pode ser explorado na comunicação do projeto.

Dinamizar a história e os valores atuais do território, que derivado a séculos de existência, possuem uma riqueza de valores com um potencial por explorar que aos dias de hoje de forma desagregada se materializam em diversos atores e projetos pela região que se propõe reordenar para uma maior afirmação da Região dentro da comunidade e para o seu exterior.

### 1.7. Objetivos gerais:

- Criar uma ponte cultural, de forma inicial, entre o Município de Óbidos e de Caldas da Rainha com o intuito de viabilizar projetos culturais comuns, na partilha e numa estruturação de uma rede que permita a promoção e a programação regional. A iniciativa de partilhar custos e majorar os benefícios poderá agregar públicos que venham à região numa partilha de infraestruturas e unidades hoteleiras.
- Valorizar a região do Oeste e os seus promotores, usando “a palavra” na sua tradução para o Português antigo, comunicando o território através de uma identidade comum, a palavra, como elo fundamental de uma mesma cultura e que expressa uma Matriz comum, seja nos eventos ou mesmo no Património originário da obra da Rainha D. Leonor.
- Comunicar locais históricos e criar pontes simbólicas na agregação de zonas próximas entre Óbidos e Caldas da Rainha, tais como instituições ou caminhos. A comunicação deverá ser estruturada de forma a criar uma identidade para o projeto, que revele o Património comum ao mesmo momento da história de Portugal de 400’s.
- Potenciar a programação em rede de forma a adquirir fundos e proporcionar meios mais fortes para a agregação de artistas de renome para a Região. A programação em rede no Oeste, poderá ser alavancada pela OESTECIM, cuja missão se propõe a concertar estratégias para os 12 Municípios da CIM.
- Criar sinergias e estruturar de forma concertada com os Municípios uma agenda cultural que potencie mais público para as instituições, associações e atores culturais. A organização dos atores locais é fundamental para criar uma agenda onde não exista sobreposição, mas sim a concertação e organização de um calendário equilibrada, onde por agendamento poderá ser possível criar uma complementaridade entre os Municípios.

Ser um projeto conceptualmente de Nano-turismo em que a slow life e a tipologia de público está desenhada à escala do indivíduo, no tempo, no espaço e na experiência.

#### 1.6.1. Objetivos específicos:

- Comunicar e traduzir nomenclaturas de instituições e caminhos que possam transpor o imaginário para o passado, e afirmar um futuro em partilha intermunicipal. A necessidade de articular sinalética que possa ser um *teaser* possível de suscitar as



perguntas: “O que quer dizer esta palavra?”, “De que época é esta palavra?”, “Porquê esta palavra?”, “Quem dizia estas palavras?”.

- Reorganizar a sinalética local e lançar questões que possam identificar o património na sua data e no seu significado para a história dos Municípios. Redefinir simbologias e atualizar a sua importância no território de forma a reafirmar a sua importância para o posicionamento do Património face aos dias de hoje.
- Proporcionar à população uma aprendizagem dos valores e história locais através de marcas no território. Tal como de uma inauguração se tratasse da igreja de Nossa Senhora do Pópulo no século XXI, serão comunicadas efemérides de 400's para a população dos dias de hoje, local, regional e nacional ou estrangeira que entenderá o léxico usado como ferramenta de aproximação ao passado.
- Hardware: Os pontos fundamentais a identificar poderão ser variáveis, no entanto propõe-se que se identifique em Óbidos: - as livrarias da rede de livrarias, o Município de Óbidos, a Rede de Museus, as Igrejas, o Castelo de Óbidos, a Ponte do Rio Arnóia, a Estrada que liga Óbidos a Caldas da Rainha, e em caldas da Rainha: -o quartel militar, as Igrejas e os chafarizes, o Hospital Termal, a Praça da República, a Praça do Município e a Rota Bordaliana.
- Software: Existe a expectativa de criar uma rede de parcerias com os atores culturais locais para que possam articular projetos para o “Pontes” e que essa sinergia possa gerar merchandising na área dos “Crafts”, conteúdos na área do Teatro, visitas guiadas no sector educativo, conferências a nível regional e todo o enquadramento educativo que divulgue a história comum de Óbidos e Caldas da Rainha.

**Nesse enquadramento terá de ser feito um levantamento do léxico a utilizar para cada um destes locais e a sua história no enquadramento deste projeto.**

#### **Destinatários:**

- Os destinatários são toda a população, local que vive na Região Oeste, Nacional ou Internacional, que através da palavra poderá entender uma marca territorial que nos distingue e que é a génese da nossa cultura local. O Português Antigo poderá ser semelhante ao Espanhol, Galaico, Brasileiro ou mesmo Francês.
- O público escolar poderá ser um dos principais destinatários tendo em conta a sua curiosidade pelo detalhe e pela já existente arte urbana. O uso do stencil e da sinalética em locais estratégicos pretende que seja visível a vários destinatários.

#### **Recursos necessários:**

- Para podermos implementar este projeto será necessária a tradução de alguns termos para o Português antigo do século XV como por exemplo “Rainha” como **Regina**, Povo ou Pobres como **Pópulo**.
- Para viabilizar a ideia onde a palavra é a criação, será necessário que um designer possa criar um *lettring* para traduzir “**a palavra**” que será a âncora da comunicação.

- Será necessário o compromisso institucional dos Municípios participantes, para que através da instituição da ESAD, seja possível criar um gabinete de gestão cultural da atividade cultural passível de ser articulada em rede neste projeto.

#### Recursos logísticos:

- Será necessário que um designer desenhe o *lettring* das várias palavras.
- “A palavra” poderá ser aplicada em forma de stencil ou com um suporte de uma placa de vinil.
- A aplicação da “palavra” deverá ser autorizada pelos proprietários do edifício ou local a instalar.
- Utilização de uma fonte que identifique o período histórico.
- Possível associação à City Guide de Caldas da Rainha e ao posto turístico de Óbidos e à rede de livrarias.

#### 1.8. Orçamento de produção e de execução

Orçamento			Nº 29015	
Data	Prazo de Validade		V/ Consulta	
2018.02.09	30 Dias			
Estudo	Quant.	Descrição	Prazo	Valor
53393	20	Placas de Acrílico + aplicação de vinil de recorte + fixadores/distanciadores em inox, no formato 50x30cm.		€ 992,60
53394	1	Aplicação das Placas em 20 locais diferentes entre as Caldas da Rainha e Óbidos		€ 600,00

Orçamento de execução 1500,00€ para suprir custos de projeto.

Visitas guiadas a grupos com mínimo de 20 pessoas (custo por pessoa 5,00€)

#### 1.9. Actividades:

	FASE 1	FASE 2	FASE 3
	FASE DE ARRANQUE	FASE INSTITUCIONAL	MEDIAÇÃO CULTURAL
Designação	Pontis. Criação de uma ponte cultural com base na narrativa e fazendo uso das palavras que unem o território pela história	Vínculo Inter-Regional que pretende consolidar relações institucionais e da comunidade com territórios que lhes são vizinhos	Programação Regional de projetos culturais que pretendem estruturar uma oferta que possa comunicar os territórios para o mercado nacional e turístico
Conteúdos	A Palavra. Narrativa histórica	Protocolo entre Municípios com base na articulação da rede	Intercâmbio institucional e Municipal que permita a ponte entre atores e instituições
Período	Arranque	Médio Prazo	Longo Prazo
Vantagens	Matriz local/regional. Estruturação de pontes culturais entre territórios.	Sustentabilidade. Atração de públicos com maior impacto para as ações culturais do território.	Agregação de Público. Maior sustentabilidade dos projetos culturais
Oportunidades	Educativo/Turístico. Comunicação de uma narrativa histórica	Roteiros. Tours. Projetos educativos que divulguem a região	Posicionamento entre os atores locais e regionais que permite a criação de novos públicos. Potencializar a marca Oeste.
Dificuldades	Entendimento e percepção local da importância de uma leitura macro do território	Isolacionismo. Mentalidade entre os cidadãos que dificulta a implementação do projeto	Gestão de atores entre as comunidades cuja necessidade de percepção do projeto deverá ser explicada com casos práticos. Tempo de implementação
Fraquezas	Tempo de absorção e de entendimento do projeto. Necessidade de desbloquear inércias entre a população	Protecionismo local. Bairrismo. Necessidade de divulgar as vantagens do projeto.	Financiamento com base em projetos de âmbito regional ou com fundos da administração central.

As atividades propostas são variadas, nomeadamente:

- Projetos de Teatro sobre a identidade comum de Óbidos e Caldas da Rainha, com base no “Pontes”.
- Merchandising sobre o projeto “Pontes” com foco no Sec. XV.
- Visitas guiadas sobre o “Pontes” e enfoque na história comum, com escolas da Região.
- Visitas guiadas em Inglês, Francês e Espanhol sobre a Região.
- Peças de cerâmica, joalheria e edições de guias com uma imagem consentânea com a data do projeto e com enfoque no “Pontes”.
- Conferências com historiadores que comuniquem o legado patrimonial dos dois Municípios.
- Programação de eventos diversos com atores locais cujo tema seja a identidade histórica local, como o vídeo-mapping, performances teatrais, música, entre outros.

#### Quadro 11. Cronograma de ações de projeto.

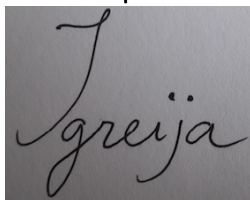
As 3 fases do projeto pretendem respeitar o processo de entendimento e agregação da ideia pela comunidade. Nesse sentido numa **primeira fase** mais próxima, o *Pontis* pretende lançar vários *teasers* que sejam passíveis de ser entendidos e devidamente comunicados por toda a Região, para que numa **segunda fase**, o vínculo Inter-Regional permite a criação de roteiros através de protocolos com os serviços educativos da região. Numa **terceira fase** e através de um intercâmbio institucional, será esperado que esta agregação de instituições possa criar condições para a partilha de projetos de programação cultural em rede, usando o “Pontis” como rastilho.

#### Atores e entidades locais

1.1. Município de Caldas da Rainha	2.1. Município de Óbidos
1.2.ESAD	2.2. Rede de Museus
1.3.Centro de Artes	2.3. Museu Abilio de Mattos e Silva
1.4.Museu da Cerâmica	2.4. Galeria Nova Ogiva
1.5.Museu José Malhoa	2.5. Museu Municipal
1.6.Silos Contentor Criativo	2.6. Museu Paroquial
1.7.Museu Bernardo	2.7. Galeria da Casa deo Pelourinho
1.8.Museu do Ciclismo	2.8. Obidos Criativa
1.9.Museu Rafael Bordalo Pinheiro	2.9. Rede de Livrarias
1.10.Museu da Cidade e das Termas	2.10. Orquestra Ligeira de Óbidos
1.11. Posto de Turismo	2.11. SIPO- Semana Internacional de Piano de Óbidos
1.12. Electricidade Estética	2.12. Parque Tecnológico de Óbidos
1.13. Atelier Arte e Expressão	2.13. Rede de Escolas de Óbidos
1.14. Grémio Caldense	2.14. AJV- Associativismo de Jovens
1.15. Teatro da Rainha	2.15. Voluntários das Gaeiras
1.16. Conservatório de Musica	2.16. Fólio
1.17. Centro Cultral de Congressos	2.17. Festival Medieval
1.18. Cenas de Teatro	2.18. Vila Natal
1.19. Associação Património Histórico	2.19. Festival do Chocolate

Quadro 12. Entidades a envolver no projeto

### 1.10. Exemplo de Palavra



### 1.11. Análise Swot

1. Memória do local	<b>S</b> <b>W</b>	1. Necessita interlocutores
2. Raiz identitária		2. Dispersão territorial
3. Projeto pedagógico		3. Académico e não prático
1. Elo histórico	<b>O</b> <b>T</b>	1. Pertinência do financiamento
2. Recuperação da memória		2. Erudito e imaterial
3. Afirmação de um legado		3. Visibilidade face ao custo

Quadro 13. Análise SWOT

### 1.12. Análise PEST

#### 1.12.1. Politico-Legal

Pretende afirmar o potencial regional num contexto local através da afirmação da história de Portugal num determinado contexto que originou o desenvolvimento do território.

#### 1.12.2. Económicos

Potencial de criação cultural e de aproximação de Municípios congéneres que possibilitem na sua proximidade geográfica do OESTE, uma partilha de esforços e de proveitos pela sua majoração à escala Nacional.

### 1.12.3. Socioculturais

Clima favorável à criação de parcerias além de fundos estruturais possibilitados pela OESTECIM.

### 1.12.4. Tecnológicos

Divulgação nos meios de comunicação digitais de cada Município.

## 1.13. Casos de Estudo

### 1.13.1. Qualdrilátero Cultural



Imagem 25. Site Quadrilátero

“O Quadrilátero é um projeto no âmbito da Associação de Municípios de Fins Específicos e um dos cinco projetos selecionados a nível nacional para implementar as "ações preparatórias" do programa "Política de Cidades Polis XXI" , cofinanciado pela Administração Central. É um projeto em ação nos municípios de Barcelos, Braga, Famalicão e Guimarães e tem, como entidades parceiras, a AIMinho, o CITEVE e a Universidade do Minho.”<sup>2</sup>

### 1.13.2. Caso de Estudo Arte em Rede

<sup>2</sup> <http://www.quadrilatero.eu/>

“Missão

A ARTEMREDE é um projeto de cooperação cultural com 12 anos de atividade ininterrupta, atualmente constituído por 15 municípios, agregando e fazendo interagir cidades com diferentes escalas. Trabalha a especificidade dos territórios através do apoio à criação artística, à programação cultural em rede, à qualificação e formação e às estratégias de mediação cultural.

**15 municípios:** Abrantes, Alcanena, Alcobaça, Almada, Barreiro, Lisboa, Moita, Montijo, Oeiras, Palmela, Pombal, Santarém, Sesimbra, Sobral de Monte Agraço e Tomar.

**População abrangida:** cerca de 1 milhão e 360 mil habitantes  
**Território de Intervenção:** 3500 km<sup>2</sup> distribuídos de Pombal a Palmela  
**Espaços de apresentação:** Mais de 20 teatros, objeto de requalificação arquitetónica recente; 110 equipamentos culturais de proximidade

Desde 2005 colaboraram com a Artemrede quase 300 companhias e artistas, foram realizadas cerca de 1500 apresentações, de 300 espetáculos e mais de 450 atividades educativas. 180 mil espectadores assistiram ou participaram nas atividades desenvolvidas pela Artemrede. Em 2017 opera com um orçamento de 763 mil euros, correspondendo 305 mil ao investimento direto dos seus Associados por via das quotas e o restante à capacidade da rede de angariar outras receitas. O retorno do investimento municipal é, assim, de 250%, ou seja, por cada euro investido cada Associado recebe, em média, 2,5 € em serviços.\*

\*Este cálculo inclui o acesso à programação, formação, comunicação, iniciativas transversais e suporte técnico e estratégico.”<sup>3</sup>

As fragilidades deste projeto são a desagregação pelo território Nacional ainda que distribuídos de forma equitativa pelo País a rede Artemrede não cobre todo o território Nacional deixando em aberto e sem serviço algumas regiões do País. A oferta de serviços “culturais” depende pois do investimento dos associados, sendo os municípios os principais financiadores e a sua dependência financeira, meramente pública, não possibilitando a articulação com produções independentes mais dispendiosas. Como serviço público que é, a Artemrede está estruturada de forma a com poucos recursos apresentar uma oferta o mais completa possível de programação por todo o país. Numa população de quase 11 milhões de habitantes, a Artemrede apenas cobre cerca de 10% do País, graças a um trabalho valioso de 12 anos de continuidade de programação, no entanto é residual para um projeto nacional estando todo o Norte do País e o Sul pouco representados nos associados. As grandes forças deste projeto são, ter sido possível em 12

---

<sup>3</sup> <http://www.quadrilatero.eu/>

anos apresentar cerca de 300 projetos ainda que com um público residual no país de 1 milhão e 360 mil habitantes.

#### 1.14. Impacto Turístico e Cultural

O impacto que um projeto comum, devidamente comunicado, poderá ter, é a recriação de uma narrativa que poderá recuperar para o quotidiano, uma história comum, no sentido de reafirmar a região como um legado mais forte do que a gestão Municipal. Nesse sentido, quando devidamente posicionadas as referências à história de 400's, Caldas da Rainha e Óbidos poderão trabalhar numa parceria estrutural que alavanca projetos de partilha de esforços nas áreas turísticas e culturais de Caldas de Óbidos e Óbidos.

Projetos culturais comparativos a uma possível ponte entre estes dois Municípios é o projeto quadrilátero no Norte do País entre Barcelos, Braga, Famalicão e Guimarães que através de uma rede de Municípios, são divulgados os eventos culturais de uma região a Norte do Porto, na procura de agregar públicos que de forma complementar possam usufruir de uma oferta cultural mais diversificada. O Quadrilátero é um projeto no âmbito da Associação de Municípios de Fins Específicos e um dos cinco projetos selecionados a nível nacional para implementar as "ações preparatórias" do programa "Política de Cidades Polis XXI", cofinanciado pela Administração Central. É um projeto em ação nos municípios de Barcelos, Braga, Famalicão e Guimarães e tem, como entidades parceiras, a AIMinho, o CITEVE e a Universidade do Minho.

As vantagens de uma rede são do ponto de vista da análise macro do território, uma mais valia, no sentido em que a população abrangida pode usufruir de uma maior diversidade de oferta cultural, que pela dimensão do projeto, possibilita a implementação de uma programação mais abrangente e com uma escala que permite a sua repetição por outras áreas geográficas, levando a sua matriz de origem, a sua marca geográfica e o nome dos seus protagonistas para outras áreas do país.

A estruturação da OESTECIM composta por 12 Municípios do Oeste, cuja ESAD pertencente ao Instituto Politécnico de Leiria faz parte, representa também a instituição de referência no Oeste, cuja iniciativa pretende a captação de valor e projetos para a Região.

Nesse sentido será divulgado este projeto de forma a que se possa criar a necessidade de conseguir uma relação com os municípios de forma concertada para a devida aceitação deste projeto. O passado ensina-nos a melhor forma de entendimento e relação entre as instituições assim como as que foram historicamente iniciadas há séculos atrás, como neste caso e com especial enfoque, as Misericórdias.

Aos dias de hoje e por organização administrativa dos territórios, as comunidades intermunicipais como a OESTECIM, são fundamentais para a relação intermunicipal que estrutura pontes ou redes entre os Municípios, e são estas que deverão ser interpeladas na estruturação de qualquer projeto para a região, sempre que se trate de serviço público na cultura ou a estruturação de pontes entre associações independentes e os municípios.

A organização dos intervenientes da comunidade, poderá afirmar do ponto de vista do impacto turístico, uma marca de qualidade na divulgação do trabalho já existente por entidades públicas e privadas e que somente carece de estruturação e de posicionamento alicerçado a uma marca que o promova nas comunidades locais e regionais.

**Possível parceria com a Rodoviária do Oeste.**

**Possível parceria com o Município das Caldas da Rainha.**

**Possível parceria com o Município de Óbidos.**

**Possível parceria com a Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, Couto e São Gregório.**

**Possível parceria com a Junta de Freguesia de Santa Maria.**

## **Conclusões**

A evolução destes dois territórios congéneres, e derivados da sua evolução histórica, são aos dias de hoje francamente complementares, seja do ponto de vista da sua análise sociodemográfica ou mesmo da complementaridade da oferta cultural existente, ainda que do ponto de vista patrimonial apenas seja possível encontrar fases paralelas a partir do século XV. Nesse contexto e porque estamos a trabalhar para a unificação de esforços, entende-se que o *Pontes* poderá encontrar uma linguagem, cuja palavra é a origem da criação, numa estruturação de um conceito que comunique ambos os territórios. Conclui-se deste projeto que a Matriz e a visão institucional dos dois municípios é favorável à criação de uma ponte que poderá alicerçar e aproximar vontades na construção de uma rede intermunicipal que permita a congregação de fundos que possam: comunicar; programar; produzir e experienciar a cultura num entendimento que permita que o mesmo território possa partilhar uma identidade cultural próxima que advém de um legado histórico e patrimonial de um mesmo período de desenvolvimento, e que possa constituir-se como um legado fundamental para a sua compreensão no passado, no presente e no futuro sempre que estruturados pela OESTECIM, entidade que gere as partilhas e projetos intermunicipais e cuja missão é articular e criar sinergias no seu território. Os resultados da produção e promoção partilhada da SIPO (Semana Internacional de Piano de Óbidos) em 2017, são um exemplo disso mesmo, em que se duplicou a bilhética por um esforço de partilha entre os dois municípios, Óbidos e Caldas da Rainha e cujo resultado para a organização foi verdadeiramente satisfatório querendo-se em 2018 repetir o formato, e quem sabe, o alargamento a Alcobaça.

Do ponto de vista cultural e patrimonial a complementaridade destes dois territórios, poderá ser vista do ponto de vista do seu hardware (infraestruturas) e do seu software (atores das comunidades) como verdadeiramente unos, visto que no terreno estes já atuam em conjunto de forma informal há muito tempo. Visto que a sua proximidade cultural e a génese do território é interdependente, esta sugestão de projeto, apresenta o primeiro passo para uma coprodução e co-programação de eventos culturais que através da inter-municipalidade se assumam como estruturantes para a promoção turística da Região, numa centralidade na Região Turística do Oeste e no Eixo Lisboa/Porto num local obrigatório de paragem da UNESCO (Vila de Óbidos) e



onde existe matéria e atores culturais, (Caldas da Rainha) que podem estruturar qualquer projeto desde a sua raiz à sua implementação no “palco”. Pode-se dizer que Óbidos tem a mais valia de ter um palco onde existe um público diversificado, e que Caldas da Rainha tem as instituições e associações que podem organizar os eventos nas mais diversas disciplinas culturais e artísticas, desde o teatro, às artes performativas ou artes plásticas. As associações independentes e públicas de ambos os territórios apenas necessitam de um projeto como o “Pontes” que possa afirmar a união das comunidades do ponto de vista formal e estruturado.

O projeto de rede, objetivando a partilha de recursos e a majoração das compensações do esforço da promoção e produção cultural, é benéfico para a alavancagem turística e cultural dos territórios, no qual se aguarda a boa vontade das instituições.

Os anexos a este projeto são exemplificativos do potencial cultural da Região e do enfoque dados às artes plásticas, fruto de um território onde a criatividade de uma terra de Águas e Barro, alavancada aos dias de hoje pelo turismo, nos permite identificar uma oportunidade.

A validação do potencial turístico e cultural do território, permite-nos identificar temas, tendências e oportunidades onde a narrativa do território está ainda por explorar e cujo resultado poderá ser a criação de projetos artísticos, informativos e culturais sustentáveis que aproveitem o fluxo turístico como catalisador. Essa é a missão deste projeto que pretende comunicar e dar a conhecer a sua matriz local comum.

## ANEXOS

### Oferta turístico-cultural de Óbidos e de Caldas da Rainha

TABELA DE UNIDADES DE ALOJAMENTO

	OBIDOS	CALDAS DA RAINHA
1	Hotel Praia D' El Rey Marriott Golf & Beach Resort *****	Sana Silver Coast Excellence Concept Hotel ****
2	Evolutee Hotel - Royal Óbidos Spa & Golf Resort *****	Caldas Internacional Hotel ***
3	Aldeamento Turístico Bom Sucesso Lagoa Golf *****	Europeia Hotel ***
4	Aldeamento Turístico The Beach Front - Holiday Residences *****	Hotel Cristal Caldas ***
5	Quinta de Óbidos Country Club *****	Hotel Dona Leonor ***
6	<b>Pousada do Castelo</b>	Água d'Alma Hotel ***
7	<b>Hotel Casa das Senhoras Rainhas ****</b>	Inatel Foz do Arelho Hotel ***
8	The Literary Man Óbidos Hotel ****	Parque de Campismo e Caravanismo Orbitur ***
9	Hotel Real D'Óbidos ****	Azenha Guest House CC
10	Vila D'Óbidos Art Garden Hotel Rural & Spa ****	Casal da Eira Branca AG
11	Albergaria Josefa d'Óbidos Hotel ***	Casa Adega do Mosteiro CC
12	Hotel Louro ***	Casas dos Infantes CC
13	Hotel Rainha Santa Isabel ***	Encosta das Freiras CC
14	Casa de S. Thiago do Castelo	Páteo do Duque, CC
15	Casa de S. Thiago d'Óbidos	Quinta da Foz
16	Casa d'Óbidos	
17	Casa do Relógio	
18	Casa do Rochedo	
19	Casa do Fontanário	
20	<a href="#">Quinta da Azenha TH</a>	
21	<a href="#">Torre de Maneys TH</a>	
22	Quinta da Torre de Óbidos AG	
23	Rio do Prado AG	
24	Entre Vinhas e Mar AG	
25	Casa do Poço TR	
26	Casa de São Rafael CC	
27	B&B Quinta da Olívia CC	
28	Óbidos Lagoon Wellness Retreat - Apartamentos Turísticos ***	

SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2008

Óbidos a Arte Contemporânea na rua.



Tornar Óbidos uma comunidade identificada com a inovação e a criatividade e um território aberto à criação artística, é o objetivo do Junho das Artes, uma iniciativa que arrancou no passado dia 6 e que se prolonga até 29 de Junho.

Mais de duas dezenas de artistas dão a conhecer as suas obras e talento nas galerias, praças e ruas da vila, proporcionando a todos os visitantes um contacto direto com a arte contemporânea.

Até ao final do mês grandes nomes da arte contemporânea como Rui Chafes, Pedro Calapez, Pedro Proença, Pedro Cabrita Reis, José Pedro Croft, José Aurélio, Graça Pereira Coutinho e Cristina expõem as suas obras ao lado das de jovens artistas, a sua maioria estudantes da ESAD.

Na inauguração, que decorreu na tarde da passada sexta-feira, o presidente da Câmara de Óbidos, Telmo Faria, realçou que o modelo de desenvolvimento deste concelho “só faz sentido se for revestido de um ambiente cultural que se intensifica e aprofunda” pois o sucesso económico também se faz atraindo talentos. Para tal, a autarquia pretende tornar público em breve o programa “Óbidos Criativa”, que irá envolver diversas entidades, empresas e pessoas.

A iniciativa Junho das Artes já faz parte desse plano e pretende “proporcionar uma aposta mais clara na arte contemporânea”. A recuperação da Galeria Ogiva para a arte, 30 anos depois da sua inauguração, foi o primeiro passo nesta área, mas a autarquia quis dar “um salto maior”, com a criação de um evento durante um mês inteiro, onde fosse possível apreciar um conjunto de percursos e olhares de vários autores.

“Que Óbidos seja um lugar de criatividade e sobretudo de liberdade e de escolhas”, aspirou o edil, adiantando que em cada um habitam hábitos de censura para com a expressão contemporânea. “Sei que muitas pessoas vão passar por muitas das obras e vão rejeitar, mas tudo isso faz parte da maneira como queremos que Óbidos seja olhada”, disse.

Telmo Faria lembrou mesmo a própria construção da vila, ao longo do tempo, feita de forma desordenada, para concluir que seria “algo inaceitável para os planeadores dos dias de hoje”, devido à sua densidade urbana ou tipo de ruas.

O autarca garantiu que quer estabelecer uma relação duradoura com a comunidade artística e que Óbidos está de “portas abertas a acolher e a adequar esta capacidade de criar e inventar coisas”. Realçou ainda a ligação de maior proximidade com a ESAD, que “embora localizada a quatro quilómetros, às vezes parece que está muito longe”. Daí que seja necessário “quebrar estas barreiras e trabalhar no sentido de uma aproximação comum e conjunta”.

A par das exposições, o Junho das Artes também contempla animação. Amanhã à noite, a partir das 21h30, será apresentado na Praça de Santa Maria, o bailado contemporâneo “Tok’art”. A 21 de Junho, pelas 22 horas, será apresentado no mesmo local, “A naked lunch”, a banda sonora ao vivo com a projecção do filme “Nosferatu”, de F. W. Murnau.

Já a 27 de Junho haverá um concerto com “Kumpania Algazarra” e, no dia seguinte, pelas 18 horas, será lançado o livro de Olga Roriz no Centro de Design de Interiores e, pelas 21h30, será feita uma intervenção performativa/multimédia “Bikini Kill”.



### Inaugurações amanhã

A primeira edição do Junho das Artes presta homenagem à designer Maria José Salavisa e ao pintor, cenógrafo e figurinista Abílio de Mattos e Silva. Amanhã, 14 de Junho, a partir das 17 horas, será inaugurado o Centro de Design de Interiores – Maria José Salavisa e o Museu Abílio Mattos e Silva, juntamente com a Casa do Arco, casa-museu dos dois artistas.

Na Galeria da Casa do Pelourinho será também inaugurada a exposição “Gosto Maior”, com obras da designer de interiores.

Abílio de Mattos e Silva nasceu no Sardoal tendo vivido em Óbidos até ao período em que iniciou os estudos universitários em Coimbra. A vila medieval é, aliás, um tema recorrente na sua pintura, desenho e escrita.

Maria José Salavisa nasceu e cresceu num mundo de cultura, que ainda se afirmou mais com o seu casamento com Abílio de Mattos e Silva.

O Centro de Design de Interiores, situado junto à Torre do Facho, destina-se a fomentar e desenvolver a arquitectura e o design de interiores, podendo ser utilizado para cursos, seminários, conferências e exposições. Possui um auditório, uma pequena recepção, bar e uma sala onde se centraliza um centro de documentação electrónico e de divulgação de espólio pedagógico de Maria José Salavisa.

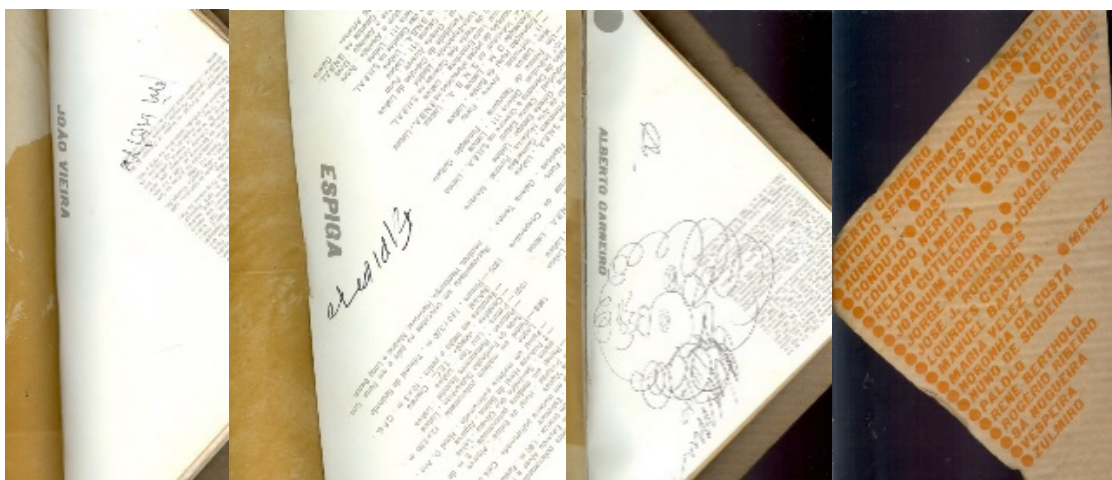
Já o Museu Abílio de Mattos e Silva, situado na Praça de Santa Maria (antigo Museu Municipal) pretende mostrar o espólio da obra do artista, nomeadamente no âmbito da cenografia, figurinismo, ilustração e design gráfico, pintura e desenho.

Gazeta das Caldas

35 (ARTISTAS) GALERIA OGIVA ÓBIDOS



(Ref. 7968) Ano: 1970 1ª Edição



Óbidos; In-4º Triangular de 238 páginas; Ilustrado; Brochado

Catálogo bastante invulgar da exposição inaugural "35 Artistas", onde participaram ainda bastante jovens artistas como: Ângelo de Sousa, Escada, Espiga Pinto, Lourdes Castro, Calvet, João Vieira, Jorge Pinheiro, Palolo, Vespeira, Bertholo, Eduardo Nery, João Cutileiro, Helena Almeida, entre outros artistas.

Este exemplar está assinado por Alberto Carneiro, Espiga Pinto, João Vieira e Joaquim Vieira. Possui sinais de manuseamento nas capas de brochura, miolo em bom estado de conservação.

Galeria NovaOgiva

A Galeria NovaOgiva é a extensão de arte contemporânea da Rede de Museu e Galerias, constituindo uma aposta na expressão artística, de elevada qualidade, partindo da recuperação de uma ideia e de um espaço base.



Conhecida por Galeria Ogiva, este espaço foi criado em Óbidos em 1970 e teve pouco mais de três anos de actividade; anos esses, porém, de grande intensidade artística, cultural, de cidadania e de liberdade. O seu fundador foi o escultor José Aurélio, que na altura residia em Óbidos e que já constituíra uma outra experiência, na Vila, ligada à arte contemporânea: a Ogiva Pequena (depois Posto de Turismo e recentemente Oficina do Barro).

Após 30 anos de indefinição e inactividade, a Galeria surge hoje como um marco na História da Arte, da Arquitectura e da própria história da Vila e dos Museus em Óbidos, sendo o ponto de partida para exposições e outras manifestações culturais associadas a expressões artísticas contemporâneas, permitindo aos munícipes e utentes dos serviços públicos ligados à Cultura, um acesso facilitado às grandes colecções e grandes mostras.

#### OGIVA GALERIA DE ARTE, 1970-1974 "O risco de sair da norma"



© José Aurélio

Momento lúdico na festa do 2º aniversário da Ogiva (16 Nov. 1972); ao centro, José Aurélio, diretor da Galeria

À primeira vista, é paradoxal: se houve um tempo certo para a Galeria Ogiva existir, foi aquele em que as suas portas estiveram abertas, na Rua Direita de Óbidos, entre Novembro de 1970 e Janeiro de 1974. Esse foi o tempo em que o extremo cansaço face ao regime político que acanhava a vida cultural portuguesa saudou o projeto participativo e solar da Ogiva. Mas foi da mesma época a crua realidade económica e profissional que esmagou o seu programa a contracorrente, pondo à vista as suas fragilidades e impondo-lhe o encerramento.

Ainda assim, a Ogiva conseguiu algo da ordem do improvável: cativar para um mesmo lugar várias “famílias” artísticas que, antes e depois, percorreriam melhor ou pior os seus próprios canais de circulação e reconhecimento, mas que em Óbidos encontraram um terreno favorável a todos. A exposição inaugural testemunha isso: Alberto Carneiro esteve lá. António Palolo esteve lá. Vespeira esteve lá. Helena Almeida esteve lá. Jorge Pinheiro esteve lá. Lourdes Castro esteve lá. Noronha da Costa esteve lá. João Abel Manta esteve lá. Ângelo de Sousa esteve lá. Na verdade, toda a gente parece ter estado em Óbidos nessa altura.

### **“Lugar de encontro” de artistas e de propostas estéticas**

No princípio era uma pequena loja, instalada desde 1966 numa antiga mercearia e conduzida pelo escultor José Aurélio e sua mulher Alice. Compravam nas feiras do Norte palmitos de Viana do Castelo e artesanato de Rosa Ramalho e Mistério para comercializar na loja, e organizavam bem-sucedidas vendas de Natal de múltiplos de arte de autores como Espiga Pinto, Rogério Ribeiro, Fernando Conduto, António Areal, Zulmiro de Carvalho, Ângelo de Sousa, Armando Alves e Helena Almeida.

A loja trazia gente de fora a Óbidos, atraída por algo mais que as suas vielas pitorescas. Começava a formar-se uma dinâmica artística interessante e José Aurélio era o seu responsável. De facto, a Ogiva é impensável sem a personalidade deste escultor oriundo de Alcoaça que vivia há anos entre Óbidos e as Caldas da Rainha, devido à sua colaboração com a fábrica de cerâmica SECLA, e que tinha muita vontade de pôr em prática a sua convicção de que aos artistas cabia também um papel na construção das estruturas de divulgação e de viabilização da sua atividade.

A itinerância que, nos anos de formação, levava Aurélio a Lisboa e ao Porto fez o resto, isto é, trouxe-lhe a amizade de boa parte do meio artístico nacional, fundamental na hora de angariar apoios para um ambicionado crescimento da Ogiva. Nessa altura, Rogério Ribeiro, Espiga Pinto e Eduardo Nery foram os artistas que mais cumpriram os papéis de consultores e colaboradores nos vários aspetos museológicos e funcionais relativos à implementação do novo projeto. A estes contributos juntaram-se, já numa fase posterior, os de Alberto Carneiro, Costa Pinheiro, Jorge Pinheiro e Vespeira.

Os dois anos que mediaram entre a compra e a inauguração do novo espaço na Rua Direita de Óbidos, entre 1968 e 1970, assistiram à passagem da anterior loja a galeria de arte, através de um projeto de arquitetura (cujas maquetas, entretanto perdidas, Ângelo de Sousa ainda hoje gaba), desenhado pelo próprio José Aurélio, que permitia a realização de exposições, concertos e encontros e servia um programa claro: levar a modernidade a Óbidos, promover a arte portuguesa contemporânea e articulá-la com outras expressões de cariz cultural.

E, enquanto a Ogiva durou, aí decorreram várias exposições coletivas, como a inaugural “35 artistas”, a “Homenagem a Josefa” d’Óbidos, e a “9x5”, que levaram a Óbidos obras, na sua maioria inéditas, de (e para além dos artistas já citados) Ana Vieira, Artur Rosa, Carlos Calvet, António Charrua, Fátima Vaz, Graça Morais, Jaime Silva, João Machado, José Escada, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Martins, José Rodrigues, Manuel Baptista, Menez, Nikias Skapinakis, René Bertholo, Sá Nogueira, entre outros. No

capítulo das exposições individuais, mostraram-se os trabalhos de Espiga Pinto, Alberto Carneiro, António Areal, Sam, Helena Almeida, Rogério Ribeiro, Jorge Pinheiro, Ana Vieira, Júlio Bragança e José Aurélio, para além de um trabalho coletivo de Artur Rosa, Helena Almeida e José Aurélio.

A celebração do segundo aniversário da Galeria, no dia 16 de Novembro de 1972, foi um dos pontos altos do seu percurso e revela-nos tudo aquilo que a Ogiva podia oferecer.

Esclarece, também, a afirmação de José Aurélio, em entrevista à L+arte: qualquer “inauguração na Ogiva era um acontecimento quase nacional” que atraía pessoas de Lisboa, do Porto, de Coimbra e de toda a região Oeste. Com efeito, e em clima de euforia e festa, houve um bolo de anos gigante, balões com o logótipo da Galeria impresso, prendas para a “menina Ogiva” (enviadas ou entregues em mão por inúmeros artistas e individualidades e por galerias como a Interior ou a Judite Dacruz) e até a banda local tocando pelas ruas. Centenas de pessoas ocuparam o amplo espaço da galeria e assistiram ao “concerto simultâneo e sucessivo pelo Grupo de Música Contemporânea orientado por Jorge Peixinho e um agrupamento de jazz”(1), e à improvisada “conferência-provocação” de Ernesto de Sousa sobre o seu encontro com Joseph Beuys na Documenta de Kassel. Com o rés-do-chão ocupado com obras dos artistas que colaboravam com a Ogiva, criou-se ainda uma zona que expunha a documentação até então produzida sobre as atividades da Galeria.

Hoje, os artistas que viveram por dentro, o espírito da Ogiva recorrem a expressões como “lugar de encontro”, “comunhão de ideias”, “projeto utópico”, “espaço de afetos”, o que caracteriza bem a nostalgia por um tempo que se cria pleno de possibilidades. A Ogiva, como lembra Manuel Baptista, “foi das primeiras galerias que apareceram”, fora de Lisboa e do Porto, “com exposições de qualidade.” Volvidos estes anos todos, são memórias que oferecem um brilho especial, de joia discreta, a esse passado entesourado na Rua Direita de Óbidos. O que é que a Ogiva proporcionava, afinal, a quem lá expunha, que não existia em mais lado nenhum?

Em primeiro lugar, um bom espaço. Os três pisos da Ogiva ofereciam boas áreas expositivas, que comunicavam visualmente entre si através de mezaninos. Portas e janelas traziam o exterior para dentro da Galeria e davam acesso a pequenos terraços. Como diz Ana Vieira à L+arte, “ter mostrado na Ogiva um novo ‘ambiente’ funcionou mais como uma oportunidade de o realizar, porque não havia muitos locais para expor (...) qualquer coisa que saísse de uma determinada escala, mais comercial.”

Uma relevante questão de escala, portanto, e uma questão de risco, também. Na Ogiva era possível desenvolver projetos que se sabia à partida não serem vendáveis e a variedade de linguagens, formatos e escalas era bem-vinda. As galerias existentes na altura, no país, não ofereciam condições tão acolhedoras. Tirando as institucionais FCG e SNBA (e o SEIT, onde uma larga maioria de artistas se recusava a expor), as opções dividiam-se entre as galerias de vocação cultural mas cujos espaços eram mais ou menos exíguos (a Buchholz, a Quadrante e a Diário de Notícias, em Lisboa; a Divulgação, no Porto e em Lisboa; a Alvarez, no Porto) e as galerias assumidamente comerciais (a Judite Dacruz, a São Mamede, a Interior, a Dinastia e, a partir de dada altura, a 111, todas em Lisboa, e a Alvarez 2, no Porto).



Um outro fator importante para a Ogiva era a própria localização descentralizada em relação a Lisboa e Porto que, não obstante as tradicionais dificuldades de mobilização efetiva dos públicos locais, fazia de Óbidos, realmente, um lugar de encontro para os artistas. Nessa altura, inclusivamente, vários artistas tinham casa de férias na vila, ou lá passavam vários fins de semana, como António Areal, Rogério Ribeiro, Espiga Pinto e Jorge Pinheiro, para além de José Aurélio, que lá tinha habitação permanente. A presença regular destes artistas contribuía, para além das afinidades ideológicas e da comum convicção nas responsabilidades culturais que lhes assistiam, para um maior envolvimento no projeto da Ogiva. Espiga Pinto lembra-se como foi sempre “ajudando, desde a montagem das exposições até ao atendimento de visitantes, tudo sem honorários”. Estabelecia-se, com efeito, uma rede de cumplicidades em que alguns artistas sentiam a Ogiva como sendo também um pouco “sua”, o que só por si justificava o seu funcionamento.

Para compensar o transtorno das deslocações a quem vinha de fora, abriam várias exposições no mesmo dia, sempre aos sábados, acompanhadas de sessões musicais (a cargo do Grupo de Música Contemporânea, António Vitorino de Almeida, Olga Pratts ou Maria João Pires), lançamentos de livros (caso da “Confissão tenebrosa” de António Areal, editada pela própria Ogiva) ou apresentações de novos múltiplos e medalhas. Havia a preocupação de documentar as atividades através de elaborados catálogos (uma raridade na altura), folhetos ou cartazes, desenhados por Aurélio (exceto o primeiro, da autoria de Espiga Pinto) e custeados ou pela Galeria ou pelos artistas (que também desenhavam, por vezes, os folhetos das suas próprias exposições).

Procurava-se fazer da ida a Óbidos um acontecimento, o que resultava. O ambiente era de festa, espetáculo e participação, o que tinha, por si só e nesses anos, a ressonância estética e artística que hoje lhe conhecemos. E houve alguns encontros felizes, como aquele que sucedeu entre Ernesto de Sousa e elementos do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, ocasionando a partir daí uma colaboração de muitos anos.

### **Lugar de encruzilhada: a crítica e o mercado**

A crítica manteve-se silenciosa sobre as atividades da Ogiva. Fosse pela dificuldade das deslocações (então mais premente), pela possibilidade de acompanhar o percurso de boa parte dos expositores sem sair do circuito galerístico lisboeta ou portuense, ou por simples desinteresse, o facto é que a Ogiva está ausente da escrita de imprensa de José-Augusto França, Rui Mário Gonçalves, ou Fernando Pernes. De resto, a Galeria preferiu um caminho alternativo aos circuitos habituais de divulgação: nas vésperas da primeira inauguração, a conferência de imprensa quis-se apenas local e toda a divulgação futura excluiria o envio de comunicados de imprensa.

Dispensar a crítica foi um gesto de afirmação dos próprios artistas, insatisfeitos com os critérios de mediação entre a arte e o público que os críticos promoviam. Foi uma atitude corajosa e, ao mesmo tempo, ingénuas, que acabaria por ser fatal, como José Aurélio hoje reconhece, face à consolidação do estatuto profissional dos críticos de arte desde um Encontro (em 1967 e à margem da inoperante Secção Portuguesa da AICA) organizado por Adriano de Gusmão, José-Augusto França e Nuno Portas, onde se discutiram os pressupostos técnicos e teóricos da sua atividade, a sua distinção face ao jornalismo noticioso e o seu papel enquanto serviço cultural prestado à comunidade.

Para além das relações enviesadas com a crítica, as circunstâncias do mercado também permitem compreender o lugar de encruzilhada que acabou por calhar à Ogiva. A fase política que o País atravessava mostrou-se cooperante no início: a subida de Marcelo Caetano a Presidente do Conselho, em 1968, deixou antever o fim da ditadura e da guerra colonial. Mas, nos seis longos anos que se seguiram, a frente de guerra intensificou-se e as esperanças mais otimistas esgotaram-se. Várias facções da oposição ao regime, antes pouco comunicantes entre si, aproximaram-se, o que se traduziu, no caso da programação da Ogiva, numa inédita convivência de linguagens heterogéneas que, desde a pintura à instalação, fazia confluir atualizações de passados surrealistas ou neo-realistas com a nova figuração ou as propostas *mixed media*. Havia “liberdade criativa, (...) apelativa e necessária”, recorda Ana Vieira, porque, diz Jorge Pinheiro, a Ogiva “não representava artistas, nem trabalhava uma orientação estética: tinha amigos.”

Mas a agitação do mercado, fruto da relativa liberalização económica da primavera marcelista, trouxe alterações sensíveis ao meio artístico. A partir de finais dos anos 60, novas galerias surgiram com claros objetivos comerciais, apostando na pintura enquanto suporte rentável dirigido a colecionadores. Grupos do ramo automóvel, industrial e banqueiro patrocinaram prémios artísticos como o GM, Guérin ou Soquil (desde 1968), BPA (1970) ou Mobil (1971), que decorreram em salões como os da SNBA e contaram, nos seus júris, com críticos de arte e artistas que, de resto, discutiram na praça pública a ética da presença de uns e outros nestas iniciativas empresariais de tipo mecenático mas também publicitário.

A cotação das obras de arte subiu em flecha, primeiro dos modernistas (Eduardo Viana, Almada Negreiros, Vieira da Silva) e, quando o mercado adquiriu confiança, das novas gerações, de que Noronha da Costa ficou como paradigma. Desde as aquisições milionárias do banqueiro Jorge de Brito à exibição de automóveis fabricados pelas empresas patrocinadoras nos salões expositivos (desengane-se quem pense que este é um fenómeno de tempos mais recentes), a relativa euforia do mercado artístico foi embotando o discernimento quanto ao valor real da arte, ao ponto de críticos como José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves (eles próprios anteriormente agentes da explosão do mercado, através da crítica de arte e da presença em júris) começarem a expressar as suas dúvidas acerca dos benefícios efetivamente artísticos resultantes da especulação do mercado, para além do enriquecimento de alguns investidores, marchands e artistas.

A inflação que disparou com a crise petrolífera de 1973 e a Revolução de Abril de 1974 impuseram um fim abrupto à situação, deixando sequelas: as galerias comerciais encerraram e o mercado da arte morreu. A Ogiva, aparentemente à margem destes cenários especulativos, não deixou de sofrer os seus efeitos. Instalada sossegadamente no ambiente caído e medieval de Óbidos, procurando transformar a descentralização numa vantagem, não quis ver, ou achou que poderia superar, os factos que, a partir de uma dada altura, lhe entraram porta dentro: gradualmente, e devido aos contratos de exclusividade com galerias como a 111 e a Judite Dacruz, vários artistas começaram a afastar-se da Ogiva e a obter reconhecimento noutras paragens, o que, juntamente com a ausência de uma estratégia comercial por parte da Galeria, conduziu ao seu fecho no início de 1974.

Nas vésperas do 25 de Abril, a Ogiva já não tinha a mesma capacidade de sedução. Um projeto desenvolvido por artistas, viabilizando a criação de projetos autorais, recusando os intermediários do costume (críticos e marchands) e com meios incipientes de auto-sustento, não poderia sobreviver sem uma mais pragmática visão da realidade que se vinha impondo no meio. Mas, mesmo que tenha pecado pela confiança excessiva na possibilidade de funcionar apenas com e para os artistas, voltando as costas aos outros agentes da comunidade artística, ainda assim a Ogiva concretizou, no terreno e durante pouco mais de três anos, uma utopia significativamente construída na primeira pessoa do plural.

Catarina Rosendo

-----  
(1) Ernesto de Sousa, "Artes plásticas. Dois anos", *Lorenti's*, nº 12, Lisboa, Abr. 1973, p. 54.

### **Agradecimentos**

Ana Vieira  
Ângelo de Sousa  
Armazém das Artes  
Carlos Natividade Correia  
Espiga Pinto  
Fernando Santos  
Jorge Pinheiro  
José Aurélio  
Manuel Baptista  
Nikias Skapinakis

-----  
**IMAGENS**



© José Aurélio

Um enorme bolo de anos assinala o aniversário da Ogiva. Perto do bolo, à esquerda, Fernando Grade; junto à janela, Carlos Natividade Correia, Ana Hatherly e António Areal



© José Aurélio

Nas celebrações do 2º aniversário, visitantes chegam carregando uma prenda para a Ogiva



© José Aurélio

O diretor da Ogiva, José Aurélio e, um pouco atrás, Helena Almeida, entre prendas e obras criadas para a celebração do 2º aniversário da Galeria



© José Aurélio

A arquitetura interior da Ogiva permitia a ligação de vários espaços entre si. Ernesto de Sousa e Isabel Alves (na foto em baixo, ao centro), na festa de aniversário da Ogiva



© José Aurélio  
Concerto da festa do 2º aniversário da Ogiva





© José Aurélio

Aspetos da exposição comemorativa do 2º aniversário da Galeria



© José Aurélio

Exposição da documentação produzida ao longo dos dois anos de existência da Galeria,  
no aniversário da Ogiva

-----

### EXPOSIÇÕES NA OGIVA

Cronologia cedida pelo Armazém das Artes

**1970**

**28 Novembro**

Inauguração da Galeria com a exposição coletiva “35 artistas” (Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, António Sena, Armando Alves, Artur Rosa, Aurélio, Carlos Calvet, Charrua, Conduto, Costa Pinheiro, Eduardo Luís, Eduardo Nery, Escada, Espiga Pinto, Helena Almeida, João Abel Manta, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Joaquim Vieira, Jorge Martins, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Lourdes Castro, Manuel Baptista, Maria Velez, Menez, Noronha da Costa, Nuno de Siqueira, Palolo, René Bertholo, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Vespeira, Zulmiro de Carvalho)

**1971**

**27 Março**

Exposição individual “Espiga Pinto. Pintura”

Exposição individual “Alberto Carneiro. O laranjal – natureza envolvente, 1969”

**15 Maio**

Exposição “As Bambinelas” (Artur Rosa, Helena Almeida, José Aurélio)

Exposição individual “António Areal. Paisagens”

Sessão musical com Alexandro Ramirez, António Oliveira e Silva, António Pinto Barbosa, António Reis Gomes, Artur Moreira, Carlos Franco, João Ramos Jorge, João Ruivo, Jorge Peixinho, Manuel Pinto Barbosa, Maria Clotilde Rosa, Vasco Henriques

**27 Novembro**

Exposição coletiva “Homenagem a Josefa” (Alberto Carneiro, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, António Mendes, António Areal, Armando Alves, Artur Rosa, Aurélio, Carlos Calvet, Espiga Pinto, Fátima Vaz, Flávia Monsaraz, Gustavo Bastos, Helena Almeida, Isabel Laginhas, João Machado, João Vieira, José Cândido, José Rodrigues, Jorge Pinheiro, Lourdes Castro, Nikias Skapinakis, Rogério Ribeiro, Vespeira)

Lançamento do livro “Confissão Tenebrosa. Primeira parte da autobiografia agora em edição ilustrada pelo autor”, de António Areal

Exposição coletiva “3 Pintores de Óbidos” (Barbosa, Canário, Lyon)

Concerto “Música para Josefa” (António Pinto Barbosa, Dulce Cabrita, João Ruivo, Manuel João Afonso, Manuel Pinto Barbosa, Olga Pratts, Vasco Henriques)

**1972**

**5 Fevereiro**

Exposição individual “Sam. O Funil”

Exposição individual “Helena Almeida. Desenhos”

Exposição individual “António Areal. Desenhos”

Sessão musical com Fernando Serafim, José Lopes e Silva, Olga Pratts

**29 Abril**

Exposição individual “Rogério Ribeiro. Pintura”

Exposição individual “Jorge Pinheiro. 9 Variações sobre um Tema”

Exposição individual “Ana Vieira. Ambiente”

Sessão musical com Maria João Pires

**29 Julho**

Exposição individual “Júlio Bragança. Máquina Cinética”

Exposição “Coletiva 32” (Abel Mendes, Alberto Carneiro, Ângelo Alves, António Mendes, Alexandre



Falcão, António Areal, Aurélio, Carlos Barreira, Carlos Calvet, Dario Alves, David Evans, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Fátima Martins, Graça Morais, Helena Almeida, Helena Lapas, Helena Magalhães, Jaime Silva, João Machado, João Pinheiro, Lúcia Sá, Manuel Baptista, Maria Cabral, Maria João Liz, Maria José Aguiar, Martins Pereira, Natividade Correa, Rodrigo Gaspar, Rogério Ribeiro, Victor Rocha)

### **16 Dezembro**

Exposição coletiva “Ogiva 2 anos” (participação de numerosos artistas na comemoração do segundo aniversário da Galeria; exposição das prendas e do bolo de aniversário)

### **1973**

#### **2 Junho**

Exposição individual “Alberto Carneiro. Céu, água, terra, fogo”

Exposição individual “Herbert Pagani. Megalopolis”

Exposição coletiva “9x5. 5 Inéditos de 9 Artistas” (Alberto Carneiro, António Mendes, António Areal, Aurélio, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Helena Almeida, Jorge Pinheiro, Rogério Ribeiro)

#### **27 Novembro**

Exposição individual “José Aurélio. Esculturas”

Sessão musical com António Vitorino de Almeida

### **1974**

#### **Janeiro**

Encerramento da Galeria

---

## **ENTREVISTA E DEPOIMENTOS**

### **José Aurélio**

Artista, ex-diretor da Galeria Ogiva

Entrevista realizada no Armazém das Artes, Alcobaça, em 11.08.2009

#### **Como surgiu a ideia de criar uma galeria de arte? Quais são os antecedentes, e as suas motivações?**

Eu fui viver para Óbidos numa fase da minha vida em que tinha sido convidado para trabalhar na SECLA das Caldas da Rainha, onde durante oito anos fui o responsável pela parte criativa da fábrica. Convidei o António Quadros para ir trabalhar comigo, na sequência de uma tradição que a fábrica já tinha de colaboração com artistas, como o Júlio Pomar, a Alice Jorge, a Hansi Stael e o Thomaz de Mello.

Óbidos na altura era uma terra abandonada, havia meia dúzia de lojas, era tudo muito primitivo. Hoje, 50 anos depois, nem se acredita. Os tempos eram outros, havia uma grande tranquilidade em Óbidos. E, quase sem querer, comprei uma casa muito pequenina em Óbidos, e comecei a fazer obras nela. Nessa altura ainda estava a estudar nas Belas Artes, passava três dias nas Caldas, onde tinha um quarto dentro da própria SECLA e ia os outros dias para Lisboa. Depois de arranjar a casa de Óbidos, naturalmente,

passei a viver lá e já ia às Caldas só para trabalhar.

Entretanto casei-me com a Alice, que também tinha o curso de Belas Artes e era professora. Começámos a pensar abrir uma loja de venda de artesanato. Alugámos uma antiga mercearia, cujo dono entretanto tinha morrido, e abrimos uma loja, a primitiva Ogiva, com a colaboração de alguns artistas, dentre os quais destaco Rogério Ribeiro, Espiga Pinto e Jorge Pinheiro.

Chamámos-lhe Ogiva porque havia um arco muito bonito (que ainda lá está) que fazia a passagem da primeira para a segunda sala e que correspondia originalmente à parede da fachada exterior (tudo leva a crer que a Rua Direita de Óbidos era mais larga do que é hoje e, depois do terramoto de 1755, as pessoas aproveitaram os entulhos e reconstruíram as paredes de fachada um pouco mais à frente).

Isto foi em 1966 e, como a Alice é do Norte, começámos a ir às feiras do Norte à procura do artesanato de boa qualidade que naquela altura ainda se encontrava nas feiras, coisas da Rosa Ramalho, do Mistério, palmitos de Viana do Castelo, etc.

Começámos a vender esse artesanato de boa qualidade e simultaneamente começámos a convidar artistas – o Espiga Pinto, o Rogério Ribeiro, o Fernando Conduto, o António Areal, o Zulmiro de Carvalho, o Ângelo de Sousa, o Armando Alves, a Helena Almeida, e outros – para fazer um “Natal em Óbidos”, uma venda de múltiplos de arte feitos pelos artistas. Com esta iniciativa, levámos muitas pessoas a Óbidos e vendemos uma brutalidade, ninguém imagina a quantidade de gente que veio de Lisboa e do Porto para comprar coisas. E nós ficámos entusiasmados.

Em 1968, houve um jantar em minha casa, com vários artistas, e começámos a falar em criar uma galeria a sério em Óbidos, o que já estava quase implícito no projeto da Ogiva “Pequena”. Com o Estado Novo e todas as situações estranhas que se viviam em relação às artes, havia uma série de gente interessada e empenhada em avançar com um processo desses e nasce a ideia de um espaço maior que mostrasse algo que na altura não tinha visibilidade, que era a arte moderna portuguesa.

Assumi, com o entusiasmo de todos, o compromisso de encontrar um espaço onde se pudesse concretizar a ideia. Havia uma casa na altura, completamente em ruínas, que estava à venda há vários anos, mas ninguém comprava, porque era grande e implicava muitas obras. A casa estava à venda por 150 contos e eu não podia dar esse valor. Falei com o responsável pela venda, que era o então presidente da Câmara, no sentido de obter um preço mais razoável, na medida em que estavam implicados objetivos culturais importantes para Óbidos. Ofereci 100 contos pela casa, mas só até ao último dia do ano. Na véspera do Ano Novo, às onze da noite, recebo um telefonema a entregarem-me a casa pela minha oferta.

Comprei a casa e comecei a fazer o projeto. Fiz uma maquete em balsa à escala 1:10, que tenho pena se tenha perdido. Em Março tivemos uma reunião para discutir os aspetos museológicos e funcionais do projeto, sobretudo com o Rogério Ribeiro, que era um homem que tinha muita experiência dessas coisas. Avançámos com o projeto, fui à Câmara pedir uma licença para recuperar a casa e as obras começaram no verão de 1969

e demoraram pouco mais de um ano. Ainda demorámos algum tempo a preparar a primeira exposição e acabámos por inaugurar em Novembro de 1970.

**Quando fala em “nós”, a quem se refere, para além de si, claro, que era o dono da Ogiva, e da sua mulher Alice?**

Refiro-me ao Rogério Ribeiro, que foi praticamente quem trabalhou mais, ao Espiga Pinto, que também deu um apoio muito forte, ao Eduardo Nery, que durante algum tempo também ajudou. Mas fundamentalmente foi o Rogério o meu maior apoio. Embora eu gerisse a Galeria, ele aparecia muitas vezes. Houve uma altura até em que ele também teve uma casa alugada em Óbidos. Era um homem que estava sempre disponível: ou fazia a serigrafia, ou fazia o desenho, ou dava sugestões, ou propunha um arranjo novo para qualquer coisa. Era quem me dava confiança para avançar.

Houve também, numa fase posterior à inauguração da Ogiva, o apoio, muito importante, de outros artistas, como o Alberto Carneiro, o Costa Pinheiro, o Jorge Pinheiro e o Vespeira.

**Para além desse programa que me falou, que era mostrar obras de artistas portugueses, que outros objetivos estavam implícitos na criação da Ogiva?**

Nunca houve interesses comerciais, creio que no total vendemos três ou quatro peças. O fundamental era sentir que havia artistas que eram segregados sistematicamente (como ainda hoje acontece), gente que ficava nas franjas por razões políticas ou estéticas, mais ou menos esquecida e que não deviam estar.

Havia também outro objetivo: era importante que em Óbidos houvesse um sinal de modernidade. As pessoas que vinham de fora achavam muita graça às janelas floridas e a esse lado pitoresco de Óbidos, mas havia gente a morar lá dentro, havia vida por detrás das janelas. Era preciso, no fundo, equipar culturalmente a terra e a pouco e pouco essa ideia foi-se consolidando e houve muitos artistas a sentir o mesmo.

**Para além da atividade expositiva, quando é que decorriam outros acontecimentos, como os saraus de música?**

Normalmente aconteciam nas inaugurações das exposições. A intenção, desde o início, era fazer três ou quatro exposições por ano, que se mantinham durante três meses, e nós concentrávamos várias atividades no dia da inauguração porque as pessoas deslocavam-se, em grande parte, ou do Porto, ou de Coimbra, ou de Lisboa. Não se justificava muito estar a obrigar a deslocações nos tempos intermédios.

**Como encarava o facto de a Ogiva não estar em Lisboa ou no Porto? Este carácter descentralizado da Ogiva foi benéfico ou prejudicial para as atividades da Galeria?**

Nunca pensei muito nisso, e se calhar já não sou capaz de lhe responder. Se a Galeria tivesse uma intenção comercial, é evidente que seria negativo, mas ela não nasceu com esse cariz.

O facto de ser em Óbidos, significou um descentralizar que naquela altura era já uma atitude de vanguarda. Quando nós fechámos, antes do 25 de Abril, eu pedi para ser recebido pelo Azeredo Perdigão, para tentar obter o apoio da Gulbenkian para manter a Galeria aberta. Como resposta perguntou-me, “Você ainda acredita na descentralização cultural?” É espantoso ele ter-me dito isso.

Mas dá-me um certo gozo hoje, ao fim de quarenta anos, perceber que a Ogiva é uma referência importantíssima nas artes plásticas do século XX em Portugal. Isso compensa tudo o resto; o próprio desaire que a Galeria sofreu, sobrevivendo pouco mais de três anos, reflete o estado em que o País estava não havendo condições para manter uma casa daquelas, aberta.

### **A comunidade de Óbidos reconhecia a Ogiva como um projeto interessante?**

Sim, mas sem a utilizar. A inserção na comunidade fazia-se mais ao nível das Caldas da Rainha, que era um centro cultural importante na altura. Quando havia qualquer inauguração na Ogiva, as pessoas das Caldas caíam em peso lá, tal como as de Alcobaça e do Bombarral, para além das de Coimbra, Lisboa e Porto.

É difícil hoje ter essa perceção, mas naquele tempo uma inauguração na Ogiva era um acontecimento quase nacional, porque havia muito pouco. Toda a gente com interesse cultural falava sobre as atividades da Ogiva e as pessoas vinham, estavam e gostavam de estar.

### **Tem a noção do número de visitantes que a Ogiva em média tinha?**

Não sei, mas isso está anotado num caderno, é possível saber-se isso.

### **Que tipo de público frequentava a Ogiva, no dia-a-dia?**

Fundamentalmente eram os turistas. Não havia tanta gente a viajar como há hoje, mas já havia muita gente. A Ogiva cobrava cinco escudos por visita, que não era muito, mas durante esse tempo a galeria manteve-se com essa receita, para além de se venderem peças de arte popular que ainda mantivemos durante bastante tempo, bem como umas medalhas e uns múltiplos de arte, que se iam vendendo sempre. Mas nunca ganhámos dinheiro.

### **Não tiveram nenhum apoio da Câmara Municipal?**

Não, económico nunca tivemos.

**Mas na exposição de Homenagem a Josefa d’Óbidos tiveram o apoio da Câmara.**

Sim.

**Essa exposição foi uma ideia da Ogiva, ou foi a Câmara que a propôs à Ogiva?**

Não, foi uma proposta minha. Eu sempre tive uma paixão pela Josefa, sempre a achei

uma pintora muito curiosa, até por ser mulher, uma mulher a pintar no século XVII não é brincadeira. A ideia nasceu, por um lado, porque eu achei interessante ter os artistas atuais a fazer uma homenagem à pintora, cruzando duas épocas completamente diferentes. Por outro lado, eu próprio nunca tinha visto as obras dela (tinha havido uma exposição da Josefa em 1943 ou 1944, em Óbidos, que eu não vi porque era muito miúdo), e seduzia-me a ideia de juntar coisas da Josefa.

Com o apoio da Câmara, que era muito pobre, arranjou-se uma solução engraçada: eu tinha um amigo que tinha uma daquelas carrinhas Citroën, igual à das Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian, e pedi ao presidente da Câmara para solicitar à Guarda Nacional Republicana que me acompanhasse na carrinha enquanto se iam recolher as obras, para não estarmos a pagar transportes nem seguros. A Câmara fez todos os pedidos formais de empréstimo e eu lá andei escoltado pela GNR pelo País quase todo a recolher os quadros da Josefa.

### **Essa é uma das exposições que têm catálogo.**

Nós na altura já tínhamos consciência de que os catálogos são a única coisa que fica como memória das exposições. Quarenta anos depois, sabe-se que a Ogiva existiu, que os artistas estiveram, e pegando nos catálogos, podemos ver essas memórias.

### **Os catálogos editados pela Ogiva, para além de serem documentos daquela época, resistiram bem ao tempo, em termos estéticos. Quem fazia os catálogos?**

Era eu que os fazia, tirando o primeiro, em forma de triângulo, que foi todo concebido e organizado pelo Espiga Pinto. A partir daí, era eu que ia fazendo tudo, e imprimia-se numa tipografia que havia nas Caldas, a Gráfica Caldense. Sempre tive amigos tipógrafos e comecei muito cedo a andar pelas tipografias, por isso estava dentro dos processos, se bem que nunca me tenha visto como gráfico. Tratava-se apenas de um meio para atingir um fim, normalmente económico. Não tinha a pretensão de fazer catálogos especiais, pelo contrário, fazia-os com o mínimo indispensável e acho que é por isso que eles ainda hoje se aguentam.

### **Mas o catálogo da exposição inaugural, com o seu formato triangular, os diferentes tipos de papel, teve outra ambição...**

Isso foram as loucuras do Espiga, que eu até certa altura permiti, porque andava ocupado a acabar as obras da Galeria, mas depois quando apareceram as contas para pagar... Aquilo custou muito dinheiro. Mas acho que valeu a pena, acho importante aquele catálogo existir, não estou nada lamentoso por isso, acho que foi muito bom. O “triângulo” é uma peça que se vai manter toda a vida. E há também, o catálogo da minha exposição, que se desdobra todo.

**Para além dos catálogos, também faziam folhetos e desdobráveis anunciando as atividades da Galeria, e também algumas edições como a do livro do António Areal, a “Confissão Tenebrosa”.**

Sim, mas acho que não fizemos mais do que esse livro. O Areal apareceu uma vez a fazer

essa proposta do livro, e eu disse-lhe que sim. Ele já tinha o livro todo definido, deu-me a maquete e eu mandei fazer.

### **Como é que esse projeto do Areal se enquadrava no programa da Ogiva?**

Integrava-se numa vontade de ter coisas novas, originais, feitas pelos artistas. O Areal era uma pessoa que eu admirava muito. Ele também tinha casa em Óbidos nessa altura, ia jantar a minha casa e passávamos muitos serões à conversa. E o livro deve ter nascido num desses jantares, tal como uma medalha, que assinala o segundo centenário do nascimento dele, e que foi uma proposta sua: “Tu que tens a mania das medalhas, porque é que não fazes a medalha do segundo centenário do meu nascimento?” Eu achei graça à provocação, fiz uma maquete, ele fez a memória descritiva e fez-se a medalha.

**Salette Tavares refere, num artigo da *Colóquio Artes* e a propósito da exposição que a Ana Vieira fez na Ogiva, o facto de a Galeria ter contribuído para a produção da obra que ela aí mostrou. Isso era uma prática comum da Ogiva?**

Tudo aquilo que se fazia na Galeria era financiado pela própria Galeria, pagavam-se os materiais para a execução das obras e tudo o que era necessário.

**O José Aurélio foi sempre conservando as obras criadas para eventos da Ogiva, nomeadamente a festa do segundo aniversário da Galeria, a homenagem a Josefa d’Óbidos ou aquele jogo da macaca do Alberto Carneiro que está agora exposto e que se pensava que já não existia. Ao longo destes anos todos, como lidou com elas?**

Mantive-as presentes. Dou importância a certas coisas na minha vida, e essas obras fazem parte de um percurso importante apesar de grande parte das amizades desses tempos se terem amortecido (isso tem a ver com as fases da vida das pessoas). Elas funcionam como balizas de um percurso.

Às vezes pergunto-me por que razão tenho essa dedicação a estas coisas que sempre guardei e que são uma tralha que tenho à minha volta, uma coisa brutal, pelo espaço que ocupa, guardada por vários sítios durante dezenas de anos.

**Como é que essas obras foram incorporadas na coleção da Ogiva ou na sua própria coleção: foram oferecidas, foram compradas, foram ficando? Por exemplo, as da homenagem à Josefa d’Óbidos?**

Dessas eu penso que sou capaz de ter todas as que não eram perecíveis. Por exemplo, a do Alberto Carneiro desapareceu, porque era uma coroa de flores. De uma maneira geral, os artistas ofereciam, porque havia já nesse tempo a ideia de mais tarde ou mais cedo a Galeria passar a Museu. Havia peças que as pessoas não levantavam, ou não diziam expressamente que eram para o futuro museu, mas iam ficando, e umas deterioraram-se, outras mantiveram-se. Uma peça que tenho e que gosto muito, as *Bolas para a Josefa*, dos Quatro Vintes, foi agora toda restaurada, porque estava em péssimo estado.

**Qual foi a receção crítica das atividades da Ogiva, fora do núcleo de pessoas que se**

## **empenharam em fazer a Galeria acontecer?**

Todos nós, naquela altura, tínhamos uma série de rancores contra os críticos. Caímos na ingenuidade de acreditar na experiência de dar visibilidade à Ogiva sem a participação dos críticos.

Já nessa altura os críticos formavam um lobi poderosíssimo, por causa da AICA e não só. Dois dias antes da exposição inaugural fizemos uma conferência de imprensa local, em Óbidos, em que dissemos que iríamos provar que era possível ser-se artista em Portugal sem o apoio dos críticos de arte. A nossa esperança era criarmos um “bruá” para as pessoas virem; mas nem o “bruá” existiu, porque as notícias que os jornalistas publicaram não tinham interesse nenhum, nem mais ninguém escreveu nada. Acabámos por ser vítimas de uma ideia que julgávamos ser boa.

É evidente que isto foi um erro e a única pessoa que ainda veio à Ogiva ver o que se passava foi o Rocha de Sousa. Quem veio também e escreveu sobre a Galeria foi a Vera Lagoa, trazida por uma amiga. O João Miguel Fernandes Jorge também escreveu alguns textos.

**Uma das coisas que se fala, hoje, a respeito da Ogiva é o facto de ela ter sido um local de “encontro de artistas”.**

Esse sentimento presidiu à existência da Ogiva porque eu, por uma série de circunstâncias, tinha vários amigos em Lisboa e vários amigos no Porto. E alguns amigos em Coimbra. Embora essa ideia de encontro não fosse um objetivo, no fundo estava subjacente, porque a própria Ogiva contou com vários amigos que se juntaram em Óbidos para decidir várias questões relacionadas com a criação da Galeria. Os tempos eram outros, as pessoas tinham mais disponibilidade, estavam a lutar contra várias dificuldades que existiam e que sentiam em comum.

É interessante porque a Ogiva corresponde a uma época muito especial em que as pessoas se sentiam no “fim da linha”. Já ninguém suportava a situação política, a guerra colonial, etc. Tudo aquilo que pudesse aparecer era balsâmico, e hoje dá-me algum prazer sentir que as pessoas acreditaram no projeto da Ogiva, acreditaram em mim e nos artistas que estavam comigo e isso é bom, dá um certo conforto.

Mais tarde, a Ogiva acabou, vítima da primavera marcelista, porque as condições económicas melhoraram e naqueles três anos houve uma grande abertura de mercado. Começou a haver uma situação que não existia antes, a dos artistas comprometidos com as galerias.

**Mas se a Ogiva, não tinha objetivos comerciais, qual era a incompatibilidade de um artista se comprometer com uma galeria para vender, mas poder expor onde quisesse?**

Os artistas começaram a ver as coisas doutra maneira. As galerias começaram numa guerra para agarrar artistas, e aquele projeto utópico que era a Ogiva acabou por não ter mais condições para continuar. Aliás senti-o, até com os entusiastas dos primeiros tempos que, a pouco e pouco, se foram afastando, invocando muito trabalho, muitas

exposições, etc.

### **Como é que terminou a atividade da Ogiva?**

A Galeria acabou por ser encerrada em Janeiro de 1974, não tendo havido qualquer atividade durante os tempos que se seguiram. Apenas de assinalar uma reunião do Movimento Democrático dos Artistas Plásticos, que deve ter acontecido em Julho ou Agosto. Nessa reunião, em que terão participado cerca de cinquenta artistas, foi discutida uma eventual solução para manter a Galeria aberta.

Nenhuma solução foi encontrada.

### **Passados estes anos todos, que momentos elege como os mais marcantes da Ogiva?**

Aquilo que está gravado em mim em relação à Ogiva é a amizade que fiz com as pessoas, porque é isso que perdura, que se mantém vivo. Em maior ou menor grau, é isso que marca esse tempo, um tempo de comunhão de ideais que passava muito por uma forma de afirmação de uma ética. Foi uma época extremamente importante, mas se nós quisermos saber dela hoje, ela não existe, não se vê nem se apalpa. Não há um museu, nem nenhum local que registe aquele tempo, que foi crucial na afirmação da arte moderna portuguesa.

Mesmo na diversidade que havia entre todos nós, havia uma disponibilidade e uma capacidade de nos ajudarmos uns aos outros, de gostarmos uns dos outros, porque andávamos à procura das mesmas coisas. No fundo era uma forma de estar que era uma forma de ser feliz, ou de procurar a felicidade, o sonho, uma poética que existia nesse tempo e que a pouco e pouco foi sendo subvertida. É isso que eu tenho mais presente, porque o resto é como que uma memória nebulosa da própria Ogiva e das coisas que lá aconteceram. O que é mesmo nítido são as pessoas que se deram àquele projeto e o modo como nos demos uns aos outros.

### **Ana Vieira**

Artista

Depoimento recolhido por e-mail em 01.09.2009

Tomei conhecimento da Galeria Ogiva, em primeiro lugar pelo próprio José Aurélio, antigo colega de Belas Artes, que criou a galeria, e finalmente por todo um grupo de artistas envolvidos na sua participação.

Não era frequentadora assídua da galeria. Ia sim a algumas inaugurações, onde se encontrava o grupo habitual de pessoas amigas ou conhecidas, como o Luís Noronha [da Costa], o Eduardo Nery, a Helena Almeida, o Artur Rosa, o Alberto Carneiro, o Manuel e a Graça Costa Cabral, o Manuel Baptista, o José Nuno da Câmara Pereira, etc.

A exposição individual que realizei na Ogiva correu muito bem porque havia condições de espaço, de montagem e empenhamento.



Sei que fui um dia ou dois antes, e dormi em casa da Alice e José Aurélio, o que na altura correspondia um pouco a uma leve aventura. Para mim, claro está! Até tive uma lição de como fazer bem uma cama... (sinal de ter estado mais de uma noite).

Não estou segura quanto ao facto da peça ter sido produzida pela Galeria, como escreveu a Salette Tavares. Penso que cederam móveis para a exposição, porque quando a repeti no Ar.Co, comprei móveis para os poder pintar de azul e assim integrá-los mais na peça.

O facto de ter mostrado na Ogiva um novo ambiente funcionou mais como uma oportunidade de o realizar porque não havia muitos locais para expor ambientes ou qualquer coisa que saísse de uma determinada escala, mais comercial.

De qualquer modo para mim a grande escala era essencial para que o corpo do espectador fosse, também, fisicamente envolvido. Acho que se vê com o corpo todo, mesmo sabendo que não é uma regra, porque esta se ajustar ao conceito de cada artista. (Por isso mesmo, não deixei de ficar encantada, quando vi as obras de “pequeno formato” existentes no Quai d’Orsay.)

A receção por parte da crítica era positiva, mas por parte do público em geral, não faço ideia. Mas devia haver uma minoria que a justificava.

A Ogiva em relação, não a todas, mas à maior parte das galerias era na altura um caso paradigmático, fora dos centros (Lisboa e Porto) e com uma liberdade criativa que a tornou apelativa e necessária, pelo menos a uma minoria crítica e artística. Essa liberdade criativa refletia-se num maior leque de escolhas, de grupos e correntes de artistas, bastante diversificada.

Não tenho uma opinião segura para dar uma resposta convicta sobre a importância da Galeria Ogiva sob o ponto de vista de qualidade e coerência. No entanto já é bastante ter corrido o risco de sair da norma, assim como o risco da diversidade. Mas é precisamente nessa diversidade que ponho em dúvida a sua coerência. Não por englobar vários meios de expressão mas pela não coincidência de inconformismo e inovação.

Penso que a partir de uma certa altura a Ogiva acabou por não ter artistas que garantissem a sua presença, por compromissos de exclusividade a outras galerias. Ironicamente poucos meses depois desta galeria ter fechado, aconteceu o 25 de Abril...

**Ângelo de Sousa**

Artista

Depoimento recolhido por e-mail em 02.09.2009

Tomei conhecimento da Ogiva quando fui informado que se ia fazer uma reunião, com o José Aurélio (que eu já conhecia), para se falar de um projeto de uma galeria em Óbidos. Seria em casa do José Rodrigues (e também foram arquitetos – creio que o Siza Vieira e o Alcino Soutinho). Realizaram-se mais algumas reuniões, viu-se uma maquete da galeria (que me impressionou muito positivamente).

Não participei na definição do programa da galeria. A Ogiva era do José Aurélio (e em Óbidos). Eu ia lá muito irregularmente. Fui à Ogiva, no máximo, umas três vezes. Tenho uma opinião positiva acerca do trabalho que a Ogiva desenvolvia.

Diria que o facto de a Ogiva estar descentralizada em relação a Lisboa e o Porto foi, de um ponto de vista (estritamente) comercial, prejudicial. Na época as pessoas deslocavam-se menos.

Não frequentava críticos com especial insistência (ou como prioridade). Mas foi-me dito, creio que pelo Eurico Gonçalves e pelo Rui Mário [Gonçalves], que para o que os jornais lhes pagavam (de facto, uma quantia simbólica), teriam que gastar muito mais, apenas para se deslocarem até Óbidos (comboios e camionetas, refeições, etc.). Eis a razão [por que não escreveram sobre a Ogiva]. Como, à exceção destes dois irmãos (que tinham uma opinião – muito – favorável), não falei com outros críticos, não posso imaginar o que pensavam a propósito da Ogiva.

### **Carlos Natividade Correia**

Artista

Depoimento recolhido por e-mail em 13.08.2009

Conheci a Ogiva desde o seu início. Como artista participei numa exposição coletiva no Verão de 1972, sendo esta a primeira intervenção coletiva no meu “percurso”. Claro que foi muito importante conhecer pessoas como o António Areal, o Rogério Ribeiro, o João Vieira, a Menez e muitos outros autores cuja obra me interessava particularmente nesses meus anos de descoberta (entre os 16 e os 18).

A Galeria Ogiva nas suas diversas atividades e iniciativas desenvolveu em mim (ainda jovem alcobacense) a necessidade de mostrar e confrontar o meu trabalho com o de autores reconhecidos (na sua maioria mais velhos), o que me fez sair de casa (nessa altura os jovens artistas tinham muito pouco acesso à informação e dificuldade em expor).

### **José Espiga Pinto**

Artista

Depoimento recolhido por escrito em 02.09.2009

Conheci José Aurélio em 1957, fomos alunos e colegas do curso de Escultura (...). Liguei-me ao projeto da Ogiva logo de início e acompanhei-o assiduamente, interrompendo apenas quando fui para o estrangeiro com uma bolsa da Gulbenkian.

Eu já tinha ligação a Óbidos antes da Galeria Ogiva, pois lá ia muitos fins de semana. Aluguei em Óbidos uma pequena casa e a arquitetura tinha afinidades com a do Alentejo, minha terra natal, e estava próximo de Lisboa, onde eu vivia e trabalhava. Tinha longas conversas com o Zé Aurélio, onde por vezes também estavam outros colegas, como o Areal, a Helena Almeida, o Jorge Peixinho... Tomei conhecimento do “projeto Ogiva” e,

como convidado, aderi de imediato na colaboração, desde ideias para se porem em prática à montagem das exposições, ao atendimento de pessoas visitantes, tudo sem honorários...

Não sei que apoios tinha a Ogiva para funcionar, não era a minha área de colaboração. Os transportes das minhas obras e desdobráveis ou folhetos das minhas exposições era tudo pago por mim – a Ogiva fazia os convites...

José Aurélio, o pai da Galeria Ogiva, deu continuidade aos nossos projetos e sonhos enquanto alunos da ESBAL, onde nada se passava a não ser repressão de ideias e de criatividade. A Galeria Ogiva era o oposto; ali, fazíamos muita autocrítica, e aceitávamos a troca de ideias, mesmo diferentes. Entendíamos-nos. Podíamos expor com critérios de qualidade, incluindo a liberdade criativa, e confiávamos no bom – o que não se podia expor nas outras galerias, pela forma, temática ou grandes dimensões, que não eram aceites. Era um verdadeiro laboratório de arte, um lugar pioneiro da arte em Portugal. (...). Fiz duas grandes exposições e penso que foram marcos na minha obra.

A Ogiva foi o primeiro grande centro de mostra de arte contemporânea e moderna do século XX em Portugal (particular, pois já existia a Fundação Gulbenkian com o seu lugar de instituição), mesmo nas coletivas temáticas, como a exposição de homenagem a Josefa d'Óbidos.

Promoviam-se muitas vertentes: desenho, gravura, serigrafia, pintura, escultura, instalações, sessões de música experimental com António Vitorino de Almeida (um memorável acontecimento), Jorge Peixinho, happenings onde todas as pessoas participavam... e ainda se coordenava isso com a vertente artesanal, com a arte popular e naif. (...) O que acontecia era o diálogo nas “expressões da arte”, pois “arte” há só uma.

A Ogiva tinha uma localização ideal, estava no centro de Portugal, era a equidistância, era a novidade em beleza, era a qualidade, era a cultura portuguesa, era a arquitetura genial do espaço (o caminho de fim-de-semana era para Óbidos). (...) Quando estive em Estocolmo com a bolsa da Gulbenkian, encontrei um projeto idêntico, numa ilha do porto de Estocolmo, era um grande armazém transformado na Galeria Lilia Walch. Mas a Ogiva era muito superior em tudo... a arquitetura, o espaço arquitetónico criado pelo Zé Aurélio, era genial... E tinha um grupo de “artistas” colaboradores e de visitantes que vinham do Algarve ao Minho, era a “arte portuguesa” concentrada na Ogiva.

### **Jorge Pinheiro**

Artista

Depoimento recolhido por e-mail, em 27.08.2009

Como tomei conhecimento da Ogiva? Porque há muitos anos era amigo do José Aurélio.

Não participei oficialmente, nem officiosamente na definição dos critérios da Ogiva. A Ogiva foi um projeto do proverbial dinamismo do Zé Aurélio. Se as numerosas conversas que teve com os amigos e colegas ajudaram a que ele construísse uma definição e um programa, então, talvez eu tenha contribuído também, involuntariamente, para isso.

Visitava Óbidos, com muita frequência, com a minha família para conviver com o Zé Aurélio e com a sua família independentemente da Ogiva. Sim, encontrava, por vezes, amigos comuns ou amigos deles que por lá apareciam. Recordo-me de que foi em sua casa que conheci o Areal e talvez o Rogério Ribeiro.

A receção do público às atividades da Ogiva era de festa, expressão muito em moda na altura em situações semelhantes. Obviamente que essas pessoas, a quem estamos a designar por “o público”, era um grupo socialmente constituído por um núcleo muito restrito do que se chama hoje o mundo da arte. Além disso, pelo facto de Óbidos estar fora dos centros urbanos maiores, a ida aos acontecimentos na Ogiva constituía uma forma de turismo com uma mais-valia cultural. Nada de diferente, em suma, do que acontece hoje.

A descentralização dos polos culturais é sempre benéfica; mas, atendendo às implicações sociais, políticas e económicas que envolve, o problema dava para uma tese de doutoramento ou para encabeçar um movimento de cidadãos.

O que a “crítica” escreveu e o que não escreveu? Francamente, não me recordo nem me parece, sem pretender minimizar o que foi escrito, que isso tenha sido relevante para o que foi, enquanto foi, a vida da Ogiva. Havia algumas pessoas a escrever sobre as exposições. O J.-A. França já praticamente não escrevia sobre estes acontecimentos e surgiram nomes que depressa desapareceram. O Rui Mário Gonçalves e o Fernando Pernes, que me recorde, eram os mais próximos de nós, muito companheiros de aventura e, em nada, curadores ou comissários ou *advisers* e muito menos legitimadores oficiais ligados a instituições – os tais Cesare Ripa da Modernidade. A arte do pós moderno neoliberalismo, a do negócio puro e duro cirurgicamente administrado, já andava pelas Américas mas ainda não se tinha instalado em Portugal.

Se não erro, a Ogiva nasceu em 1965 exatamente a meio de uma década extremamente fecunda da arte Ocidental; fecunda porque este Mundo Ocidental vivia um período de prosperidade económica alicerçada na tripa forra da exploração das matérias-primas e da mão-de-obra do Terceiro Mundo e não só: autofagicamente, devorava também o suor dos próprios europeus: os do Sul, como os emigrantes portugueses, até que, na primeira crise do petróleo, este forrobodó deu o seu primeiro trambolhão.

Paralelamente a essa abundância, “et pour cause?”, quer na Europa quer nos Estados Unidos, geraram-se movimentos socioculturais profundamente contestatários e transformadores. E as artes, tal como a pele de qualquer humano, imediatamente refletiram, no plano conceptual, esse renovador discurso antitético que se instaurou e do qual muitos artistas foram agentes ativos: mas essa situação gerou, de facto, desenvolvimento tecnológico que, por sua vez, originou transformações profundas nas formas de expressão artística e benefícios pessoais para os artistas. Estou a recordar-me, por exemplo, da magnífica escultura inglesa desses anos sessenta: de Anthony Caro, Paolozzi, Phillip King, Francis Morland, etc., a quem estes novos materiais, como a resina de poliéster, a fibra de vidro, o alumínio ou renovados processos de acabamento do aço permitiram a criação de formas totalmente inovadoras.

E os benefícios dessa abundância de capital, por paradoxal que se supusesse, passaram a ser igualmente aproveitados por movimentos “artísticos” – o termo é hoje fonte de debate – que se fundamentavam, total ou parcialmente, no conceito e não no objeto e se auto-proclamavam independentes do sistema de mercado. Paradoxais, portanto, tais financiamentos feitos pelas mesmas fontes da arte objetual, uma vez que estes, em princípio, geravam mais-valias e os outros pareciam investimentos a fundo perdido? Talvez, menos para o capitalismo financeiro exímio negociador do invisível e até do inexistente.

Ora bem: Se todas as formas de expressão surgidas nesse período, na sociedade europeia e na dos Estados Unidos, emergiram das suas transformações socioeconómicas, em Portugal, onde há décadas nada se transformava e o alfobre era de terra sem húmus, nada de realmente novo aqui nasceu nos anos sessenta. Sem masoquismo e tentando ser realista, tenho que constatar que o facto de testemunharmos e analisarmos essas transformações, e de muitos de nós termos habitado esses espaços onde se operavam as transformações, não nos tornava sujeitos atuantes e interventivos dessas ações; estivemos “lá” como alunos estudiosos, como turistas ou, principalmente, como espectadores atentos. Se assim foi, o que fizemos nessa década, ainda que, por cá, se considere ter estado em consonância com o que surgia fora das nossas portas, não passou, a meu ver, “et malgré nous” de puro epifenómeno. Como (quase, quase) sempre na nossa História!

Portanto, a Ogiva, ou a Alternativa Zero – outra panorâmica vasta duma multiplicidade de artistas – foi honrosa vitrina daquilo que, na hora, ou com maior ou menor desfaseamento no tempo, “também nós” sabíamos fazer – “fazer assim”. É verdade e é pena, mas não podia ter sido de outra forma! E não lamento, entenda-se, a nossa impossibilidade de criação de uma arte nacional ou, ainda menos, nacionalista: lamento sim, a fatalidade da criação de discursos meramente metalinguísticos apesar de o Mundo, nesse período, já estar a minguar e de os movimentos artísticos ainda estarem geograficamente identificados e, como tal, assumidos.

Enfim, as convulsões e as transformações sociais geraram sempre ideias que se consubstanciam em coisas, como livros, pinturas, música eu sei lá que mais. Coisa que, há milhares de anos, só no palácio pode “fabricar-se”, porque, não só mas também, lhe é imprescindível à iconografia concedente do seu corpo simbólico e promessa de eternidade. Nunca, portanto, no bairro de lata! O que, até hoje, temos chamado Arte, é uma flor delicada que necessita do estrume rico do dinheiro. Depois, o dinheiro confere o poder, incluindo o de legitimar e o de tudo deglutir, bulimicamente: até o “everything” dos nossos dias, o tal nada, sabiamente gerido pelo capital financeiro.

A Ogiva, não era uma galeria comercial – ainda que as obras estivessem à venda – mas sim um “espaço de afetos”, onde toda a gente era amiga de toda a gente. O que retenho hoje, passados todos estes anos é, fundamentalmente, isso. Quando o Zé Aurélio inaugurou o Armazém das Artes, e chamou à exposição “Escultura com afetos”, muito provavelmente, puxou de lá de longe esse fio da meada.

Sim, é um facto, a Ogiva apresentava obras com formas de expressão absolutamente diversas: porque não representava artistas, nem trabalhava uma orientação estética:

tinha amigos e os amigos faziam o que lhes dava na real gana. Sem estratégias.  
(Estratégias? Ele há termos que são gatos escondidos com o rabo de fora).

Nunca soube, ou já não me recordo, como e porquê encerrou a Ogiva.

### **Manuel Baptista**

Artista

Depoimento recolhido por escrito, em 27.09.2009

Conheci o José Aurélio na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa por volta de 1957-58. Eu frequentava o curso de Pintura, ele o de Escultura. Fizemos amizade e convivemos bastante. Ele foi viver para Óbidos, onde alugou uma casa. Notei, desde logo, a sua grande habilidade para organizar espaços e, para além de escultor, ele poderia ter sido arquiteto. Lembro-me que a sua casa de banho era uma verdadeira escultura...

Eu geralmente ia às inaugurações das exposições da Ogiva com amigos, principalmente com a Helena Lapas, o David Evans e o Espiga Pinto. Nunca me envolvi nos conteúdos programáticos da Galeria, mas lembro-me que as inaugurações eram, por vezes, um acontecimento social importante, sobretudo com pessoas vindas de Lisboa. A dada altura, o Areal foi também viver para Óbidos e era mais um pretexto para eu ir lá. Para mim era um ponto de encontro onde os artistas conviviam bem de uma maneira geral.

A Galeria Ogiva foi das primeiras galerias que apareceram, fora de Lisboa, com exposições de qualidade. A Ogiva atraía a atenção dos artistas, na altura, quer pelo bom entendimento com José Aurélio, quer pela qualidade das exposições. Da crítica não me lembro, mas na altura pouco se escrevia sobre arte nos jornais.

O facto de a Ogiva ter acontecido em Óbidos foi benéfico para a região, pois atraiu muita gente, mas prejudicou-se por estar fora da “cena”, isto é, Lisboa. Além disso, não se vendia e os artistas dispersavam-se pelas galerias comerciais que exigiam algum compromisso de fidelidade e exclusividade e monopolizavam o público e a crítica. Aliás, penso que foi este fenómeno que levou ao encerramento da galeria. Digamos que havia um bom entendimento democrático que a pouco e pouco se foi perdendo porque cada um começou a pensar mais seriamente na sua carreira e na ligação com as galerias que permitiam chegar ao público comprador e à crítica.

### **Nikias Skapinakis**

Artista

Depoimento recolhido por e-mail, em 30.08.2009

Há cerca de quarenta anos participei na Galeria Ogiva numa exposição de homenagem a Josefa de Óbidos, organizada pelo meu companheiro das artes José Aurélio.

Logo a seguir ao 25 de Abril tomei parte numa das primeiras reuniões do Movimento dos Artistas Plásticos que também teve lugar na Galeria, em Óbidos.

Agora José Aurélio organiza num espaço congénere da Ogiva de boa memória, uma

Exposição "afetuosa" na qual igualmente participo. É tempo, portanto, de comemoração e de parabéns merecidos.

#### A ideia do Simpósio

Como muitos outros simposia de escultura, o Simppetra partiu da iniciativa de escultores que pretendiam promover a escultura, gerando uma dinâmica cultural que envolvesse as comunidades locais e outros artistas. O escultor António Duarte era a figura tutelar que polarizava em torno uma série de eventos e artistas (alguns dos quais seus antigos alunos, como Antonino Mendes e António Vidigal) que tomaram a iniciativa de lançar um simpósio de escultura em pedra.



Tomando por exemplo os simposia realizados nas cidades do Porto e Évora no início dos anos **1980**, estes escultores, no âmbito das atividades programadas pelo Atelier-Museu António Duarte, lançaram as bases de dois eventos que funcionaram alternadamente e que tiveram forte repercussão no panorama artístico português: O Simppetra e a Bienal de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha.

O primeiro simpósio começou timidamente em 1986, com poucos recursos financeiros e de equipamento, porém, teve desde o início o empenho de todos quantos nele participaram. Deles, apenas três escultores eram estrangeiros, no entanto, deram ao evento uma projeção internacional que lançou as bases para que hoje seja conhecido em todo o mundo. Passo a passo, o Simppetra mudou: desde os locais, ao número e nacionalidade dos participantes, bem como às condições de trabalho, aos recursos e equipamento, sendo hoje reconhecidamente um dos mais antigos e renomados simpósios do mundo.

#### Troca de Experiências e discussão de conceitos

Os simpósios foram na Grécia Clássica momentos de encontro de cidadãos em torno de uma mesa, onde se bebia o vinho doce misturado com água das crateras (vaso grego destinado a este fim) e se acompanhavam com lautos banquetes, por vezes orgíacos, longas discussões políticas, filosóficas e sociais. Muitos dos "diálogos" de Platão (por ex.) e o desenvolvimento de muitos conceitos e teorias filosóficas (já para não falar das conspirações políticas) nasceram nesses simpósios.

Os simpósios de escultura são, pois, momentos de encontro de escultores com várias experiências e atitudes conceptuais (estéticas, éticas, sociológicas) e de trabalho (técnica e formais). Os trabalhos que daí resultam são fruto desse confronto de experiências e do diálogo enriquecedor.

#### **SIMPPETRA 1989**

**1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA**

**1 DE JULHO A 31 DE JULHO**

Antonino Mendes, Caldas da Rainha; António Vidigal, Caldas da Rainha; Carlos Barreira, Porto; Carlos Marques, Porto; Claude Alemant, França; João Honório, Cartaxo; José Aurélio, Alcobaça; Luis de Matos, Lisboa; Luisa Constantina, Lisboa; Silvi Davenport, EUA; Thom Janusz, EUA; Zulmiro de Carvalho, Porto;

**2º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1990**

Alípio Pinto, Portugal; António Matos, Portugal; Colin Figue, Inglaterra; Eduardo Sérgio, Portugal; Gordon Bennet, EUA; Hugues Maurin, França; João Batista Queirós, Brasil; João Fragoso, Portugal; Josef Baier, Austria; Walter Notz, Alemanha.

**3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1991**

Alain Ayers, Inglaterra; Antonella Tiozo, Itália; Birgit Knappe, Alemanha; David Lambert, Irlanda; Dimcho Pavlov, Bulgária; Imre Veszprémi, Hungria; Maria Manuela Madureira, Portugal; Paul Verhulst, Holanda; Richard Graham, EUA; Robert Sindorf, EUA; Theodoros, Grécia; Vanden Charlotte, Bélgica; Wolfgang Kirchmayr, Austria; Xuxo Vasquez, Espanha

**SIMPPETRA 1992**

Albert Robinson, EUA; Allan Farr, EUA; Anne Nicholson, Inglaterra; Gordon Bennett, EUA; Yan Vermaatt, Holanda; João Antero, Portugal; Laranjeira Santos, Portugal; Martin Petz, Alemanha; Oscar Guimarães, Portugal; Stefan Beuchel, Alemanha; Ursula Schon, Alemanha; António Vidigal, Portugal; Luis de Matos, Portugal

**4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA**

**SIMPPETRA 1994**

**5º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1992**

Pepito Anadon, França; Carlos Barreira, Portugal; Rami Gavish, Israel; Kim Moon-Kyu, Coreia do Sul; Antonino Mendes, Portugal; Karin Van Ommeren, Holanda; Gabrielle Perugini, Itália; Susana Piteira, Portugal; Bruno Sodini, Itália

**SIMPPETRA 1996**

**6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1993**

José Esteves, Portugal; Nakaya Sakai, Japão; Yan Marie Liebard, França; Frede Troelsen, Dinamarca; Moisés Arantes Tomé, Portugal; Lidia Rosinska, Polónia; Hans Bartelet, Holanda; Ko Jae-Chun, Coreia; Luciano Dionisi, Itália; Kota Kinutani

**SIMPPETRA 1998**

**7º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1994**

Petre Petrov, Bulgária; Kemal Tufan, Turquia; Igor Brown, Israel; Varda Ghivoly, Israel; João Antero, Portugal; Maria Braenea, Roménia; Bruno Saas, França; Ilan Gelber, Israel; Remígio Dávila, Espanha; Ilié Berindei, Roménia; Antonino Mendes, Portugal.

**SIMPPETRA 2000**

**8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.**

**12 DE JULHO A 12 DE AGOSTO 1995**

Xavier Gonzalez, Espanha; Milen Vassilev, Bulgária; Dinu Campeanu, Roménia; Panaite Chifu, Roménia; Eugen Wolf, Alemanha; Ulrike Ahme, Alemanha; Marta Francesch, Espanha; Peter Muller, Suíça; Toru Saito, Japão; Mário Moutinho, Portugal

**SIMPPETRA**

**9º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.**



11 DE JULHO A 9 DE AGOSTO **2002**

Rui Matos, Portugal; Peter Esdaile, Noruega; Pavel Kraus, EUA; Markus Miksch, Austria  
Robert Colgan, Irlanda; Ekkehard AltenBruguer, Inglaterra; Attila Geber, Hungria; Ivan  
Slavov, Bulgária; Marco Dessardo, França; Todor Todorov, Bulgária; Antonino Mendes,  
Portugal

10º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.

10 DE JULHO A 10 DE AGOSTO **2003**

Cristina Ataíde, Portugal

Jo Kley, Alemanha; Henrik Troelsen, Dinamarca; Said Badr, Egipto; Laura Marcos, Argentina  
Eric Brelet, França; Mabuchi Hiroshi, Japão; Laetitia de Bazelaire, França; Antonino  
Mendes, Portugal

SIMPPETRA 2006

11º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESCULTURA EM PEDRA.

10 DE JULHO A 10 DE AGOSTO **2004**

Moisés Preto Paulo, Portugal; Emanuela Camacci, Itália; Manuel Diaz Castedo, Espanha  
Takashi Kondo, Japão; Dominika Griesgraber, Polónia; Khalid Frhan, Bahrein  
Antonino Mendes, Portugal

Bienais de Óbidos



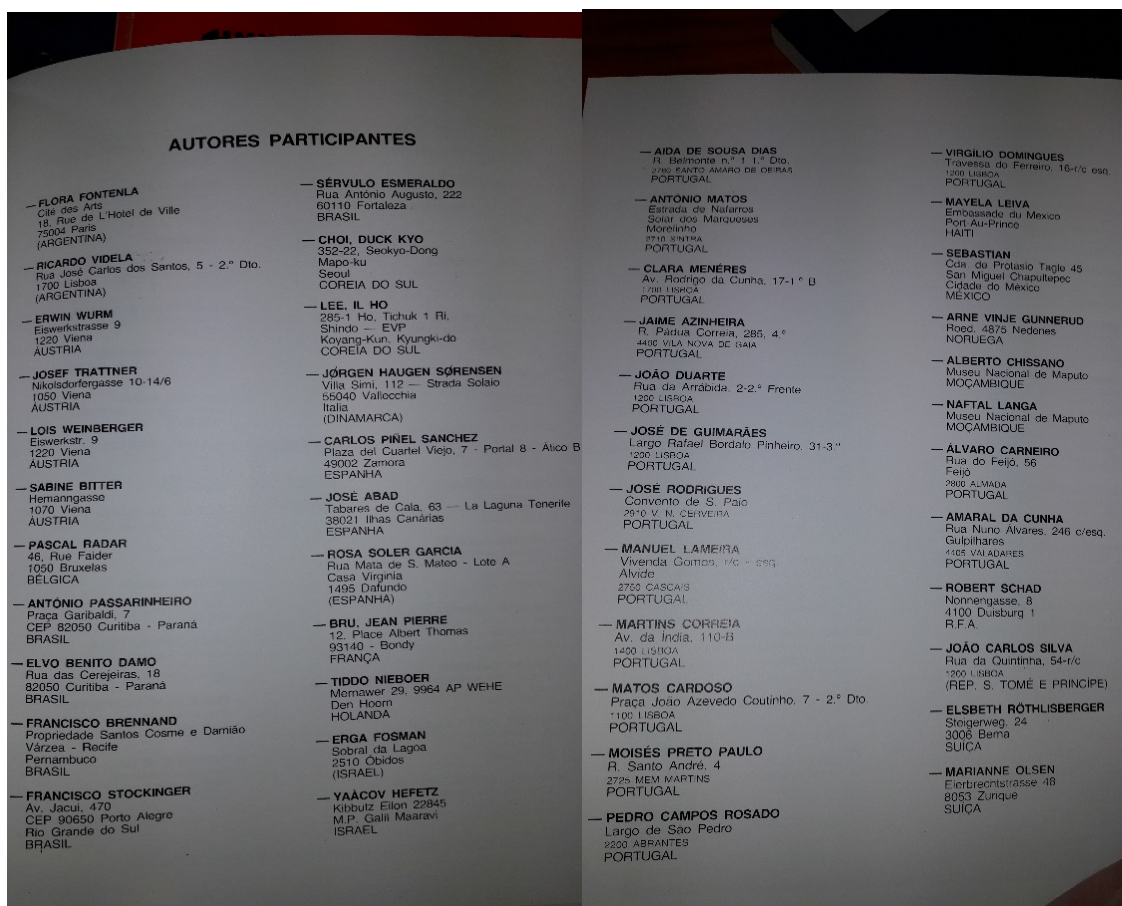
As 3 Bienais Internacionais de Óbidos em disciplinas como a cerâmica criativa contemporânea em **1987**, escultura em **1989** e pintura em **1991**, marcaram de forma estruturante o panorama cultural de Óbidos a nível Internacional.

Na disciplina de cerâmica, nomes como Vieira da Silva, Júlio Pomar, José Rodrigues, Júlio Resende ou Lima de Freitas, foram chamados a participar nesta Bienal, ombreando com eles e muitos outros artistas esta técnica através do seu poder criativo que demonstraram pelas virtudes técnicas e estéticas, daquilo que demonstram pela virtude estética da forma, independentemente do meio utilizado.

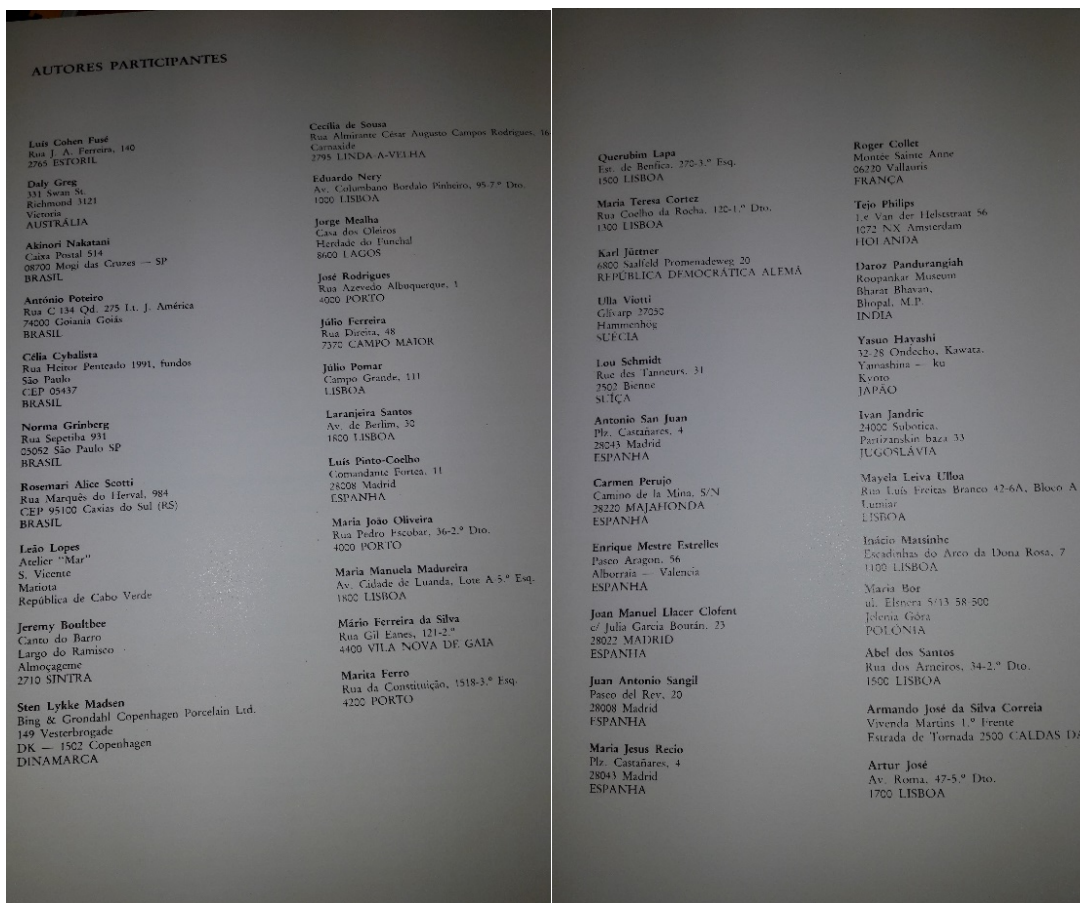
Artistas participantes: Luis Cohen Fusé, Brasil; Greg Daly, Austrália; Akinori Nakatami, Brasil; António Poteiro, Portugal; Célia Cymbalista, Brasil; Norma Grinberg, Brasil; Lou Schmidt, Suíça; Ulla Viotti, Suécia; Karl Juttner, República Federal Alemã; Maria Teresa Cortez, Portugal; Querubim Lapa, Portugal; Marita Ferro, Portugal; Mário Ferreira da Silva,

Portugal; Maria Manuela Madureira, Portugal; Maria João Oliveira, Portugal; Luis Pinto Coelho, Portugal; Laranjeira Santos, Portugal; Júlio Pomar, Portugal; Júlio Ferreira, Portugal; José Rodrigues, Portugal; Jorge Mealha, Portugal; Eduardo Nery, Portugal; Cecilia Sousa, Portugal; Artur José, Portugal; Armando Correia, Portugal; Abel dos Santos, Portugal; Maria Bor, Polónia; Inácio Matsinhe, Moçambique; Mayela Viloa, México; Ivan Jandric, Jugoslávia; Yasuo Hayashi, Japão; Daroz Pandurangiah, Índia; Tejo Phillips, Holanda; Roger Collet, França; Maria Jesus Décio, Espanha; J. A. Sangil, Espanha; Joan Lacer, Espanha; Enrique Esteves, Espanha; Carmen Guerrero, Espanha; Antonio Juan Martin, Espanha; Stern Madsen, Dinamarca; Jeremy Boulbec, Canadá; Leão Lopes, Cabo Verde; Rosemari Scotti, Brasil; Norma Grinberg, Brasil; Célia Cuimabista, Brasil.

Mais tarde na Bienal de escultura, foram convidados todos os artistas nacionais e estrangeiros indicados para o efeito, tendo sido necessária, por questões de burocracia ou impossibilidade de transporte das peças, a substituição por artistas emergentes nacionais, que puderam aqui mostrar o seu valioso trabalho. Já a nível dos artistas estrangeiros, foi feita uma pesquisa através de Escolas de Belas Artes, Museus e Embaixadas, na procura de peças que maioritariamente do Brasil ou das Comunidades de Língua Portuguesa em África, pudessem representar de forma meritória esta Bienal.



Ao nível da Pintura contemporânea, a Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Óbidos, orgulha-se de ter tido representados alguns dos melhores artistas internacionais do panorama de então, não tendo sido satisfeita a ambição de uma oferta completa pela imensidão de artistas de qualidade que então se destacaram no panorama internacional, tendo sido apenas possível a presença de alguns deles.



Junho das Artes. Óbidos

Junho das Artes é um evento que se abre à participação de todos os artistas emergentes (Jovens artistas, finalistas e/ou recém-licenciados), com trabalhos nas diversas áreas das Industrias Criativas:

I Arquitetura | Artes Visuais | Audiovisuais\_Televisão & Rádio | Artes Performativas & Entretenimento | Cinema & Vídeo | Design | Escrita & Publicação | Música | Software Educacional & Lazer.

As Artes em Óbidos, no mês de Junho, à conversa com o património, criam novas vivências.

Óbidos integra as artes com o seu espaço construído ao apostar na inovação, numa fusão em que a história e a produção criativa estão em estreita relação com múltiplas competências, dando forma a um território de experimentação, reflexão e intensa atividade artística.

Proporciona-se aos artistas um espaço de peculiar envolvimento para exposição, divulgação e venda das obras de arte.

Fólio

Manifesto

“Folio é o primeiro capítulo de um projeto ambicioso. É nele que se está a escrever a história de uma Vila Literária que se transforma num dos lugares obrigatórios para a literatura mundial. O Folio é onde se apresenta Óbidos Vila Literária. É a sua capa e o maior cartaz.

Mas Óbidos já era a Vila Literária mesmo quando ainda lá não havia livros. Há três anos eles chegaram. O projeto Folio é a expressão maior de quem fez da literatura e dos livros, durante décadas, a sua profissão.

O Folio é o projeto – e a marca – mais importante para uma terra que escolhe a Literatura e os livros como bandeira. Uma terra que pelas suas características e história únicas é, ela própria, também um *best seller*.

Nesta primeira edição (Out 15 – 25) o Folio prepara-se para receber 400 autores em 11 dias, portugueses e estrangeiros. Alguns nomes maiores da literatura mundial. São 11 dias em que o verbo “literar” enche páginas de livros e as ruas de Óbidos com música, teatro, performance, cinema, tertúlias, mesas redondas e exposições.

Depois do Folio acabar, para voltar no ano seguinte, a Vila Literária continua. Essa nunca pára.

Todos os livros se escolhem pelo primeiro parágrafo. O Folio é o nosso.”

## Cronologia

No decorrer dos próximos parágrafos será feita uma breve descrição de algumas das marcas culturais mais estruturantes para este projeto: Em **1630** Josefa d’Óbidos **Josefa de Ayala Figueira**, conhecida como **Josefa de Óbidos** (Sevilha, fevereiro de 1630 — Óbidos, 22 de julho de 1684), foi uma pintora nascida na Espanha que viveu e produziu em Portugal.

Tendo vivido quase sempre na Quinta da Capeleira, a sua reputação que granjeou era de tal ordem que muitos dos que iam tomar banhos às Caldas da Rainha, se desviavam de seu caminho, para irem a Óbidos cumprimentá-la.

Destas publicações, é importante saber que segundo A Lei de 20 de Julho de 1822 e a Constituição de 1822 e até à Lei de 1836 por Passos Manuel, este decreto de lei veio alterar a dinâmica global da gestão dos territórios e acelerou o processo de divisão administrativa de Portugal, sendo que o Concelho de Caldas da Rainha tem a sua data de fundação em 1821. Esse processo sente-se de forma muito estruturante na programação dos eventos culturais a partir de então, sendo que foram analisadas as edições da Gazeta das Caldas desde 1835, cujos eventos culturais já comunicavam a região da cidade e onde existiu desde a fundação da Gazeta uma referência superficial de Óbidos.

Segundo Henriques Dias da Silva, o Decreto n.º 23, de 16 de Maio de 1832, como se disse, previa que a administração concelhia fosse entregue a um “provedor” de nomeação régia. Este era o depositário exclusivo da autoridade administrativa, liderava a câmara municipal, executava as deliberações desta, realizava os atos de registo civil, exercia funções de polícia e de manutenção da ordem pública, superintendia nas escolas e procedia ao recrutamento.

“Verifica-se então a grande Reforma de Passos Manuel,<sup>23</sup> operada pelo Decreto de 6 de Novembro de 1836, que extinguiu 498 concelhos em Portugal Continental de forma a permitir “criar circunscrições municipais maiores”,<sup>24</sup> evitando a existência de “concelhos pobríssimos” de modo a possibilitar que estes novos concelhos tivessem mais meios financeiros. Esta reforma consta do Código Administrativo de 1836, aprovado no dia 31 de

Dezembro daquele ano.” Dias da Silva, Henriques. (2013) REFORMAS ADMINISTRATIVAS EM PORTUGAL DESDE O SÉCULO XIX, Universidade Lusófona.

**Caldas da Rainha** assistiu, em pleno século XIX, ao surgir de uma cerâmica com intenções nitidamente artísticas, num estilo marcado pela decoração com elementos da flora e da fauna aplicados em relevo, associado ao conhecimento e à emulação de correntes estéticas internacionais, inspiradas nas majólicas italianas e nas faianças neo-palissistas do século XVI. Credita-se a Manuel Mafra (1831-1905), ser o introdutor desta cerâmica artística *sui generis* em Caldas, vindo a desenvolver uma obra notável com assinalável êxito, nacional e, sobretudo, internacional, possibilitada pelo seu génio e habilidade, pela especificidade da região em que se desenvolveu, bem como pelo apreço e apoio que recebeu da Casa Real. Não obstante ser um oleiro oriundo de um meio rural, Manuel Mafra desenvolveu um percurso profissional notável, recebeu o honroso título de Fornecedor Real e viu a sua obra guindada aos mais elevados patamares, adquirida para ornamentar os espaços dos palácios reais, Necessidades, Pena, e Vila Viçosa. A sua obra foi largamente exportada para países estrangeiros, e premiada nas Grandes Exposições Internacionais, desde 1867, na Exposição de Paris, com continuidade nos certames seguintes. *Ramos e Horta, Cristina, Manuel Mafra (1831-1905) e as origens da cerâmica artística das Caldas da Rainha.*

Já a Fábrica de Faianças da família Bordalo Pinheiro que teve como diretor artístico Rafael Bordalo Pinheiro iria desde então ter o seu nome associado ao design e à manufatura de excelência desde então e progressivamente Caldas da Rainha viu surgir um número de fábricas cada vez mais representativo para o panorama artístico da cidade e para a economia local e a formação de artífices que nelas pudessem trabalhar. Aos dias de hoje são cerca de 50 os autores independentes que aqui fazem produção independente.

Em **1926** José Malhoa, o mais celebrado pintor português dessa época, oferece às Caldas uma tela representando a rainha D. Leonor que a Associação Comercial e Industrial lhe encomendara. Em 1927 é implanta, pela primeira vez, uma peça de escultura pública um busto de Rafael Bordalo Pinheiro, no Parque D. Carlos I. Na exposição regional desse ano, não só a cerâmica artística e as artes plásticas tiveram presença em pavilhões próprios, como o design da exposição foi obra de arquiteto. No ano seguinte, em 1928, é a vez de Malhoa ter um busto seu inaugurado num espaço público, no Largo Dr. José Barbosa. De 1930 data a conclusão do «estudo de urbanização» encomendado três anos antes pela Câmara ao jovem arquiteto Paulino Montês. Ganha forma o projeto de erguer nas Caldas um Museu de Artes, o que implicou a realização de salões de Arte nas Caldas em 1929, 1930 e anos seguintes, com a presença de artistas nacionais. O Museu virá a ser consagrado em 1934 ao próprio pintor José Malhoa. No ano seguinte, a Rainha D. Leonor terá a sua estátua na entrada sul da cidade. Completava-se assim, sob a égide das artes plásticas, o ciclo da refundação iniciado com as exposições da década anterior.

**1929** 1º Salão dos Artistas Caldenses, no Clube de Recreio Francisco Elias, Carlos Neves, José de Sousa, A. Duarte Silva Santos, Casimiro Silva, Eduardo Faria, Henrique Sebastião, Leonel Cardoso, Adelino Carvalho, Luis Teixeira.

**1935** 2º Salão dos Artistas Caldenses Convidados a participar: os miniaturistas barristas como Eduardo Elias, António Vitorino, Adelino de Carvalho, Eduardo Elias (Filho), Francisco Elias; os pintores Carlos Neves, José de Sousa e José Neto; os escultores ; António Duarte e João Frago; os aquarelistas Luiz Teixeira, António Vitorino, Leonel Cardoso e Casimiro

Silva; os caricaturistas Leonel Cardoso, Luiz Neves e Ramalho. Outros: Henrique Ferreira, Henrique Sebastião, Joaquim Correia, José de Oliveira, Rafael Fernandes e Mafra Neves

**1935** Inauguração do novo edifício do Museu Provincial José Malhoa e da Exposição da Estremadura no Parque D. Carlos I Inauguração da estátua da Rainha D. Leonor Autoria: Francisco Franco A Exposição da Estremadura integrava-se nas Comemorações Centenárias da Fundação e da Independência de Portugal. Decorreu no Parque, de 11 de Agosto a 15 de Setembro.

**1945** Fundação da fábrica de cerâmica "Mestre Francisco Elias" Iniciativa de Alberto Pinto Ribeiro, esta fábrica será a antecessora da Secla.

**1950** António Montês profere conferência intitulada "Malhoa Íntimo" Em seguida publicada em livro.

A partir dos anos **1950** do século XX, o Conjunto Cénico Caldense animava Saraus de leitura, música e dança nas noites da década de 50, 60 e 70 na cidade, constituindo uma associação que promovia a cultura nas noites de quem vinha a banhos à cidade.

**1963** Exposição "Cerâmica e Olaria das Caldas da Rainha", no Museu Malhoa. Primeira mostra da cerâmica caldense de Maria dos Cacos a Costa Mota, fundamento do projeto de criação de um Museu de Cerâmica nas Caldas.

Os Encontros Internacionais de Arte de **1977** que decorreram por toda a cidade, com especial incidência no Parque D. Carlos I, foram uma manifestação livre e revolucionária para a época colocando Caldas da Rainha no mapa por críticos de arte, jornalistas e artistas nacionais e internacionais que durante 12 dias intervencionaram de forma diversa a cidade, pelo meio de várias formas de arte, desde a pintura, a escultura, a arte circense ou a performance tendo agitado as águas da sociedade Caldense de então, mas acima de tudo colocado o nome da cidade no mapa internacional artístico do pós 25 de Abril.

#### **Bienais Internacionais de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha.**

Na primeira Bienal de Escultura ao Ar Livre, que decorreu no Museu Municipal António Duarte, entre 3 de Agosto e 29 de Setembro, com a colaboração de António Martins Mendes, António Vidigal e Eduardo Loureiro, integrada nas Comemorações do V Centenário da Fundação do Hospital Termal das Caldas da Rainha, meteu ombros à organização da I Bienal de Escultura ao Ar Livre, no seu logradouro ajardinado em 3 de Agosto desse mesmo ano de **1985**, com a participação de Abel dos Santos, Amaral da Cunha, Antonino Mendes, António Mingocho, António Marinho de Andrade, António Matos, António Vidigal, António Villar de Souza, Carlos Ferreira Soares, Carlos Marques, Domingos Soares Branco, Dorita de Castel Branco, Eduarda Castello, João Barata-Feyo, João Duarte, João Fragoso, João Honório, João Oom, José Aurélio, José Laranjeiro Santos, José Marques Esteves, Luisa Costa Gomes, Luz Correia, Margarida Santos, Maria Barreira, Maria Brigida Arez, Maria Morais, Mariana Augusta Fortes, Paulo Rocha das Neves, Teresa de Vasconcelos, Valadas Coriel, Vasco da Conceição e Zulmiro de Carvalho conforme catálogo da exposição e notas introdutórias de António Duarte em Agosto de 1985.

Já na 2ª Bienal de Escultura e Desenho em **1987**, que decorreu no Atelier Museu Municipal António Duarte entre 4 de Julho e 15 de Setembro, este projeto teve o apoio da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, Escola Superior de Belas Artes do Porto, Cooperativa

Árvore, o Cencal, Centro Hospitalar de Caldas da Rainha, a Casa da Cultura de Caldas da Rainha e o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian como até então foi sendo costume com a participação de 67 artistas, entre locais e nacionais.

A 3ª Bienal de Escultura e Desenho de **1989** que decorreu no Museu Municipal António Duarte entre 5 de Julho e 15 de Setembro, teve os apoios da edição anterior e nesse ano o especial convidado Martins Correia. O Mestre apresentou várias peças escultóricas em bronze pintado e bronze oxidado entre muitos desenhos e ainda 87 artistas Nacionais e vários outros internacionais de 10 países um pouco por todo o mundo.

A 5ª Bienal de Escultura e Desenho de Caldas da Rainha realizou-se entre 14 de Agosto e 30 de Setembro de **1993**, no Atelier Museu Municipal António Duarte, tendo como comissário o Dr. José Sommer Ribeiro, cujos artistas convidados Alberto Carneiro, Ana Vieira, Angelo Sousa, Cristina Iglésias, Eduardo Chillida, Gerardo Burmester, Jene Highstein, João Cutileiro, Joel Fisher, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Nizuma, Pedro Cabrita Reis, Robert Schad, Rui Chafes, Rui Sanches, fizeram parte da exposição com destaque e mais 40 artistas participantes de várias nacionalidades, tendo esta exposição tido o apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

Na Bienal Internacional de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha em **1995**, a programação apresenta trabalhos de José Pedro Croft, Sebastião Resende, Manuel Rosa e Susanne Thémilitz, apresentando várias peças de desenho a escultura que num total de 57 peças pretendem mostrar o que então se produzia no campo das Artes em Portugal e no Mundo.

A artista convidada Marina Abramovic' esteve também nas Caldas da Rainha em 1997 no decorrer da 7ª Bienal Internacional de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha, onde com o apoio do Instituto de Arte Contemporânea, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e a AudioManias, apresentaram um projeto de nome Spirit House com a intervenção no Matadouro Municipal em que a artista reinterpreta o caminho da morte ainda presente na arquitetura e no cheiro que as vítimas aí deixaram.

Ainda em 1997 no decorrer da Bienal o júri selecionou 33 artistas a partir de 254 inscritos e com uma seleção criteriosa foram apresentadas obras internacionais de artistas oriundos da Alemanha, Angola, Bélgica, China, Estados Unidos da América, Gibraltar, Hong Kong, Islândia, Paquistão e Reino Unido comissariada por Manuel Costa Cabral.

Publicação de Catálogo de Exposição A Louça das Caldas na Coleção de Faiança Maldonado Freitas. Exposição na Galeria Municipal Osiris entre 25 de Agosto e 9 de Outubro de **2005** com o apoio da Câmara Municipal de Caldas da Rainha. A notável coleção de cerâmica que o Dr. Artur Maldonado Freitas construiu ao longo das décadas e que foi dado a conhecer em meados da década de 80, deslumbrou pelo facto de congregar três características absolutamente únicas no panorama cultural português: Extensão, qualidade das peças e variedade de proveniências.

No ano em que se comemorou o centenário da morte de Rafael Bordalo Pinheiro, a realização desta exposição foi também uma homenagem a essa figura impar da história e cultura portuguesa, mas não apenas a ele, estendendo-se igualmente a todos os ceramistas que o procederam e que desde a sua morte até ao presente continuam essa nobre tradição.

“Faiança das Caldas da Rainha”. Coleção Berardo **2005**.

Atelier Museu António Duarte. 24 de Setembro a 31 de Dezembro.

No ano em que se comemora o I Centenário da Morte de Rafael Bordalo Pinheiro integrando um ambicioso programa de exposições, a Câmara Municipal de Caldas da

Rainha, juntamente com outras instituições da cidade, de onde se destacam o Museu José Malhoa, o Museu da Cerâmica, o Centro Hospitalar e a Fábrica Bordalo Pinheiro programaram nas exposições realizadas, construir um retrato que exprimisse o carácter multifacetado da vida e obra de Rafael Bordalo Pinheiro e do seu legado, dando continuidade à ideia do Dr. Mário Tavares.

“Bordalo em Espanha”. **2006**. Catálogo de exposição. Comissariado por Nicolau Borges e José Antunes e elaborado e editado por Associação Património Histórico. Grupo de Estudos.

Exposição no Centro Cultural de Caldas da Rainha. Rosto e Identidade. Retratos da Coleção Berardo. 15 de Maio de **2008**. Comissariado por José Antunes com trabalhos artísticos de: Oswaldo Guayasarium, Equador; David Siqueros, México; Fernando Botero, Colômbia; Rafael Coronel, México; Júlio Larraz, Cuba; Moisés Barrios, Guatemala; Mark Lankarster, Reino Unido; Robert Guinan, Estados Unidos da América;; Alessandro Raho, Bahamas; James Rielly, Reino Unido; Rigo, Português; Jason Brooks, Holanda; Rainer Felting, Alemanha; Andy Warhol, Estados Unidos da América, Robert Mapplethorpe, Estados Unidos da América, Thomas Ruff, Alemanha; Robert Silvers, Estados Unidos da América; Robert Wilson, Estados Unidos da América, com vários trabalhos de desenho, pintura e fotografia.

Catálogo de exposição sobre “Manuel Mafra 1829-1905-Mestre na cerâmica das Caldas”. Ceramista da Casa Real. Trabalho desenvolvido pelo Museu da Cerâmica em Maio de **2009**. Com o apoio do Ministério da Cultura, Instituto dos Museus e da Conservação, Museu da Cerâmica com textos de: Dr. Mário Tavares, Dra. Cristina Ramos e Horta, Professor João Bonifácio Serra, Dra. Margarida Elias.



## Bibliografia

1. Martins, Xavier Caneijo. O Património cultural no marketing dos lugares e no desenvolvimento dos territórios rurais: O Concelho do Sabugal, Sabugal. Orientadores Fernandes, João Luís Jesus (sn) 2015. pág. 27.
2. Óbidos, Município de, Catálogo da Bienal Internacional de Óbidos, Cerâmica(1987)(SI)(SN)
3. Óbidos, Município de, Catálogo da Bienal Internacional de Óbidos, Escultura (1989)(SI)(SN)
4. Óbidos, Município de, Catálogo da Bienal Internacional de Óbidos, Pintura (1991)(SI)(SN)
5. Pinheiro, Gabriela Vaz. *Curating the local : some approaches to practice and critique* / coord. ed. e trad. Gabriela Vaz-Pinheiro. Torres Vedras: Artinsite, Transforma, D.L. 2006. - Ed. bilingue em português e inglês, pag. 28 e 35.
6. Horta, Cristina Ramos, Manuel Mafra : *ceramista da Casa Real Portuguesa* . Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2016. - 199, [1] p. : il. ; 28 cm. - ISBN 978-989-658-364-4. Pag. 162 a 177.
7. Serra, João Bonifácio. 21 anos pela História, Caldas da Rainha, estudos, notas e documentos. Património Histórico. Caldas da Rainha 2003. (1ª edição) ISBN 972-8154-23-2
8. Xavier, Isabel; Oliveira, Cláudio; Candido, Paula. Cerâmica das Caldas no Século XX: uma cronologia. Património Histórico-MOLDA (2016) CALDAS DA RAINHA CIDADE CERÂMICA. 978-972-8154-34-9.
9. Óbidos, Município de (2008), Catálogo Junho das Artes 08. [SI][SN]
10. Óbidos, Município de (2009), Catálogo Junho das Artes 09. [SI][SN]
11. Óbidos, Município de (2010), Catálogo Junho das Artes 10. [SI][SN]
12. Óbidos Município de (2005), Fogo e Areia, José Aurélio Escultura.[SI][SN]
13. Óbidos, Município de, Creative Clusters in Low Density, Urban Areas – URBACT Programme, 2011. (SI)(SN)
14. Mateus e Associados, Augusto. O sector cultural e criativo em Portugal. [Consultado em Maio2017] Disponível na Internet: <URL: [www.gepac.gov.pt/gepac...e.../04-o-sector-cultural-e-criativo-em-portugal-vint-pdf.aspx](http://www.gepac.gov.pt/gepac...e.../04-o-sector-cultural-e-criativo-em-portugal-vint-pdf.aspx)> 2010.
15. Gulbenkian, Fundação Calouste. Uma Metrópole para o Atlântico, Sumário Executivo, (2016) [Consultado em Maio 2017] Disponível na internet: <URL: <https://ciencias.ulisboa.pt/sites/default/files/fcul/investigacao/IniciativaCidadesUmaMetropoleParaOAtlanticoVersaoFinal2016.pdf>>
16. Slow cities | Cittaslow: Os espaços urbanos do movimento slow (Ferreira, Seabra e Paiva, Revista Turismo e desenvolvimento, 2014).
17. Building Cultural Bridges in Education, Nataša Bakić-Mirić and Davronzhon Erkinovich Gaipov, 2013.
18. The Touristic- Historic City, G.J. Ashworth, J.E.Tunbridge, Pergamon, 2000
19. Análisis Territorial del Turismo y planificacion de destinos turisticos, Fernando Vera, Tirant lo Blanch2011.

## WebGrafia

20. Caldas da Rainha, Município de. [Consultado em Fevereiro de 2017] Disponível na internet <URL:[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/MUNICIPIO/INFORMACAO\\_CONCELHO/HISTORIA/Hist%C3%B3ria%20e%20geografia.pdf](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/MUNICIPIO/INFORMACAO_CONCELHO/HISTORIA/Hist%C3%B3ria%20e%20geografia.pdf) >
21. Óbidos, Município de. [Consultado em Fevereiro de 2017], Disponível na internet <URL:<http://www.obidos.pt/default.aspx>
22. IHRU [Consultado em Fevereiro de 2017], Disponível na internet <URL: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx) (Acedido em março 2017)
23. Wikipédia [Consultado em Maio de 2017]. Disponível na internet <URL: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldas\\_da\\_Rainha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldas_da_Rainha)
24. Cidade imaginária. [Acedido em janeiro 2017] Disponível na internet <<http://www.cidadeimaginaria.org/inv/CaldasCronologia.pdf>
25. Caldas da Rainha, Município de. [Acedido em maio de 2017] Disponível na internet < [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR/VISITANTE/MUSEUS/CENTRO\\_ARTES](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/MUSEUS/CENTRO_ARTES)
26. Leopoldo de Almeida. [Acedido em março de 2017]Disponível na internet < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopoldo\\_de\\_Almeida](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopoldo_de_Almeida)
27. Site da Vila Natal. Óbidos. [Consultado em Janeiro de 2017]Disponível na internet < <http://obidosvilanatal.pt/>
28. Oeste global. Gastronomia. [Consultado em Abril 2017]Disponível na internet<[https://portal.oesteglobal.com/Gastronomia\\_1#.WSnlO2jyvIU](https://portal.oesteglobal.com/Gastronomia_1#.WSnlO2jyvIU)
29. O Código de Procedimento Administrativo e a atividade de polícia. [Consultado em Abril 2017] Disponível na internet. <[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4401/o\\_codigo\\_de\\_procedimento%20administrativo\\_e\\_a\\_atividade\\_de\\_policia.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4401/o_codigo_de_procedimento%20administrativo_e_a_atividade_de_policia.pdf?sequence=1)
30. Associação Quadrilátero. [Consultado em Maio de 2017]Disponível na internet < <http://www.quadrilatero.eu/>
31. Acta do VII Congresso Português de Sociologia.pdf. [Consultado em Abril 2017]Disponível na internet <[https://www.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0410.pdf](https://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0410.pdf)
32. Josefa de Óbidos. [Consultado em Fevereiro de 2017]Disponível na internet <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Josefa\\_de\\_%C3%93bidos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Josefa_de_%C3%93bidos).
33. Site do posto de turismo de Carcassonne [Consultado em Maio de 2017]Disponível na Internet <<http://www.tourism-carcassonne.co.uk/>
34. Site do Posto de turismo de York[Consultado em Maio de 2017]Disponível na internet < <http://www.visitork.org/>
35. Site do Posto de Turismo de Toledo. [Consultado em Maio de 2017]Disponível na internet< <http://www.toledo-turismo.com/en>
36. Site da APDR- Associação Portuguesa para o desenvolvimento Regional [Consultado em Setembro de 2017] Disponível na internet <<http://www.apdr.pt/siteRPER/numeros/RPER15/15.2.pdf>